

REVISTA DA SEMANA

N.º 24

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil

12-6-48



**NINGUEM DIZ... MAS
JÁ PASSEI
dos 50!**



*Esta senhora providente preferiu,
os produtos vulgares, a Quina
Petroleo Malibú! E hoje mostra,
na beleza irradiante dos seus
cabelos, os efeitos maravilhosos
da pilocarpina, composição
mágica da Quina Petroleo
Malibú!*

**SEJA A SENHORA TAMBEM
DAS QUE FICARÃO NOS 50!**

*Com uma simples apli-
cação diaria, após o ba-
nho, a Quina Petroleo
Malibú elimina a cas-
pa e evita a queda
dos cabelos*



MEALHA
DE OURO
1941 FEITA NA
CONAL DE
IN-UN-
TIMAS

Malibú
quina petroleo

À VENDA EM TODO O BRASIL, NAS BÔAS CASAS DO RAMO

A CONQUISTA DO DANÚBIO

O Danúbio das minhas lembranças é um cachorro. Por falta de sorte, nem mesmo era de raça. Ou se era, não está catalogado nos quadros dos meus conhecimentos caninos. Sei que era um enorme cachorro, preto, com algumas malhas brancas, cheirava mal e tinha um jeito de bravo. Pertencia a uma coletividade. Havia um grupo de umas cinco ou seis casas iguais com um pátio na frente. Uma avenida, como se costuma dizer. Danúbio pertencia a todos. Merava no pátio, comia no pátio, dormia no pátio. Não tinha preconceito, de forma que abanava o rabo indistintamente aos visitantes e aos moradores. Nas noites de lua ladrava e gania. Alguém abria a janela e gritava: "cala a boca, Danúbio!" Se estava em maré de obedecer, obedecia. Se não estava, continuava ganindo. As pessoas iam acordando, ouvindo os ganidos e se explicavam conferidas: "É o Danúbio".

Nunca scubemas direito se ele tinha sido largado ali por algum morador, ou, se tinha vindo espontaneamente. Quando fomos morar naquela avenida, ele estava lá, e, eu e meus irmãos, muito nos enganamos quanto à brabeza dele. Era um cachorro sossegado. Num instante aderiu, quando quisemos fazer amizade com ele. Nas manhãs em que meu irmão ia ao mercado, ele o acompanhava. Quando eu estava com vontade de fazer minha boneca dar um passeio a cavalo, o Danúbio saía pelo pátio balançando, balançando, carregando a boneca no lombo. Era um sócio efetivo nos nossos pedaços de bolo, nos biscoitos, nas sobras da cozinha. Mas, por mais que fizéssemos força para conquistar o Danúbio totalmente, nunca tivemos êxito. Era muito amigo, muito amigo, mas continuava no pátio. Era de todos. Um dia o pegamos à força. O Danúbio virou uma fera. Tiramos que soltá-lo, de botá-lo outra vez no pátio. Cachorro medonho para ter opinião.

Aconteceu que um dia veio um temporal. De repente. O vento começou a atirar as janelas e as portas umas contra as outras. Roupa que estava secando voava alto, pulava o muro, ia rolar no quintal do vizinho. Frutas que iam amadurecer se despencavam com força de pedradas. Entre uma corrida atrás de uma toalha e outra corrida para uma janela que esLOURAVA, pessoas se encontravam e se gritavam "desligue a luz", — "cubra os espelhos". Trovoada. Relâmpagos da gente ver tudo azulado em roda. Estouros dos mais espetaculares. E, logo em cima, chuva.

Ninguém se lembrou do Danúbio. A água corria nas calhas como se o mundo fosse acabar. O pátio estava que era uma lagoa. A chuva era tão violenta que não se podia enxergar direito a rua. De

repente, se ouviu um gemido. Tão triste, tão cheio de medo, que ninguém o confundiu com o vento.

Meu irmão apanhou um guarda-chuva, um cobertor e avisou: "Vou buscar o Danúbio". Ninguém o impediu. O cachorro entrou em casa num estado deplorável. Fizemos nele as mais violentas massagens. Depois de seco, comeu, dormiu, e, no dia seguinte, voltou para o pátio com a mesma cara de sempre. Ninguém percebeu nada, ele não deu a menor demonstração de gratidão. Era um cachorro muito discreto.

Muitos meses depois nos mudamos. Não íamos para muito longe, mas, de qualquer forma, íamos sentir falta do nosso amigo. Estávamos conformados. Muita gente tinha se mudado, sem que o Danúbio se alterasse. Acompanhava até a saída, abanava muito o rabo e voltava para o seu canto. No dia seguinte estava fazendo festa ao novo morador. Fomos embora. Quando saiu o último pacote, o Danúbio saiu atrás. Foi conosco até a casa nova. "Está se despedindo da gente", foi o pensamento geral. Ficou para jantar. Dormiu. No dia seguinte estava lá. Meu pai, com muito jeito, tratou de levá-lo de volta para a Avenida. Danúbio foi. Quando meu pai voltou, ele vinha atrás.

Houve indignação na Avenida. Veio uma comissão de senhoras à nossa casa exigir a volta do Danúbio. Era patrimônio da Avenida. Não tínhamos o direito de ficar com ele. Arranjaram uma corda, amarraram o Danúbio e ele foi. Dali a meia hora estava de volta, com um pedaço de corda amarrado no pescoço e sinais de que havia lutado muito para conquistar a liberdade. Em vista desse seu esforço, minha mãe tomou uma decisão. Podia ir até o presidente da República buscá-lo, porque ela não entregava.

Felizmente o presidente, que, nessa época, era Artur Bernardes, não teve essa lembrança. Senão teria sido uma derrota medonha. O Danúbio não queria saber de nada. Um dia revelou uma habilidade. Pegava rãs. Ficamos orgulhosos. Mas o Danúbio era muito displacente, aquilo foi só para mostrar. Caçou uma vez, recebeu nossos cumprimentos e nunca mais se meteu com as rãs. Foi ficando cada vez mais preguiçoso. Estava velho. Um dia amanheceu morto.

Eu e meus irmãos, chorando muito, fizemos o enterro do Danúbio. Pusemos uma cruz em sua sepultura, mas minha mãe disse que não precisava. Meu irmão queria saber se cachorro tinha alma. E o mais novo ficou excitado, só de lembrar que um dia poderíamos cavar o chão e apareceria um esqueleto. Nunca tivemos coragem de cavar o chão. Creio que seus ossos ainda devem estar lá, junto da tanque-reineira. Ou era da laranjeira? Não sei, não me lembro mais.

LÚCIA BENEDETTI

SUMÁRIO:

COLABORAÇÃO

- A conquista do Danúbio (Lúcia Benedetti) 3
Um dos mais nobres gestos da Revolução Francesa de 1848 (H. Godin) 18

BIOGRAFIA

- A vida de Charles Dickens (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) 37

CARICATURA

- Bom humor 25

REPORTAGENS

- "Dou-lhe uma... dou-lhe duas... dou-lhe três!" (Ney Machaão) 6/11
Notas à margem de "Tobacco Road" (Michel B. Kamenka) 14/17

- Outra vitória de Genolino Amado (Demóstenes Varela) 26/29
Um hóspede de honra do Brasil 30/33

CONTOS

- A pedra do coronel Fulgêncio (Dirceu Quintanilha) 19
Mais uma história (T. Almeida) 20/21
João Urso (John Steinbeck) 22/23

SEÇÕES PERMANENTES

- A Semana em Revista 4
O Mundo Marcha 5
Música 24
Cine Revista 34
O Filme da Semana 35
Broadcast 36
Livros Novos (João Luso) 38
Cancioneiro Internacional 50
Pelos estradas do céu 56

SUPLEMENTO DA MULHER

- Nos bastidores femininos (Kitty) 39
Ópera (Modelos especiais) 40/41
O espírito feminino através dos tempos 44
A personalidade da semana (Sarah Marques) 45
Mães e filhos (Zóia de Laet) 46
Muro das lamentações 47
"Week-end" na cozinha (Marie Cook) 48

FOLHETIM

- Na esteira do "Bruxo Vermelho" (Garland Roark-F. R. Gruger) 57/58

ILUSTRAÇÃO

- Ana Zagorska
Abelardo Zaluar
Fernando Pereira

NOSSA CAPA

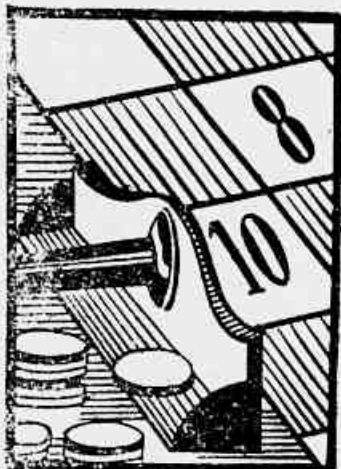
REVISTA DA SEMANA



Figura hoje em nossa capa a figura exótica e cheia de personalidade de LORETTA YOUNG, "estrela" da RKO-Radio, uma das veteranas de Hollywood, que estão vencendo o adversário mais terrível: o tempo. Antes de começar o declínio de sua carreira (que, acreditamos, deve estar longe), ganhou o "Oscar" da Academia de Cinema de Hollywood com sua interpretação em "Ambição", que veremos brevemente. Outro filme de LORETTA YOUNG que se anuncia é "Um anjo caiu do céu", ao lado de Cary Grant, com o qual já fez esplêndidas comédias. Como se vê, LORETTA volta aos fãs em grande forma.

a Semana em Revista

A CAMPANHA CONTRA A JOGATINA



No momento em que se processa necessária e enérgica campanha policial contra a desenfreada jogatina que vem dominando a cidade e, particularmente, o bairro de Copacabana, o paraíso dos cassinos clandestinos, muita gente se tem enfeitado com as glórias de haver suscitado o interesse das autoridades para esses focos de corrupção social. Entretanto, é preciso que se dê a César o que é de César, — e é por isso que REVISTA DA SEMANA faz questão de reclamar a prioridade dessa campanha, apontando, como o fez, em longa e minuciosa reportagem, os disfarces assumidos pelos jogos proibidos em nossa capital. Nessa reportagem, "O jogo acabou... pois, sim!" — corajosa-

mente realizada, com a indicação, inclusive, de uma das mais famosas "fortalezas" do jogo do bicho, quase nas barbas da própria Chefatura de Polícia, fizemos um exame completo da situação reinante, indicando vários dos cassinos clandestinos, nos quais eram admitidos jogadores a qualquer hora do dia ou da noite, mediante filiação como sócios... Eram, aparentemente, clubes recreativos ou esportivos, mas a recreação ali era a do baralho e o esporte o dos valetes, damas e reis... Isto sem falar em apartamentos alugados com a finalidade exclusiva da exploração da batota, numa cidade em que é aguda a crise de habitações, quase não se tem onde morar e há seis mil despejos por ano... O delegado Dulcídio Gonçalves, assumindo a direção da campanha contra o jogo, varejou em Copacabana um cassino clandestino, prendendo em flagrante vários jogadores. O caso teve grande repercussão, inclusive nas casas do Parlamento. E, em seguida, a eficiente autoridade resolveu cassar as licenças a vários clubes que exploravam o jogo, entre os quais

a Embaixada do Sossêgo, o Clube dos Fenianos, o dos Tenentes do Diabo, o Sírio-Libanês, o Xadrez Clube, o Olímpico, a Associação dos Cronistas Desportivos (puxa! até com esse rótulo!), o Monte Líbano, os Pierrots da Caverna, o Centro Paulista, os Turunas de Monte Alegre e uma infinidade de outros. O que é conveniente é que a campanha não esmoreça e que o delegado Dulcídio Gonçalves seja prestigiado em sua ação, — inclusive quando tiver de agir contra certos elementos da própria organização policial, sabidamente associados aos lucros da jogatina, fingindo ignorância e deixando os jogadores na santa paz do Senhor... E' disso, aliás, que tem vivido, até aqui, o inextirpável jogo do bicho... Aqui estamos para aplaudir o delegado Dulcídio Gonçalves, que terá realizado uma obra social benemérita se conseguir acabar na prática com o jogo que o general Eurico Gaspar Dutra não acabou senão em teoria, não por falta de vontade de fazê-lo, mas por falta de vigilância da Polícia.

A QUEDA DE UM DITADOR



Depois de ter sido o Paraguai banhado em sangue, numa revolução de trágicas consequências, ainda há poucos meses, — e refletida em nossas páginas em reportagem especial, — o ditador Higinio Morínigo, que se mantivera de pé ante as balas dos seus adversários, foi deposto por um golpe branco, por um ultimatum militar, em tudo por tudo parecido com o 29 de outubro de 1945. Sendo que não seria possível a manutenção, por mais tempo, de sua férrea ditadura, o general Higinio Morínigo resolveu caminhar para as eleições, mas não logrou impôr a si próprio como candidato. Ao seu nome, os elementos ligados ao seu partido preferiram o de um de seus ministros, Natalicio Gonzalez, aliás

um escritor de certo talento e renome. As eleições se realizaram, — e só nisso diferiu o caso paraguaio do nosso 29 de outubro, — e Natalicio Gonzalez foi eleito. Mas o general Higinio Morínigo, sem refletir na recente lição brasileira, parece ter começado a tecer os pauzinhos no sentido de evitar a posse de seu ex-ministro, tal qual nosso ex-ditador tentava evitar a eleição do seu ex-ministro da Guerra. Houve uma completa e violenta repulsa contra os manejos do general e o Legislativo paraguaio, para salvaguardar os funcionários das iras do ditador, aprovou uma lei segundo a qual estes não podiam ser transferidos... E, para que o caso chegasse ao seu ponto nevrálgico, o general resolveu remover do cargo o chefe de Polícia, tão dedicado lhe fôra durante os dias da revolução (no Brasil o sr. João Alberto tivera a mesma dedicação para com o sr. Getúlio Vargas na revolução paulista...) e o resultado disso foi o ultimatum ao ditador, para que abandonasse o poder, passando-o ao ministro Linhares de Assunção, o sr. Frutos... Embora não

tenha mudado muito a situação do Paraguai, pois os homens que estão no poder são os mesmos que ontem formavam a "entourage" de Higinio Morínigo, o fato é que parece já não existir clima para a volta do país a uma truculenta ditadura, sendo de esperar que a lição do ditador deposto aproveite a Natalicio Gonzalez. Se este fôr inteligente, concederá anistia aos exilados e presos políticos, concederá aos paraguaios as liberdades que lhes faltam, inclusive a de imprensa, e encaminhará a pequena nação sul-americana, sofredora e sangrando ainda das lutas de ontem, a um destino melhor, ao destino democrático que lhe tem sido negado. Tombado Morínigo, resta apenas, em nosso continente, um ditador no poder, — e precisamente o pior de todos eles, o sanguinário feitor da República Dominicana, o sr. dom Rafael Leonidas Trujillo Molina, que se intitula pitoresca e modestamente "el padre de la patria, el benefactor de la nación". Mas com certeza o seu dia também chegará...

O VOTO FEMININO E A IDADE DAS MULHERES



Os regimes fascistas primavam em prescindir da colaboração da mulher na vida pública. Segundo o conceito nietzscheano, "a mulher é o repouso do guerreiro" e não deve ser mais do que isso. Ainda agora, lendo as memórias do dr. Joseph Goebbels, o diabo coxo da propaganda nazista, o famoso ministro das Informações de Hitler, encontramos uma tirada nesse sentido. E' quando ele conde-

"As mulheres que se metem com a política, — escrevia Goebbels, — não têm imaginação suficiente para ver o outro lado da questão. Nem as mulheres têm cabeça suficiente para levar em conta a situação geral do mundo e para compreender que os bombardeios não são mais do que um simples episódio. Quando se metem em política, as mulheres só servem para atrapalhar". Pensamento tipicamente fascista, — e a prova de que as mulheres não atrapalham tanto é que a Alemanha foi vencida por países em que elas têm todos os direitos civis e políticos, participando plenamente da vida pública, inclusive do Parlamento. E' curioso assinalarmos que, embora o general Juan Domingo Perón tenha sido muito criticado e apontado por tendências totalitárias, foi ele, o seu governo, o seu partido, quem incorporou a mulher argentina à vida pública do país, concedendo-lhe o direito de votar

e ser votada. Eva Perón, a esposa do governante argentino, tem feito uma grande campanha, no sentido de fazer com que as mulheres do seu país, de quaisquer classes sociais, participem da vida política argentina. E, como complemento disso, acaba de ser baixada, na Argentina, uma lei queamenta o eleitorado feminino da exigência de declaração de idade. Bastará que o título eleitoral tenha sido expedido, — e se o foi é por se tratar de pessoa de maior idade... A decisão é curiosa e mostra que os argentinos herdaram alguma coisa do cavalheirismo espanhol, de que D. Quixote de la Mancha foi o mais lídimo representante... Com tantas cortezias e franquias às mulheres, o general Perón deve estar conquistando simpatias e, sem dúvida, com isso é inegável que se afasta da linha nazi-fascista...

ANO XLVII
N.º 24 — 12-6-48

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário:

R. MAGALHAES JUNIOR

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses — Cr\$ 70,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00

O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Vicente de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570;
Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5802

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguilar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Perelra de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1748, Montevideu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



Calu um ditador! Higino Morinigo foi deposto pelas Forças Armadas do Paraguai. Substituiu-o, provisoriamente, o presidente do Supremo Tribunal. Esperamos que a democracia surja naquele país e apareçam outros partidos, além do Colorado — partido do governo, sem rival, sem concorrentes... Discute-se — fora da Rússia, é claro — quem será o sucessor de Stalin. O ditador vermelho está com setenta anos de idade e pode "bater a bota" de uma hora para outra... Já que tratamos do assunto, vale noticiar que foi eleito o presidente constitucional de Cuba, sr. Carlos Prío Socarras, que prometeu, após a posse, aderir ao Plano Marshall, promover investimentos de capitais norte-americanos em sua ilha e combater ferozmente o comunismo... Foi iniciado pelo ditador Salazar o processo contra altas patentes do Exército, Marinha e homens de letras, acusados de tramarem uma revolução contra o seu governo inconstitucional e arbitrário... Em Hollywood, oito mil trabalhadores do cinema — extras, técnicos, operários, "astros", "estrelas" e canastrões — preparam-se para uma greve geral a iniciar-se em 1º de agosto, caso não sejam atendidos no seu pedido de aumento de salário... O rei Farouk, líder dos árabes na luta contra os judeus, reafirmou que as nações árabes não se conformarão nunca com a criação do Estado de Israel. E a guerra na Terra Santa continua, enquanto os judeus do Rio e de outros lugares remetem sangue, plasma e dinheiro para os seus irmãos de raça... A sra. Regina Hamburger, de Los Angeles, U.S.A., requereu divórcio alegando que o seu marido tinha a mania de cozinhar e que com isto a obrigava a comer durante semanas bifes queimados e pratos mal temperados. O juiz concedeu o divórcio... O sr. Zeferino Contrucci, representante dos consumidores na Comissão Central de Preços, denunciou que muita gente quer se aproveitar da escassez do trigo para explorar o povo e citou o caso de uma firma de engenharia, que insistira junto às autoridades a fim de obter autorização para importar farinha de trigo dos Estados Unidos. Seria o caso de os padeiros requererem à Prefeitura licença para construir arranha-céus... O delegado Dulcídio Gonçalves, numa campanha louvável, está procurando exterminar os cassinos clandestinos que infestam a cidade, principalmente em Copacabana. Acontece, entretanto, que os jogadores de "pif-paf", presos em flagrante, ficaram detidos vários dias, pois que o juiz da Vara Criminal para onde fora remetido o processo se julgara incompetente para julgar o pedido de "habeas-corpus". De outro lado, os peritos criminais continuam afirmando que "pif-paf" não é jogo de azar. Enquanto se esclarece essa dúvida transcendental, os parceiros "mofam" no distrito, jogando se "lona" para se distraírem... A Câmara dos Deputados da Argentina aprovou uma lei permitindo a omissão da idade nos títulos eleitorais femininos. Os deputados reconheceram que para as quarentonas a declaração da idade era o principal obstáculo que as impedia de se tornarem eleitoras... Ainda há muita gente decente neste mundo de Deus. O espectador de um cinema de San Javier, no Uruguai, revoltado com as ciladas que os bandidos preparavam para o mocinho, puxou do seu "cospe-fogo" e sapecou meia dúzia de balas na tela. A polícia interveio e prendeu o homem de tão bom coração... Um semanário nos dá notícia de que uma senhorita, de nome Virginia Leigh, a mais famosa (?) debutante novayorkina deste ano, comparece a cinco festas por dia, tem no seu "carnet" o endereço de dois mil rapazes e possui trinta vestidos de baile de cinco mil cruzeiros cada um. A reportagem não esclarece, contudo, o que miss Virginia faz de útil na vida... Investigadores da Delegacia de Costumes e Diversões estão realizando uma campanha ampla e inteligente contra os vendedores de tóxicos e entorpecentes. Entre os detidos, traficantes de morfina, cocaína e injeções de "Belacoid", figuram: o estudante de Medicina Avelino Duarte da Silva, morador à rua Correia Dutra nº 72, e o representante dos Laboratórios "Climax", Aristides Fillone, residente à rua Almirante Tamandaré nº 34... O reverendo Hopkins Battersea, dos Estados Unidos, inaugurou em sua paróquia um clube para namorados, procurando com isso evitar o namoro no escuro, nos becos, etc. A Polícia Especial do Rio, que se mostra tão zelosa, prendendo os casais que se abraçam ao longo do cais, poderia inaugurar um clube semelhante ali no morro de Santo Antônio... A Comissão de Finanças da Câmara aprovou o projeto de lei que trata da participação do empregado nos lucros das empresas. A participação será de 30% sobre o lucro líquido que o patrão declarar no balanço, e o empregado terá direito ao mesmo depois de passar por uma série de testes, que se convertem em pontos. De acordo com a matemática de um nosso colega, isso tudo vem dar, no fim do ano, uma quantia igual à bonificação concedida pela maioria dos empregadores no Natal, que é a de um mês de salário. Por aí se vê que a Câmara não trouxe grandes vantagens para os assalariados... A Câmara dos Lords da Inglaterra não atendeu a um pedido do governo no sentido de ser abolida a pena do chicote nas penitenciárias do país. Não compreendemos como os lords britânicos podem deliberar sobre uma coisa que não lhes interessa. Não são eles que recebem as chicotadas... Faleceu no Rio a sra. dona Luiza de Freitas Vale Aranha, mãe do embaixador Osvaldo Aranha... Os diretores do Banco do Brasil estão agindo ditatorialmente, prendendo e transferindo vários funcionários daquele estabelecimento, somente porque se esboçava entre estes um movimento de solidariedade ao seu antigo companheiro de trabalho Luciano Baccalar Couto, ex-dirigente do Sindicato dos Bancários e comunista militante. Para a defesa da democracia, é preciso que o ministro da Justiça instaure um inquérito sobre as ocorrências provocadas por diretores do Banco do Brasil... Em Greenville, Estados Unidos, uma parelha de mulas apostou corrida com o expresso (?) Cleveland-Greenville e ganhou com a vantagem de dez minutos. Para a desforra de Irajá, quem mancou desta vez foi o expresso... O Tribunal Superior Eleitoral vai deliberar sobre o mandato de comunistas eleitos sob outras legendas. Na Câmara Federal estão nesta situação os deputados Pedro Pomar e Diógenes de Arruda Câmara, eleitos, respectivamente, sob as legendas do P.S.P. e P.S.D... Foi descoberto que a tabela de aumento do funcionalismo proposta pelo DASP tem coisas curiosíssimas. Assim é que o cargo de presidente do DASP, cujos vencimentos atuais são de sete mil cruzeiros mensais, seriam elevados para vinte mil cruzeiros! Simples diretores de seção daquela autarquia ficariam com salários iguais aos de general de divisão, isto é, com dezesseis mil cruzeiros! Os autores do orçamento daspeano sabiam aquele provérbio que começa assim: "Quem parte e reparte e não fica com a maior parte..." O sr. Pascoal Segreto denunciou claramente haver um "trust" cinematográfico, controlador das casas de exibição, dos filmes e voraz no aumento dos preços das entradas. De posse dessa informação abalizada, um dos membros da C.C.P. declarou que o seu órgão vai estudar o assunto. Naturalmente não chegará a resultado algum que impeça os "tubarões" exibidores explorarem o público... O detective Ernani descobriu mais um furto de automóveis. Desta vez foi o "Fiat" 2-75-78, e os autores do roubo foram os cadetes Jorge Santos Rosa, nº 1.205, e Luis de tal, nº 435. Sabe-se que os culpados serão expulsos da Escola Militar... A temporada teatral está abafando. Até mesmo os "fãs" de cinema estão preferindo o teatro. Pode-se dizer que cada peça em cartaz no Rio é um sucesso autêntico. Com esta boa notícia nos despedimos... até sábado...

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; enfim não se tem vontade



nem coragem nenhuma de trabalhar!

Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convém usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

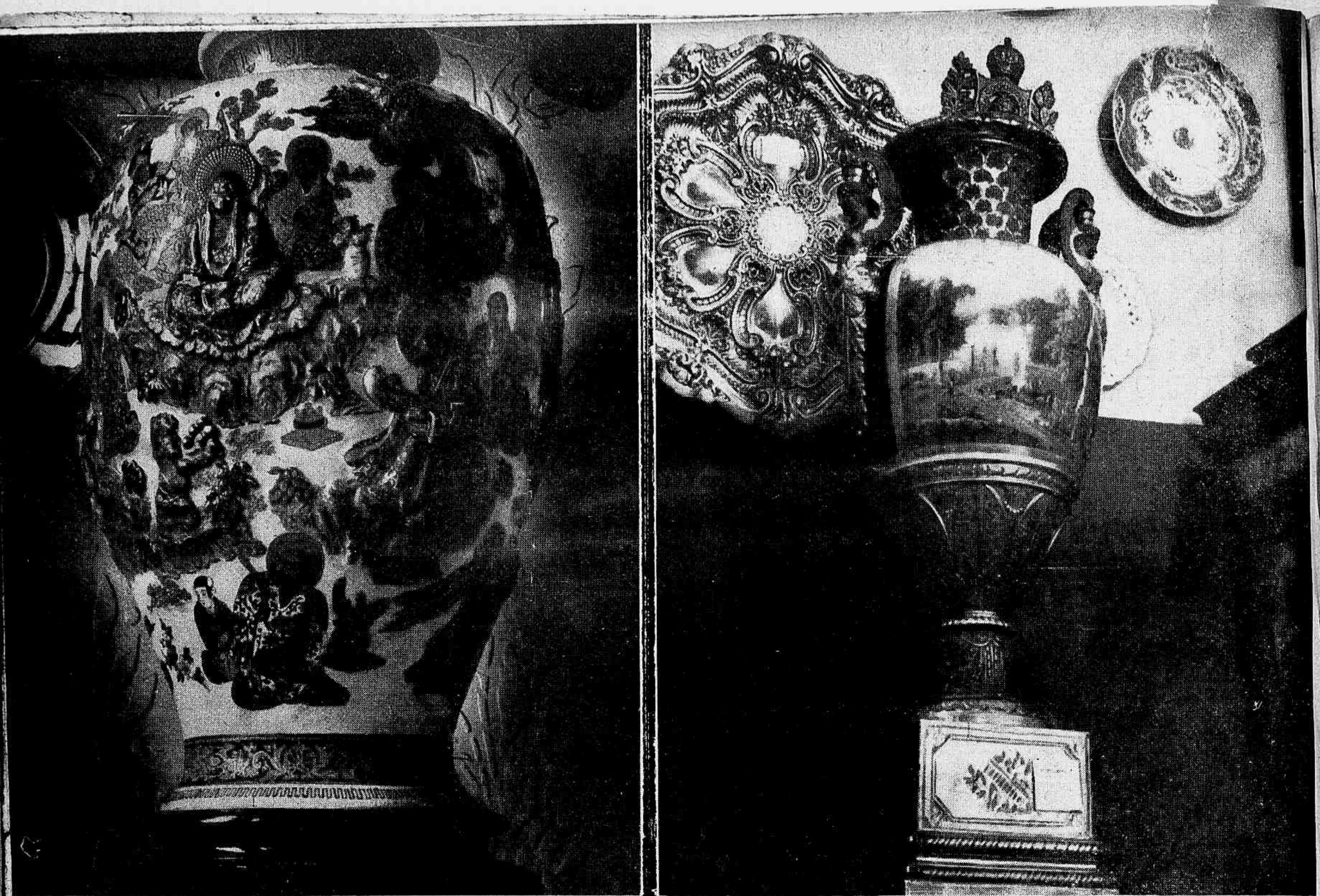
2 — O contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

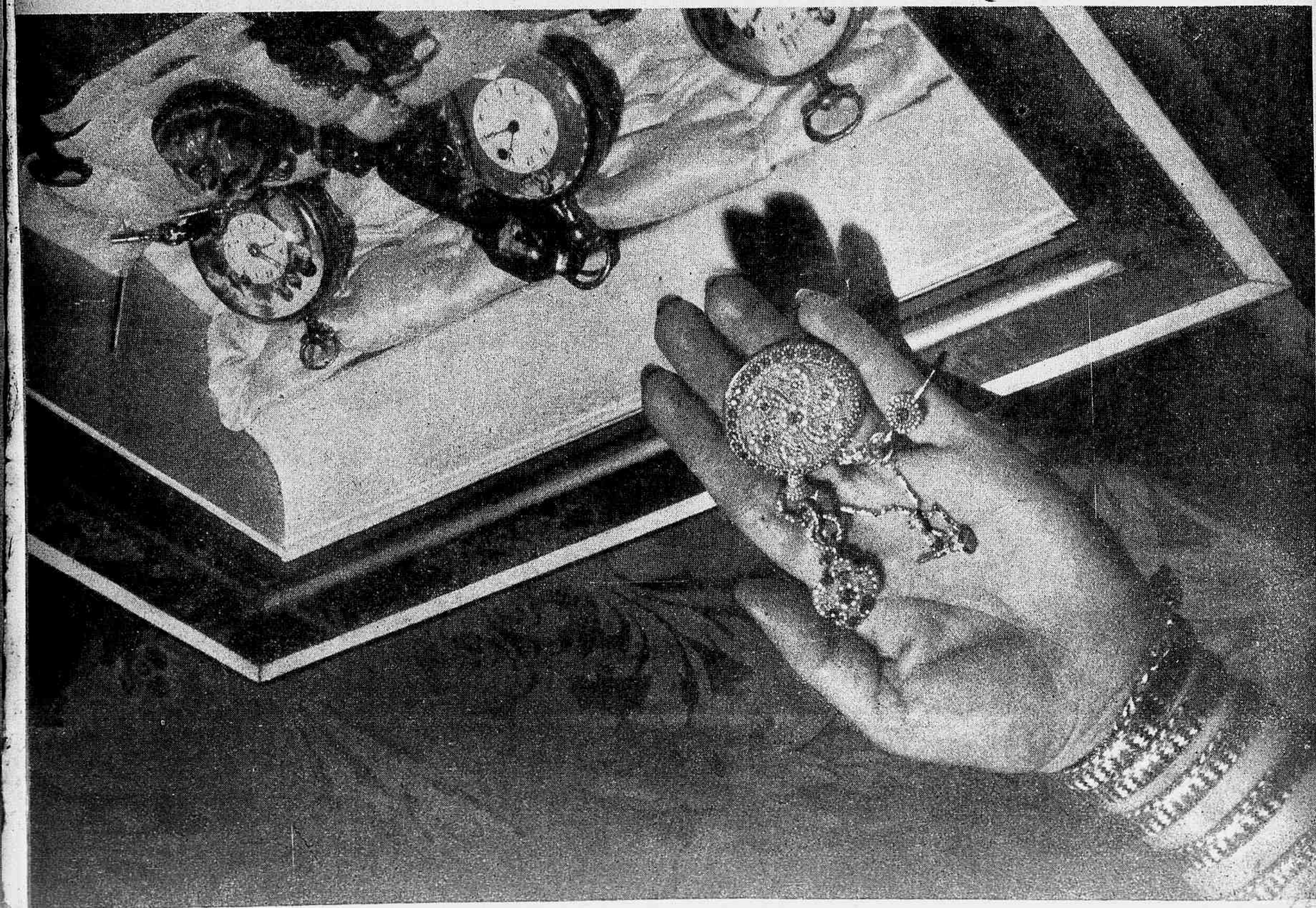
4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



Em cima, à esquerda: Um majestoso vaso de porcelana Ming — faz par com outro jarro idêntico — e que possui a respeitável idade de trezentos anos. Foi doado por um imperador japonês a um embaixador de Portugal que lá esteve em missão profissional. À direita: outro bellissimo vaso que serviu de adorno à sala do trono dos imperadores do Brasil. Ambos pertencem à coleção Ignacio Areal. Em baixo: parte da coleção de relógios do senhor Carlos Frederico Silva. Na mão da senhora Carlos Frederico está um precioso exemplar, todo incrustado de pérolas e esmeraldas, feito para um barão húngaro em fins do século XVIII. O seu atual proprietário já teve uma oferta por este relógio de cem mil cruzeiros.





O leiloeiro honorário Gastão Lamounnier, com o catálogo em uma das mãos e o lapis na outra, incita freneticamente os espectadores. — Ninguém dá mais?... Dez mil cruzeiros! dez mil cruzeiros! dez mil cruzeiros!... A voz do leiloeiro provoca comichões na garganta dos prováveis compradores e quando a pessoa menos espera está gritando para o apregoador: — “Dez mil e quinhentos”. O leilão é um vício para muita gente e há os que não podem resistir a gritar um lance como outros não conseguem deixar de jogar “pif-paf”

DOU-LHE UMA... DOU-LHE DUAS... DOU-LHE TRÊS!...

A PROFISSÃO QUE DISPÕE APENAS DE VINTE PROFISSIONAIS ★ IMUNIZAÇÃO CONTRA O VICIO DE COLECIONAR ★ O LEILOEIRO DO INTERIOR E O LEILOEIRO DA METRÓPOLE ★ OS TRUQUES DA PROFISSÃO E A AJUDA DOS “FARÓIS” ★ O LEILÃO DO PAÇO IMPERIAL ★ O “LEILÃO AMERICANO” E O ENGANADOR “LEILÃO DE LOJA” ★ O FREGUÊS DAS VIÚVAS E A PROPRIETÁRIA QUE IMPEDIU O PRÓPRIO LEILÃO

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

DE todas as profissões do Rio é a dos leiloeiros a que conta com menor número de profissionais. Para dois milhões de habitantes, possuímos apenas vinte leiloeiros autorizados, afora seis porteiros de auditório do Forum que funcionam ocasionalmente nos leilões profissionais. Deveria ser difícil para uma classe tão reduzida organizar o seu sindicato, mas eles já têm o seu que, como todo órgão de classe, não reúne em seu quadro todos os profissionais. O leiloeiro Tupinambá fez questão de ficar do lado de fora. Se isso não tivesse acontecido o Sindicato dos leiloeiros poderia gabar-se de ser o único em que todos os profissionais da classe estavam sindicalizados. Como o número desses profissionais é reduzidíssimo, trabalho não lhes falta. Mais de meia dúzia dos nossos leiloeiros (Afonso Nunes, Ernani, Arlindo, César, Gianini, etc.) fazem dois leilões por dia. Estamos apostando que muita gente já está pensando em se tornar leiloeiro e alguns perguntarão mesmo porque existem tão poucos. Simplesmente porque o cargo é privilegiado, depende de nomeação direta do Presidente da República, tal qual os ministros, tabellães e corretores de fundo. O leiloeiro, como o tabellão, merece fé pública. E, além do mais, cargo vitalício e só por morte de um leiloeiro alguns dos atuais candidatos poderão pretender nomeação. Como se vê, é mais fácil tornar-se presidente da República do que apregoador de leilões. Alguém nos perguntou se todos eles se tornam milionários, após alguns anos de atividade. Investigamos e cremos poder afirmar que isto geralmente acontece. Pelo menos desde que exista esta profissão e os primeiros

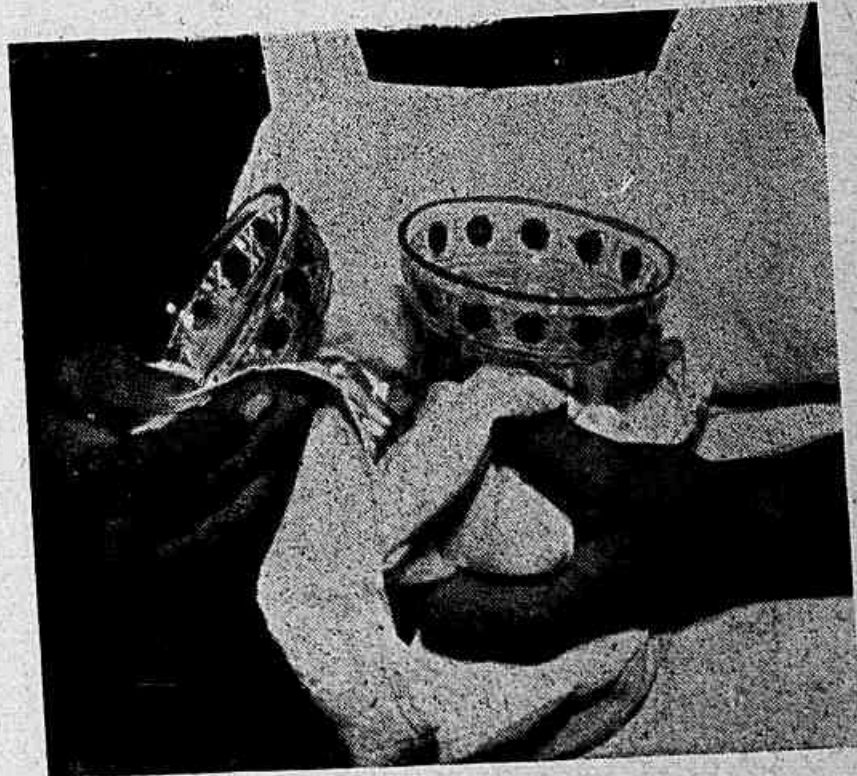
apareceram no Império, nunca se soube que um deles tivesse requerido falência, concordata ou coisa semelhante. Nem mesmo que tivesse algum deles trocado de profissão. São os únicos comerciantes que desconhecem a falência, letras protestadas e leilões judiciais de coisas próprias, embora já tenham apregoado centenas de casas de pessoas falidas.

O LADO ARTISTICO DA PROFISSÃO

Além da estabilidade financeira, a profissão de leiloeiro tem ainda um outro lado agradável. É a sua obrigação intromissão no terreno dos objetos de arte, das antiguidades, das joias preciosas. Vez por outra aparece para o profissional a oportunidade de leiloar uma coleção de raridades, de porcelanas, baixelas, quadros e cristais. Isto faz com que todo o leiloeiro seja pelo menos meio entendido na matéria. Conhecem pessoalmente quase todas as famosas peças dos nossos museus e podem distinguir de relance se uma porcelana pertenceu à família imperial brasileira, se foi fabricada pela famosa Companhia das Índias ou se é do tempo da dinastia Ming. Entretanto, coisa bem curiosa, nenhum leiloeiro até hoje tornou-se ele próprio colecionador de objetos de arte. Com exceção do senhor Paula Afonso, possuidor de magnífica coleção de quadros, nenhum outro leva para sua própria casa os objetos que leilões e sobre os quais conta maravilha aos fregueses. Em casa de ferro e estêpo de pau — ditado que cabe como uma luva para os leiloeiros, que se imunizam, ao que parece, do vício de colecionar.

OS ESPECIALISTAS

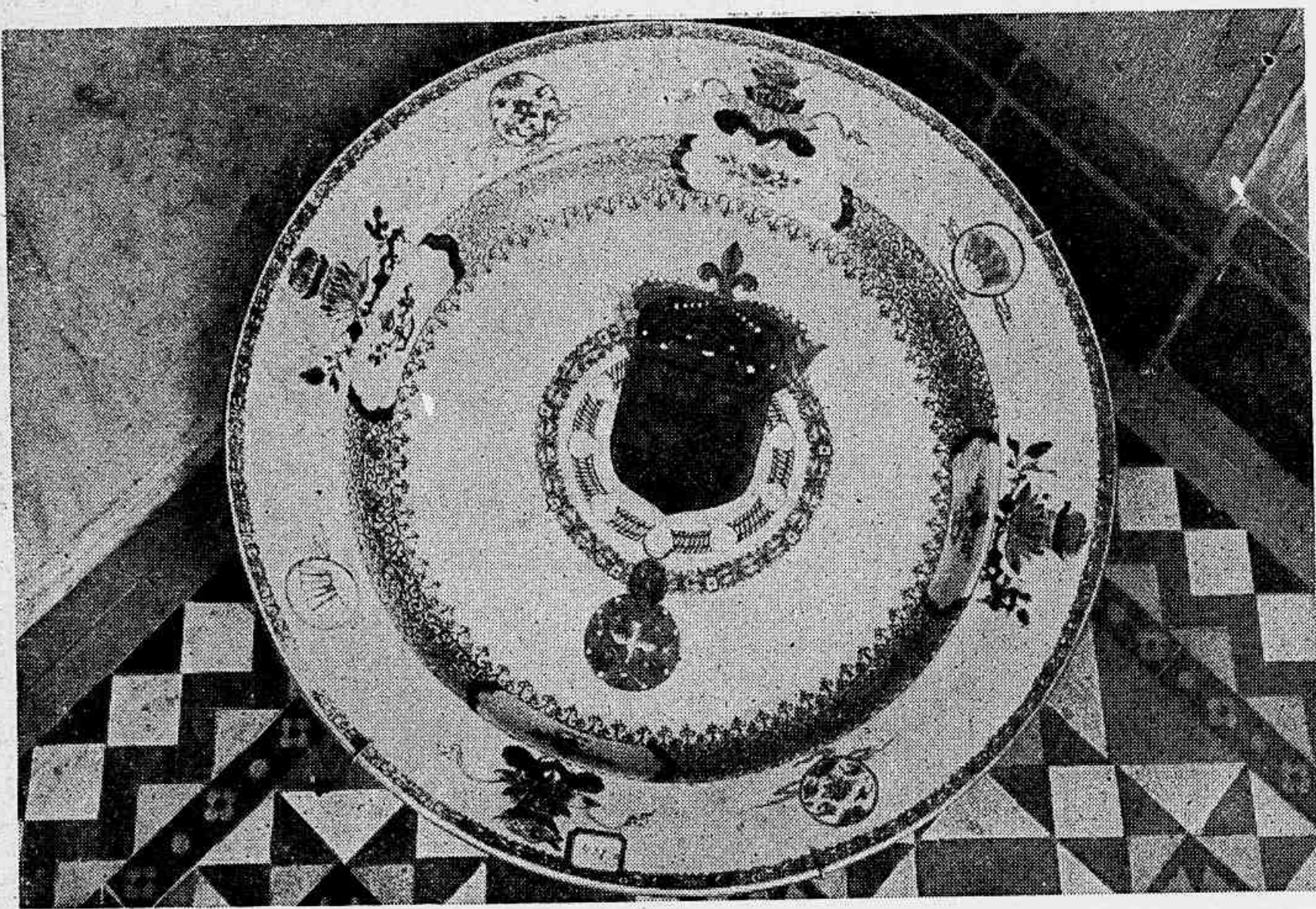
Dentro desse grupo dinâmico de profissionais, existe ainda assim os especialistas em diversos assuntos. Assim,



Um detalhe de duas taças de legítimo cristal “baccarat” que pertenceram à Marquesa de Santos. Com o correr dos anos o valor extrínseco destas peças vem subindo vertiginosamente. Fazem parte de um leilão que se processa atualmente nesta capital.



Um quadro do pintor alemão Burkell que está em leilão esta semana num dos palacetes desta capital. Os catálogos asseguram que este quadro pertenceu ao ministro do III Reich Joachim Von Ribbentrop. Basta este fato para aumentar o valor do objeto entre os colecionadores.



Este prato pertenceu à mesma coleção cuja venda está sendo efetuada no palacete acima referido. Diz também o proprietário que pertenceu a Von Ribbentrop. Os peritos duvidam. Dizem que isso é conversa mole, para causar a alta do objeto. O certo é que também se torna difícil contestar...



Esta baixela, composta de perto de cem pratos e terrinas, pertenceu ao Duque de Caxias. É de propriedade do colecionador Ignácio Areal. Apesar de autenticada por perito tem a sua autenticidade contestada por outros. Parece que isso é o destino de muitas coleções.

por exemplo, o famoso Júlio dedicou-se há algum tempo aos leilões de automóveis. A frente de sua loja em Copacabana, em vários dias da semana, enfileiram-se dezenas de carros para o leilão noturno. Um amigo nos informou que é mais negócio vender um carro quase novo no leilão do Júlio do que vendê-lo ainda novo em folha. Neste último caso, o automóvel fica sujeito às tabelas da CCP, quando que no leilão, sob o disfarce de alguns quilômetros rodados, o carro poderá alcançar qualquer preço, mesmo que este venha ser o triplo ou quádruplo da tabela. Existem ainda os especialistas em leilões de objetos de arte e entre estes os campeões são Afonso Nunes e Gianini. O que garante, contudo, o pão de ló de cada dia do leiloeiro são os leilões judiciais. Somente esses leilões poderiam sustentar a classe dos apregoadores. Muitas vezes os leilões judiciais são feitos pelos porteiros dos auditórios e por esse motivo um projeto de lei que transita pela Câmara e que pretende regular melhor a profissão, cogita incluir como profissionais de leilão os seis porteiros de auditórios que existem no Rio.

LEILÕES DA ROÇA E DA CIDADE

Quando se pensa em leilões, a primeira lembrança que nos vem à mente é o chavão característico do remate final de cada lance, quando o leiloeiro berra ameaçador: "Dou-lhe... dou-lhe duas... três!". Esta frase poderia servir de legenda para os seus braços, se eles o tivessem. Acontece, entretanto, que na classe dos profissionais, esta é uma frase morta. Leiloeiro que se presa não diz tal anacronismo. Quando perguntamos-lhes porque abandonaram o chavão, nenhum deles soube responder ao certo. E o "dou-lhe uma..." ficou apenas para os leiloeiros de quermesses. Nas barracas das festas de caridade, nas quermesses das festas de igreja, principalmente nas cidades do interior, o leiloeiro não vende um objeto sem que diga a toda hora "dou-lhe uma... dou-lhe duas... dou-lhe três...", demorando um tempo enorme entre o "dois" e o "três" para fazer subir de alguns cruzeiros o lance. Na minha cidade, São João del-Rei, (acredito que em outras aconteça a mesma coisa), existia para as festas juninas da Matriz um leiloeiro vitalício, o "seu" Vicente, e justamente porque era vitalício, o homem gozava de um conceito extraordinário e tinha uma pose de senador homenageado. Já se acrescentava ao seu nome, um aposto simbólico e por certo honorífico, pois quando se queria diferenciá-lo de outros videntes, o povo enchia a boca e dizia orgulhoso: — "Não senhor, eu me refiro ao "seu" Vicente Leiloeiro". Aqui no Rio eles trocaram as pompas do cargo pelas vantagens materiais do mesmo. E os leiloeiros de quermesse, os amadores da profissão, insistem na frase final sedida e conhecida do "dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três", talvez para distingui-los dos seus colegas profissionais.

OS TRUQUES DA PROFISSÃO

O leiloeiro, como todo bom profissional, tem os seus truques inocentes, com os quais vai vencendo a freguesia sem que esta se aperceba do estratagema. A maior ou menor habilidade do leiloeiro está em como este conduz um leilão. E como os leilões de objetos de arte são os mais disputados, é nestes em que eles empregam todos os recursos. Assistir-se a um leilão de raridades é uma coisa agradabilíssima, instrutiva e até divertida. Se nenhum dos leitores assistiu a um deles, insistimos para que o faça quanto antes. Vale mais do que uma sessão de cinema ou peça de teatro. Por isso há os "habitués" de leilões, como há os maniacos de ópera, "pif-paf" e outros divertimentos. Podemos catalogar os frequentadores de leilões em três classes bem distintas: os colecionadores, os "nouveau-riches" e os fãs. Os colecionadores vão aos leilões como o caçador vai ao mato; para caçar. Peritos em distinguir uma imitação de um verdadeiro prato do Império, conseguem, às vezes, realizar verdadeiras pechinchas, comprando por duzentos ou trezentos cruzeiros, pratos que passam a valer em suas mãos dez ou vinte vezes mais. Os novos ricos, desconhecedores em geral de estilos e épocas, aproveitam-se da oportunidade para adquirir pratos e porcelanas que os catálogos e o leiloeiro garantem ter pertencido a duques, condês e imperadores do Brasil. A terceira classe dos frequentadores é composta pelos amantes de arte, sem posses para adquirir as valiosas peças e que, por isso, se contentam em admirá-las. Enquanto uns e outros observam os objetos, o leiloeiro inicia o leilão. Nas peças de grande raridade, o profissional faz uma pausa — quase pede um minuto de silêncio — e entra depois num prólogo explicativo.

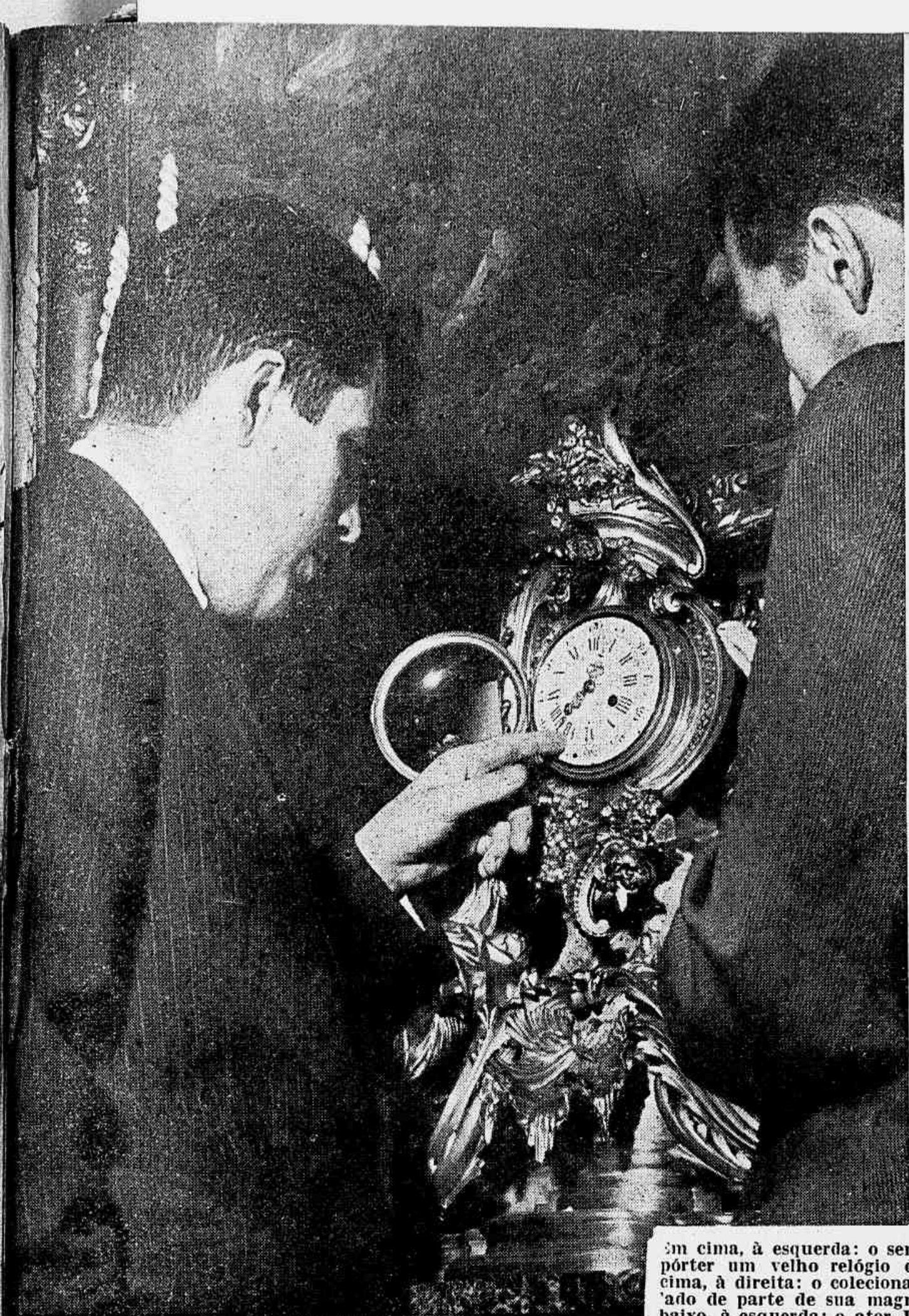
"Tal peça pertenceu ao duque de tal, passou depois ao conde fulano que por sua vez apresentou ao Imperador. Das mãos deste foi parar com o conselheiro tal, já na República. Vendida em leilão, por morte do conselheiro, ficou em casa do capitalista tal durante tantos anos. E agora, meus senhores, passará às mãos do feli-zardo que der a maior oferta!"

Enquanto fala, os espectadores calculam mentalmente os lances que oferecerão. E o leiloeiro olha para o meio da pequena multidão e antes que alguém diga alguma coisa ele mesmo inicia:

— O cavalheiro ali oferece dez mil cruzeiros. Dez mil cruzeiros... Começa então a corrida para cima, induzida e muitas vezes criada por ele mesmo. Um comprador oferece onze mil cruzeiros. O leiloeiro vai olhando para um e para outro espectador, não muito determinadamente e continua a subir os lances:

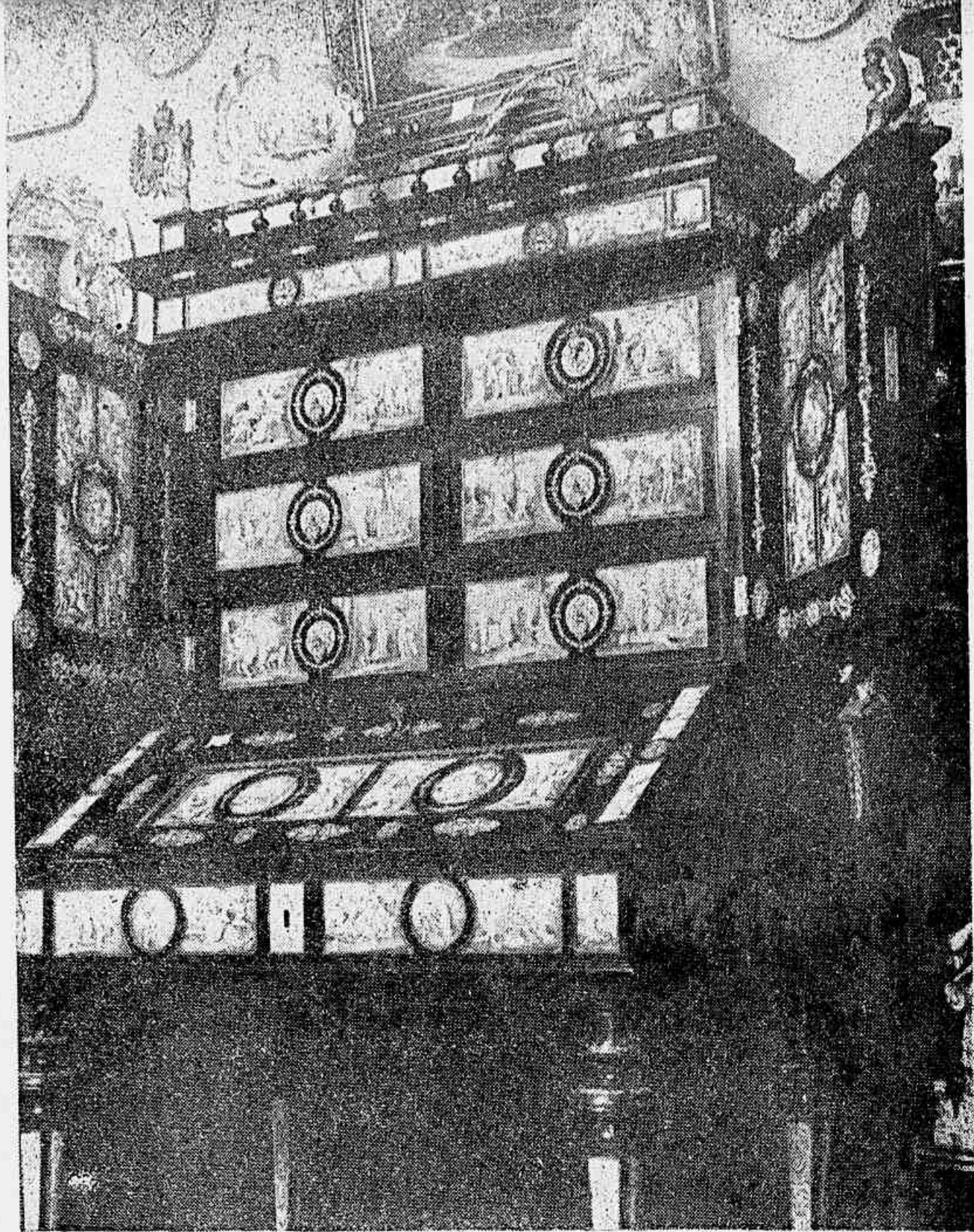
— O senhor ali oferece doze mil... doze mil... TREZE mil... treze mil... quatorze mil... quatorze mil...

Ninguém abriu a boca depois da oferta de onze mil. Mas este é um truque que sempre dá resultado. Os ávidos fregueses acreditam que alguém está cobrindo os seus lances e aumentam também os seus. E assim o habi-



Em cima, à esquerda: o senhor Luís Areal mostra ao repórter um velho relógio do tempo da monarquia. Em cima, à direita: o colecionador Carlos Frederico Silva, ao lado de parte de sua magnífica coleção de relógios. Em baixo, à esquerda: o ator Jayme Costa, em visita à coleção Ignacio Areal, admira um prato que pertenceu ao serviço de mesa de D. João VI. Em baixo, à direita: o senhor Luís Areal, surpreendido, quando retirava das mãos de sua sobrinha Maria Thereza, uma peça valiosíssima da coleção de seu pai.





A esquerda: O senhor Serge de Beaumont, do escritório do leiloeiro Gianini, prova ao repórter que os quadros anunciados como de propriedade de Von Ribbentrop, pertenceram de fato ao ex-ministro de Hitler, de acordo com o catálogo de Knight, Frank & Rutledge, leiloeiros de Londres. O senhor De Beaumont desmentiu que esses quadros tivessem vindo ao Brasil como propriedade da senhora Lutero Vargas. A direita: secretária que pertenceu à Princesa Isabel, trazida de Paris pelo Conde d'Eu, a mais rica peça imperial da coleção Ignácio Areal.

doso leiloeiro leva o cliente até o máximo. Quando o apregoador percebe que não poderá obter mais do que a última importância realmente oferecida, deixa de citar os lances hipotéticos e arrega o martelo. Arrega metaforicamente, porque nenhum leiloeiro do Rio usa mais o martelinho simbólico que finalizava com três pancadinhas o último pregão. Outro truque muito usado pelos leiloeiros para valorizar os objetos é realizado com o auxílio de "faróis". Duas ou três pessoas, muito bem trajadas, com o aspecto de diplomatas aposentados, ou de capitalistas do interior, iniciam uma guerra de lances com um freguês vivamente interessado num determinado objeto. Os "faróis" sabem distinguir quando o freguês endinheirado cismou com determinada peça. Fingem então que disputam também a propriedade sobre a mesma, a qualquer preço. O comprador real, não percebe a "farolagem", julgando até que outro rico lhe quer passar para trás. Entram o brio e o orgulho em jogo. E' o que deseja o "farol". Quando o comprador "se queima", compra um prato que lhe poderia ter custado oitocentos cruzeiros por dois ou três mil cruzeiros.

LEILÕES QUE O RIO JÁ VIU

De todos os leilões, o mais célebre, pela importância histórica e pelo vulto das vendas, foi sem dúvida o do Paço Imperial. Com o advento da República, o novo governo liquidou tudo quanto a família imperial deixou nos seus palácios. O leilão rendeu relativamente pouco, pois ninguém àquela época estimava os pertences dos príncipes e imperadores senão pelo seu valor como utilidade. Durante anos dizia-se que dava azar comprar coisas do Palácio Imperial. Somente com o correr do tempo, esses objetos ganharam valor histórico. Hoje, uma

terrina de um dos serviços de mesa reais chega a custar vinte e cinco mil cruzeiros. No tempo do leilão, toda a baixela a que pertenceu a mesma terrina, não alcançou mais de duzentos cruzeiros. Por outro lado, é sabido que a nossa família imperial não primava pelo luxo doméstico. Os interiores dos nossos palácios eram pobres, em comparações com as casas reais da Europa. Talvez por isto os museus históricos que possuímos pareçam celas franciscanas. Os museus não possuem metade dos objetos imperiais. A maior parte destes se encontra nas coleções particulares. Outros grandes leilões realizados no Rio, foram os da família Guinle, que chegou a possuir a melhor coleção de peças artísticas das Américas. Também o leilão de Bastos Dias foi célebre. Atualmente efetua-se um dos maiores leilões de todos os tempos. E' o da coleção Ignácio Areal. O seu proprietário, dono da antiga Rotisserie, levou quase quarenta anos comprando peças valiosas em todos os leilões, em casas particulares do Rio e de outras cidades. Sua residência, à Praia do Flamengo, é um verdadeiro museu. Diz-se que durante a guerra, quando a inflação tornava o dinheiro fácil, teve uma oferta para vender toda a sua coleção por quinze milhões de cruzeiros. Agora, no leilão, o leiloeiro calculou para a venda um preço mínimo, cujo total vai somente a três milhões de cruzeiros.

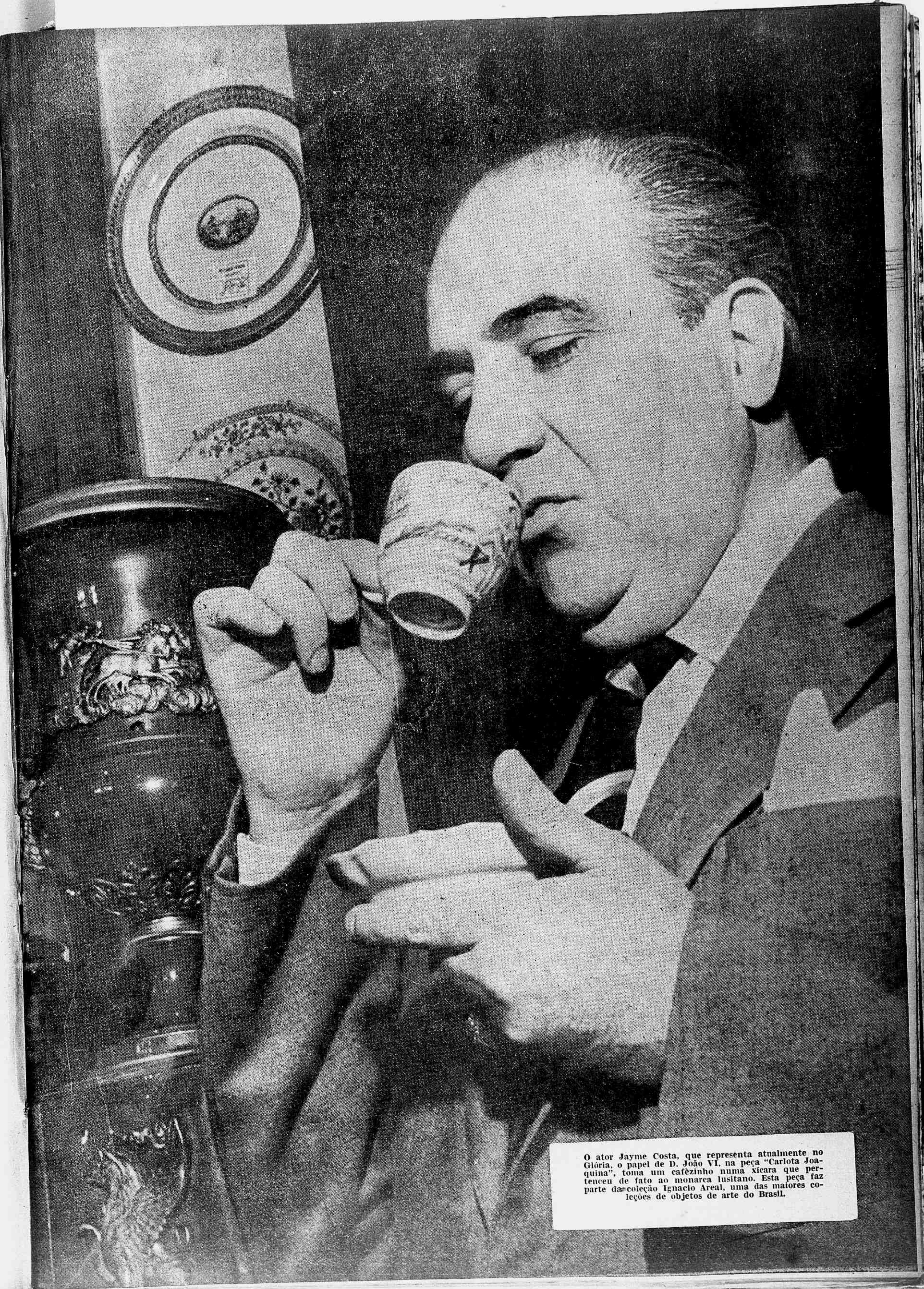
LEILÕES QUE DESAPARECERAM

Nesta rápida reportagem sobre leilões e leiloeiros não pudemos focalizar detidamente toda a variedade de leilões do Rio. Há-os de caráter trágico, como os leilões da Caixa Econômica, realizados em dias determinados do mês. Cada objeto vendido, desde os mais modestos relógios, aos mais caros adereços, traz um drama, uma

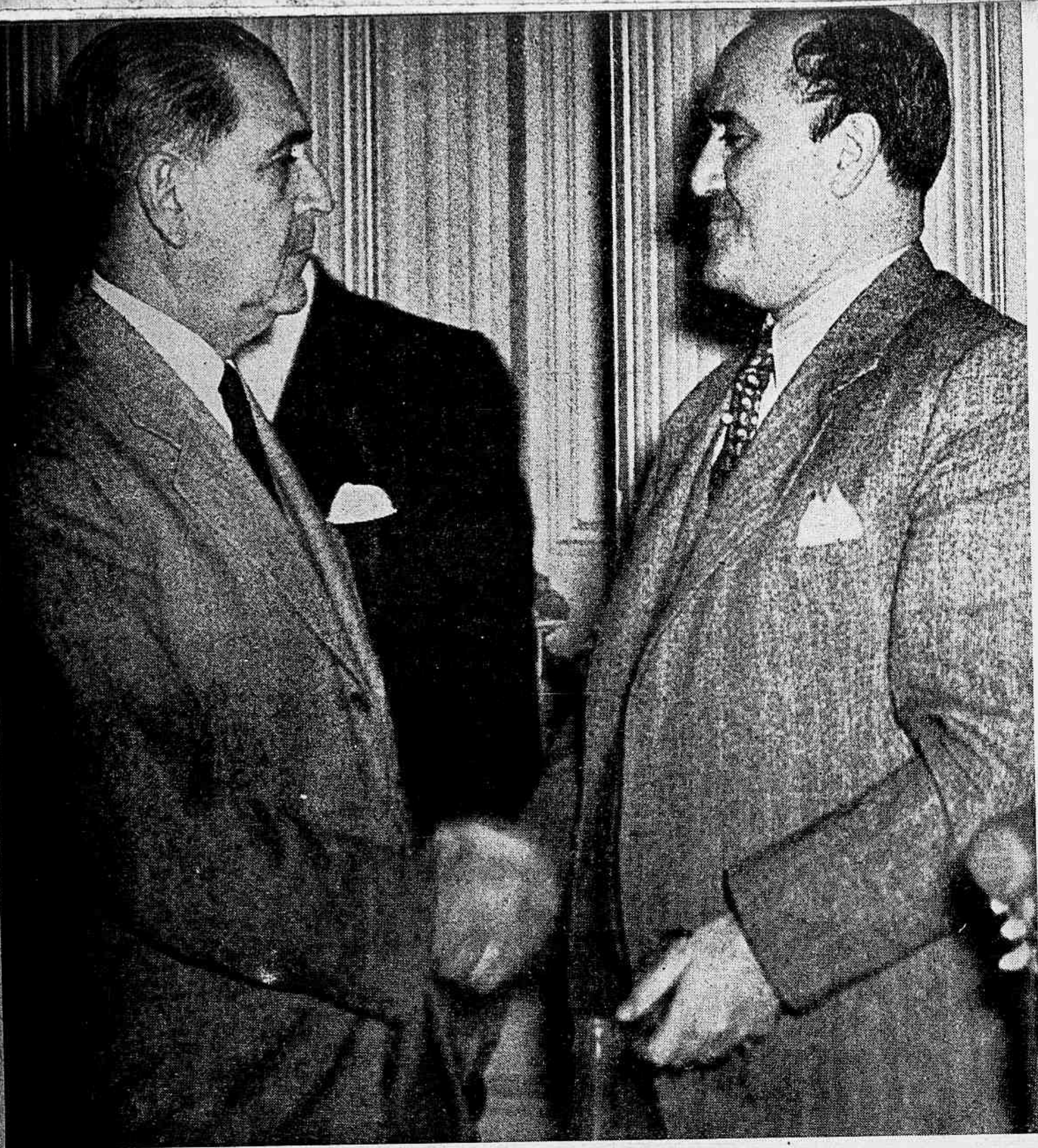
situação aflitiva da vida do mutuário, resolvida momentaneamente com a penhora do objeto, geralmente o de maior valor que possui. Outra especialidade de leilão, é o chamado "leilão americano", realizado principalmente nas sociedades estrangeiras, durante as festas beneficentes. Os lances não são progressivos nos leilões americanos. Durante um espaço que pode ser de três, quatro, cinco, ou dez minutos (o tempo exato é o segredo principal), os interessados vão fazendo os lances, geralmente da mesma importância. Um oferece cinco cruzeiros, o outro mais cinco, o terceiro mais cinco e assim por diante. O ofertante grita a importância e a paga imediatamente ao leiloeiro. Em determinado instante só a campanha de um despertador. O felizardo que tiver feito o lance naquele momento — mesmo que o lance seja de dez centavos — leva o objeto. U'a modalidade de leilão que desapareceu do Rio, foi o "leilão de loja". Há dez anos a cidade se viu infestada de casas que durante o dia inteiro faziam leilões de sua mercadoria, em geral cortes de casemira, tricoline para camisas, despertadores e outras utilidades. A rua Larga (atual Marechal Floriano), avenida Passos e rua da Carioca foram os pontos preferidos. O transeunte passava pela porta, parava para observar e acabava entrando. Entrando, geralmente era ludibriado, comprando um corte de fazenda por um preço superior aos da casa vendedora. Em cada loja de leilão existiam sempre três "faróis" para um ou dois freguêses. Os "faróis" faziam um sanduiche com o cliente e este, espremido entre duas ofertas, acabava elevando o seu preço, sem querer. Algumas dessas lojas faziam leilões decentes, mas a maioria era um engodo para o incauto metido a descobrir bons negócios. A Prefeitura em boa hora cassou a autorização desse comércio extravagante.

A sobrinha do senhor Carlos Frederico e duas amiguinhas estudam os pontos para a aula do dia seguinte recostadas na cama onde dormia D. Maria I, mãe de D. João VI. Atualmente dorme nesta mesma cama o casal Carlos Frederico. A direita: outro flagrante feito com o leiloeiro honorário Gastão Lamounier, quando vendia uma estatueta de porcelana de Saxe.





O ator Jayme Costa, que representa atualmente no Glória, o papel de D. João VI, na peça "Carlota Joaquina", toma um cafêzinho numa xicara que pertenceu de fato ao monarca lusitano. Esta peça faz parte da coleção Ignacio Areal, uma das maiores coleções de objetos de arte do Brasil.



JOCKEY CLUB BRASILEIRO

**O RECENTE PLEITO ELEITORAL DA
PRESTIGIOSA ENTIDADE CONSTI-
TUIU ACONTECIMENTO DE EXCEP-
CIONAL RELEVÔ**

REALIZARAM-SE nos últimos dias de Maio na sede do Jockey Club Brasileiro, as eleições para a nova Diretoria da Sociedade no período de um quatrênio.

Elevado número de votantes, que alcançou a 1866, compareceu as urnas, tendo esse pleito transcorrido dentro de um ambiente de cordialidade e esportividade.

Conforme se esperava, a chamada chapa majoritária, encabeçada pelo sr. João Borges Filho, foi a eleita, tendo, apenas, a parte concernente à Comissão Técnica, apresentado uma alteração com a substituição do sr. Nelson Guinaldi Seabra em favor do sr. José da Silva Azevedo Netto.

A seguir, publicamos a chapa vitoriosa:

Presidente — Dr. João Borges Filho.

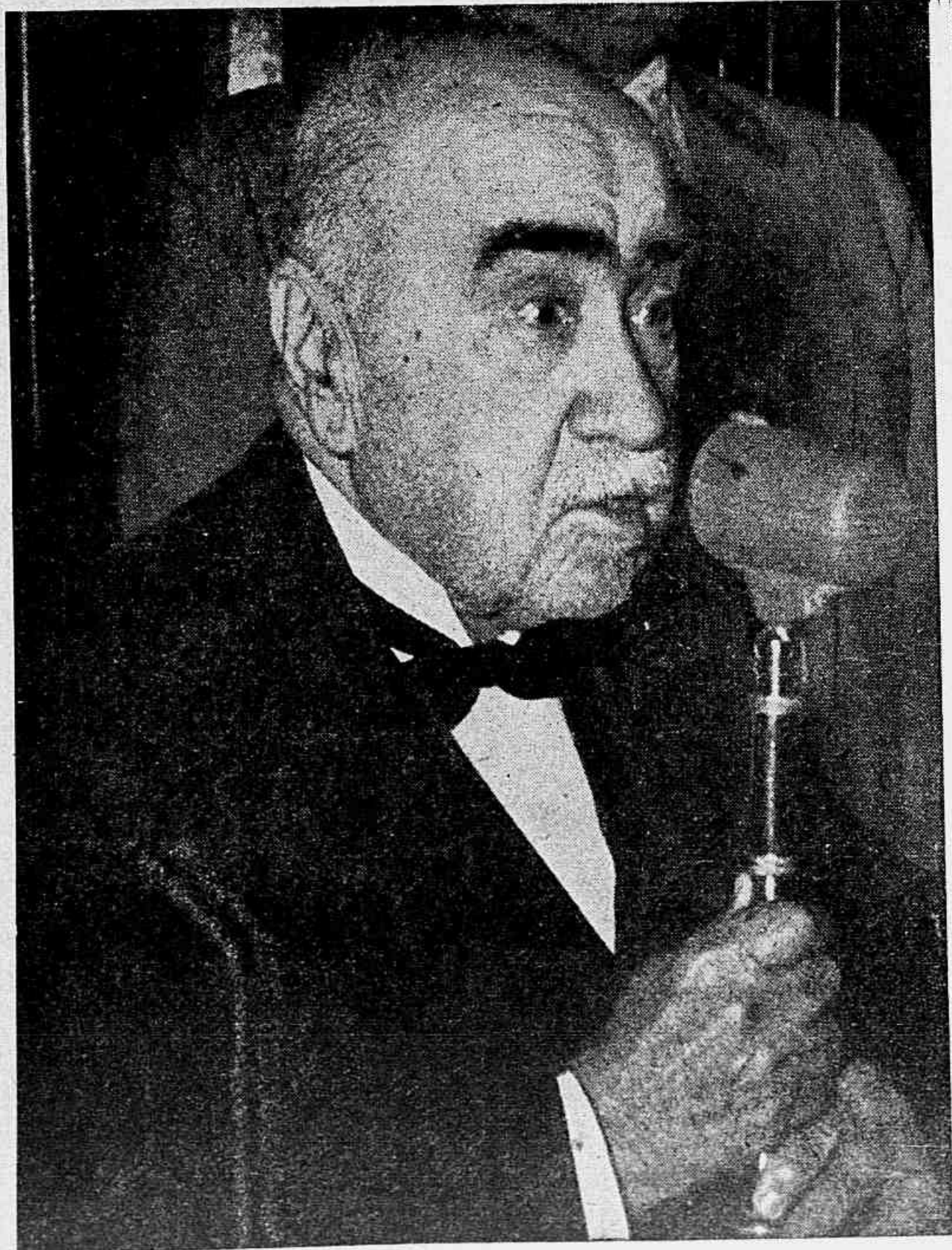
Comissão Administrativa — 1.º vice-presidente, ministro José Philadelpho de Barros e Azevedo; 2.º vice-presidente, Rubens Antunes Maciel; 1.º secretário, desembargador Cândido Mesquita da Cunha Lobo; 2.º secretário, Carlos Guimarães de Almeida; 1.º tesoureiro, Manuel Pereira de Araújo Freitas; 2.º tesoureiro, Fernando Machado Portella.

Comissão Técnica — Embaixador Oswaldo Aranha, Francisco Eduardo de Paula Machado, Reynato Sodré Borges, Alonso Soares Dutra, Arthur Paulo Burlamaqui de Mello, Ricardo Xavier da Silveira, Joaquim Rodrigues Pires, José Cândido Almeida dos Reis, José da Silva de Azevedo Netto.

Comissão de Corridas — Carlos Novis, Adhemar José Alvares da Fonseca, Aloísio Francisco de Castro.

Comissão de Sede — Armando Fajardo, Jorge Jabour, João Antonio

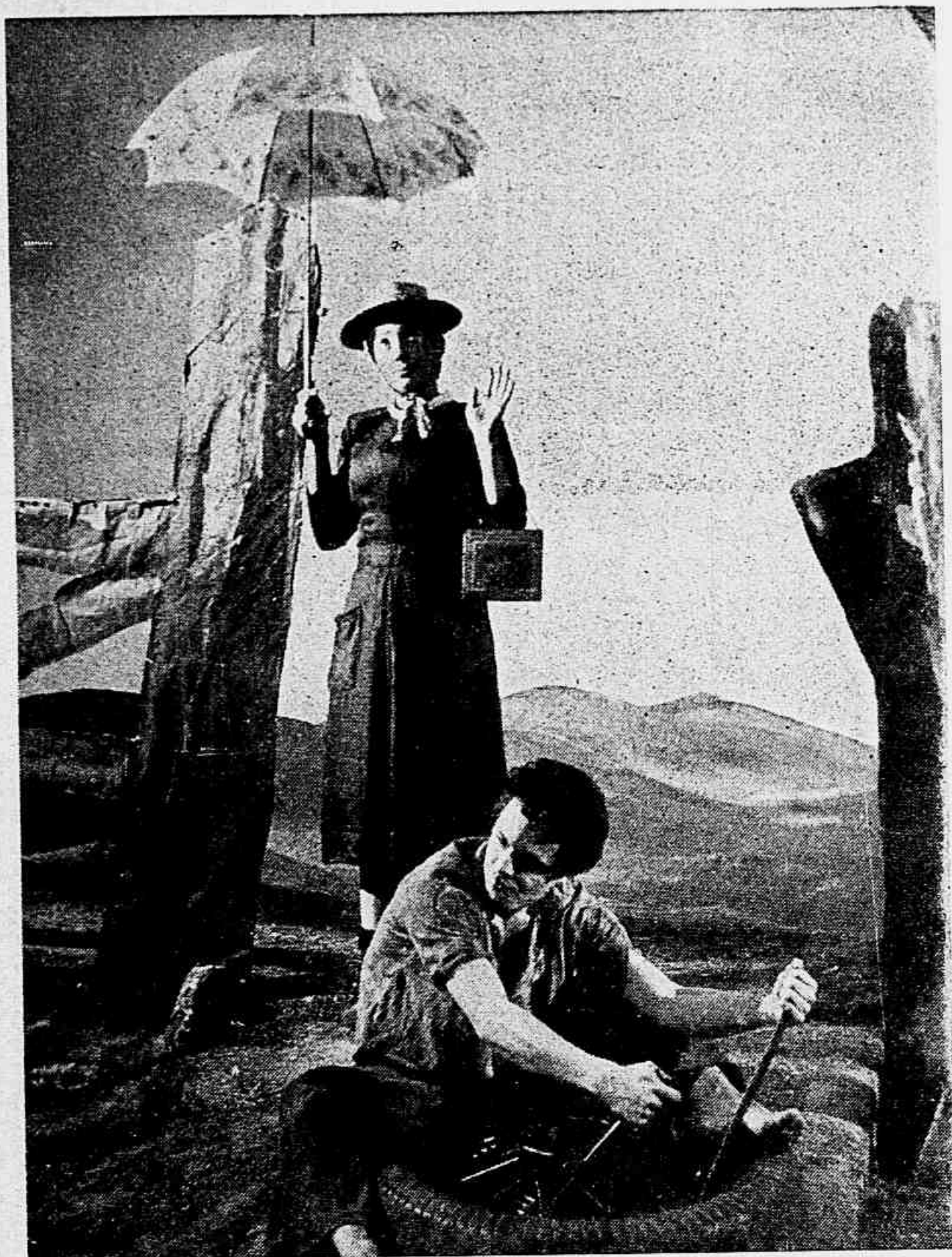
de Almeida Gonzaga, Albert Fadel, Júlio Xavier da Silva Moura. **Conselho Consultivo** — Desembargador Cesário Pereira, Octavio de Souza Leão, Carlos Telles da Rocha Faria, Edmundo da Luz Pinto, Ministro Joaquim Pedro Salgado Filho, Eduardo Bahouth, Paulo de Figueiredo Parreiras Horta, Comandante Luís Clemente Pinto, Antonio Joaquim Peixoto de Castro, Ministro Francisco Thompson Flores, Napoleão de Alencastro Guimarães, Ministro Frederico de Barros Barreto, Sebastião Mendes de Brito, Lafayette Rodrigues de Barros, Milton Peixoto Maia, Euvaldo Lodi, Raimundo Otoni de Castro Maia, Herbert Moses, Gustavo Philadelpho de Azevedo, Ismael Américo Moniz Freire. **Conselho Fiscal** — Eurico de Souza Leão, Joaquim Nunes Tassára, Acácio Antunes Pereira, João de Mello Magalhães, Jessé de Paiva, Ary Pinheiro de Oliveira Lima, José Júlio Velho da Silva. **Suplentes do Conselho Fiscal** — Marcos





Carneiro de Mendonça, Maxêncio da Veiga Leitão. Comandante Paulo Nogueira Penido, Isaac Elbas, João José de Figueiredo, Tristão Alves Câmara, Edgard Maciel de Sá. Nestas páginas apresentamos aos nossos leitores expressivos aspectos do pleito, vendo-se à esquerda, em cima, o presidente João Borges Filho, reeleito, cumprimentando o desembargador Afrânio Costa, que presidiu as eleições, e em baixo, os srs. Brício Filho e João Borges Filho, falando ao microfone após a apuração dos votos. Nesta página também apresentamos outros aspectos do disputadíssimo e brilhante pleito eleitoral realizado no Jokey Club Brasileiro.





NOTAS A' MARGEM DE "TOBACCO ROAD"

UM DRAMA SOCIAL INTENSO E PROFUNDO, QUE FAZ LEMBRAR "O POMAR DAS CEREJEIRAS", DE ANTON TCHEKHOV

Por MICHEL B. KAMENKA

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

HA alguns anos um romance sobre a vida americana que se chamava "a América de um andar" fez um grande sucesso. Ao contrário da maioria dos romances deste gênero que só tratam dos aspectos evoluídos da vida americana nas grandes cidades, descrevia a vida na província, tão pouco conhecida no estrangeiro. De fato, para nós a imagem da América é uma atividade febril, energia, movimento, luta e vitória. Esquecemos que ali não existem somente Nova York, Chicago e Washington, mas também Oklahoma, Texas, New Mexico ou California.

Ora, acontece que "Tobacco Road" revela também um aspecto desconhecido da vida americana. É uma peça diametralmente oposta à nossa idéia de energia onipotente americana. É ao contrário, a imagem pungente da estagnação e da indolência, da destruição e não da edificação; o desmoronamento do homem e da sua obra até a miséria completa, até a morte.

Os tristes heróis do drama não são ianques, é claro. A ação é situada na Georgia, um dos Estados do Sul, que

conhecia a escravidão; assim, fica mais justificada a atmosfera de pesada indolência que é o fundo do drama.

Fundo sombrio e sem esperança. Uma fazenda no último limite de miséria, com as casas desmoronando e sem o mínimo vestígio de material ou de equipamento de trabalho. Sobre este fundo movimentam-se, como fantasmas, seres estranhos que a morte espera. Seres inconscientes, cheios de uma imaginação infantil, que vivem em suas fantasias, tomam os seus desejos por realidade sem reparar que ficam assim fora da vida, que a vida passa deixando-os para trás, como a famosa "Tobacco Road" que devia trazer a prosperidade à província.

Essas criaturas vivem de instinto como animais ou crianças, incapazes de traçar um plano de ação para o futuro. Agem de improvisação, sob o impulso do momento. Tornam-se ladrões ou criminosos sem premeditação, de um minuto para o outro, por que não existe nenhum freio de ordem moral para detê-los.

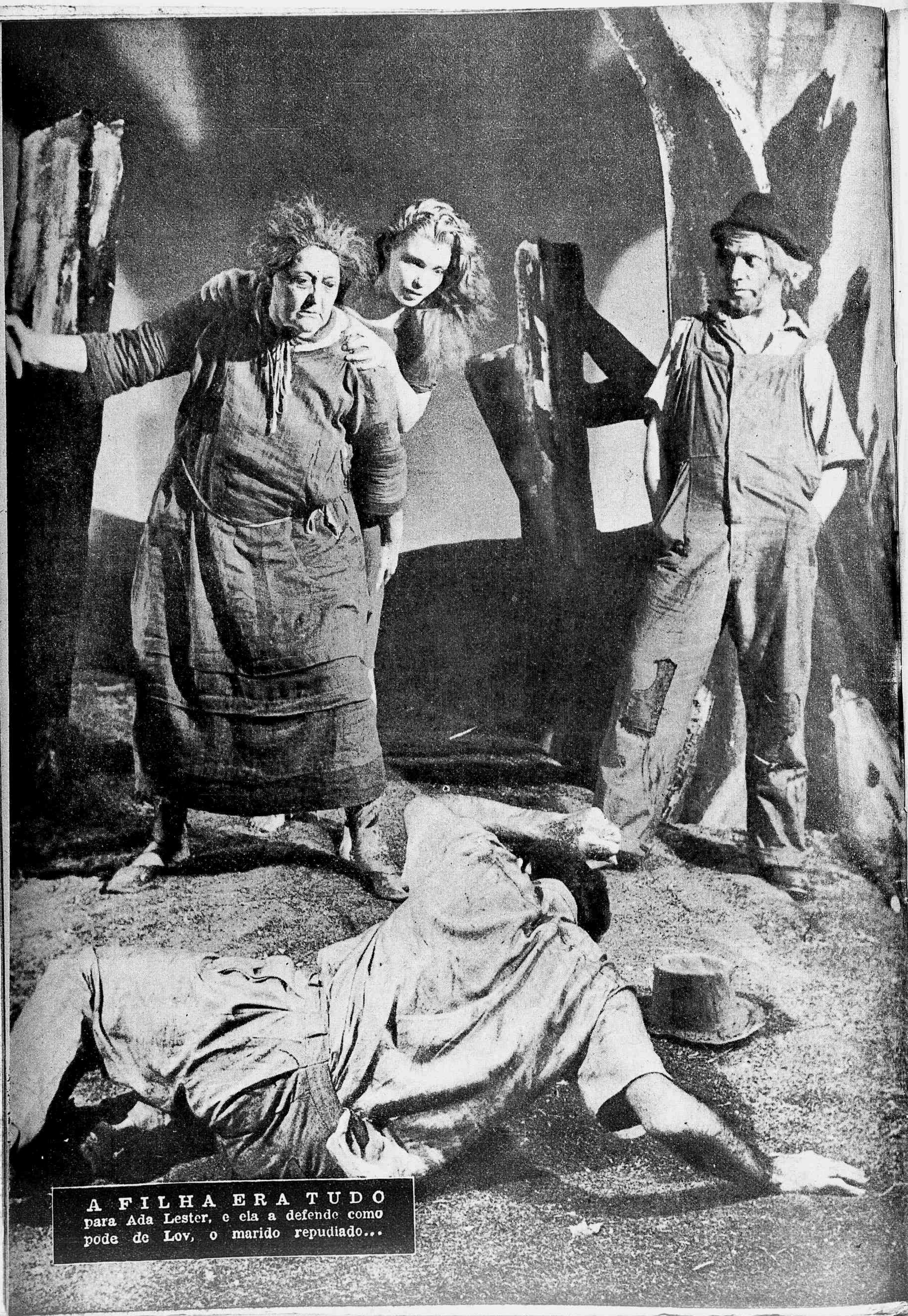
É uma verdadeira galeria de fantasmas humanos. Cada um com as suas

Em cima: a irmã Bessie, pregoeira de uma religião toda especial, assevera que Deus a aconselhou a casar com o adolescente Dude Lester. Em baixo: repudiado pela loura Pérola, Lov encontra ternura em Ellie May, a adolescente de quem todos desdenhavam, por ter o belo superior rachado. Miséria, desolação, fome e desalento dominavam o drama que Ruggero Jacobbi dirigiu e Laszlo Mitner valorizou com um belo cenário. A falta de apólo do público e a bilheteria fraca de "Tobacco Road" não desmerecem o valor desse grande espetáculo.





O ÚLTIMO RECURSO
de Jeeter Lester era a entrega de Pérola
ao marido, em troca de alguns dólares...



A FILHA ERA TUDO
para Ada Lester, e ela a defende como
pode de Lov, o marido repudiado...

Idéias, seus desejos que nunca serão satisfeitos e a espera ingênua de um milagre que nunca acontecerá.

E com certeza esse elemento irracional dos personagens que lhe empresta o seu valor humano e que é responsável pelo sucesso da peça que ficou em cena na América durante anos e depois, traduzida em diversos idiomas, se afirmou em Paris, na Itália e alhures. O caráter humano aparece com um traço peculiar bem nítido de cada personagem, vivo e real apesar da sua discordância com o mundo de hoje: E' o mundo que desaparece porque a vida o ultrapassou, mas que existia, era de carne e osso e não existia somente na fantasia do autor.

★

O chefe da família Jeeter Lester (Saddy Cabral), o fazendeiro indolente e egoísta como todos os indolentes, preguiçoso antes de tudo, está à espera da ajuda imaginária que deve tirá-lo de embarços. Nutre certo amor pela sua terra, mas amor passivo, inativo; não quer deixá-la, mesmo morrendo de fome. Mais por teimosia do que amor. Quando lhe declaram que deve largá-la e ir trabalhar numa fábrica recusa-se determinada-mente por inércia insuperável.

O filho Dude (José Guerreiro) não difere do pai; tão inepto ao trabalho como este e com outros sonhos irrealizáveis; um carro novo com uma busina que funcione.

A mãe, sofredora silenciosa, está sonhando com fumo e um vestido novo... para morrer, porque não quer morrer em farrapos. Ada Lester (Itália Fausta) tem, entretanto, um grande amor: sua filha Pérola, a preferida, casada com um operário, mas que fugindo dos deveres conjugais, volta para a casa paterna. A mãe tem uma idéia fixa: mandá-la para a cidade a fim de escapar ao ambiente deprimente da província miserável. E aqui esboça-se o conflito dramático nascente que conduzirá ao desfêcho fatal; Jeeter quer segurar Pérola para devolvê-la ao marido em troca de dinheiro. A mãe luta pela liberdade da filha que lhe parece uma compensação dos próprios sofrimentos.

Neste meio aparece um fermento ativo e estranho aos outros protagonistas do drama: Bessie (Yara Isabel) pregadora por inclinação, que está trazendo ao povo a palavra de um Deus muito benevolente, de sua própria fabricação, e que perdoa com muita facilidade. Bessie não é falsa, é sincera nos seus sentimentos e na expressão de seu desejo de ajudar moralmente a gente.

Enamorada subitamente de Dude, sacrifica a sua pequena fortuna e vai comprar um carro para atrair o jovem amante. O carro torna-se a fatalidade, o instrumento do destino.

Jeeter manda o filho buscar o marido de Pérola para entregá-la. A mãe opõe-se, pretende parar o carro e fica mortalmente ferida. Entretanto, consegue, antes da morte, morder a mão de Jeeter, que segura Pérola, e libertar a filha. Pérola foge. Assim ficam consumados o seu sacrifício e a idéia de redenção, cuja protagonista é Pérola.

O ponto nevrálgico do drama está escondido nesta curta cena final. Enquanto presenciarmos os sofrimentos e as desgraças da família Lester, poderíamos ter compaixão, seguir com interesse as peripecias; mas tudo isso teria carecido de sentido dramático, se o autor não tivesse concentrado nesta cena a quintessência do seu pensamento.

Jeeter Lester fica sozinho mas não por muito tempo. A velha casa decrépita desmorona-se sobre ele. O drama está consumado.

★

Não é um drama individual. E' um drama social. O que aparece nele são figuras transitórias que existem nas margens de dois mundos. E' a vida mansa e lenta do fazendeiro dos tempos passados, para a qual não há lugar no mundo de hoje. E' o fundo social, a fatalidade inelutável deste desmoronamento que empresta a força à ação dramática.

Não pude, assistindo ao espetáculo, deixar de lembrar-me de uma peça de Tchekhov: "O Pomar de Cerejeiras".

Ai também foi tratado o mesmo tema de uma sociedade condenada a desaparecer: os fazendeiros empobrecidos e que continuavam a viver a mesma vida de antes, o advento da classe média, do

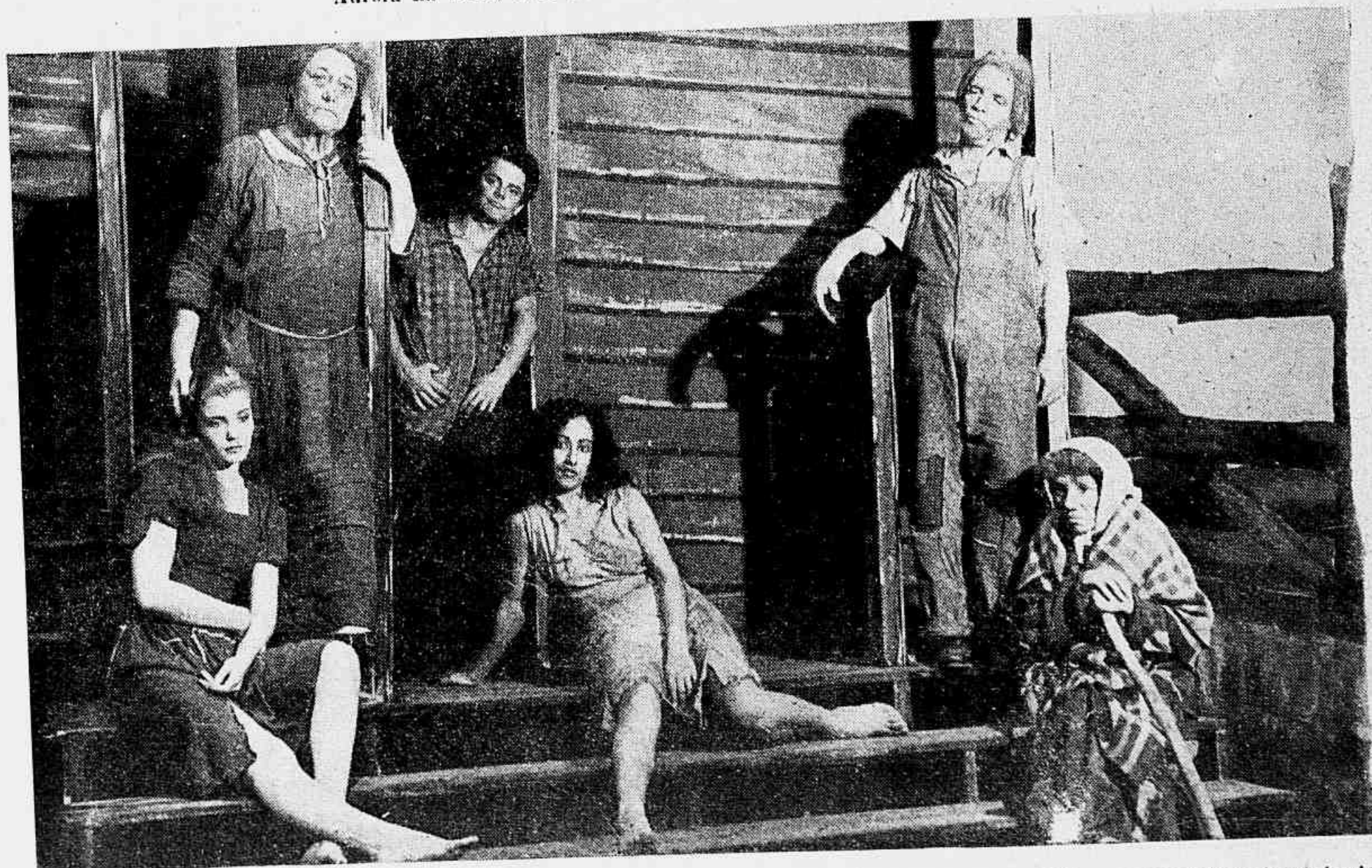
(Cont. na pág. 36)



As irmãs Pérola e Ellie May em luta corporal. Ellie May não perdoa a beleza da irmã, nem tampouco a paixão que ela despertou em Lov.



A família Lester se associa às pregações da Irmã Bessie. Nesta cena estão Maria Della Costa, Itália Fausta, Nietta Junqueira, Aurora La Belle, José Guerreiro, Yara Isabel e Sady Cabral.



Outro momento de "Estrada do Tabaco" (Tobacco Road), um grande e belo empreendimento artístico, a que faltou, no entanto, o estímulo que devia, pelo conjunto de suas qualidades, ter despertado por parte do público.

UM DOS MAIS NOBRES GESTOS DA REVOLUÇÃO FRANCESA DE 1848

COMO O GOVÉRNO PROVISÓRIO ABOLIU A ESCRAVATURA

Por H. GODIN

(Direitos adquiridos à "France Presse", pela REVISTA DA SEMANA, com exclusividade para todo o Brasil)

A CABAMOS de completar, a 13 de Maio, sessenta anos da abolição de escravatura. — justamente quando, na França, nação que se antecipa a tantas conquistas, — acabava de ser comemorado o centenário desse mesmo acontecimento. No movimento abolicionista francês, que resultou da revolução republicana de 1848, avultou uma figura quase inteiramente desconhecida hoje em dia, Victor Schoelcher, um grande amigo da raça negra. É essa figura interessante que este artigo exclusivo, de H. GODIN, evoca para os leitores de REVISTA DA SEMANA.

depois de aplicados os artigos do decreto, que "purificavam essas partes do território francês de além-mar"; proibia a todos os cidadãos franceses, mesmo em países estrangeiros, "comprar ou vender escravos, participar, direta ou indiretamente, em todo e qualquer tráfico ou exploração desse gênero, sob pena da perda dos direitos de cidadão francês."

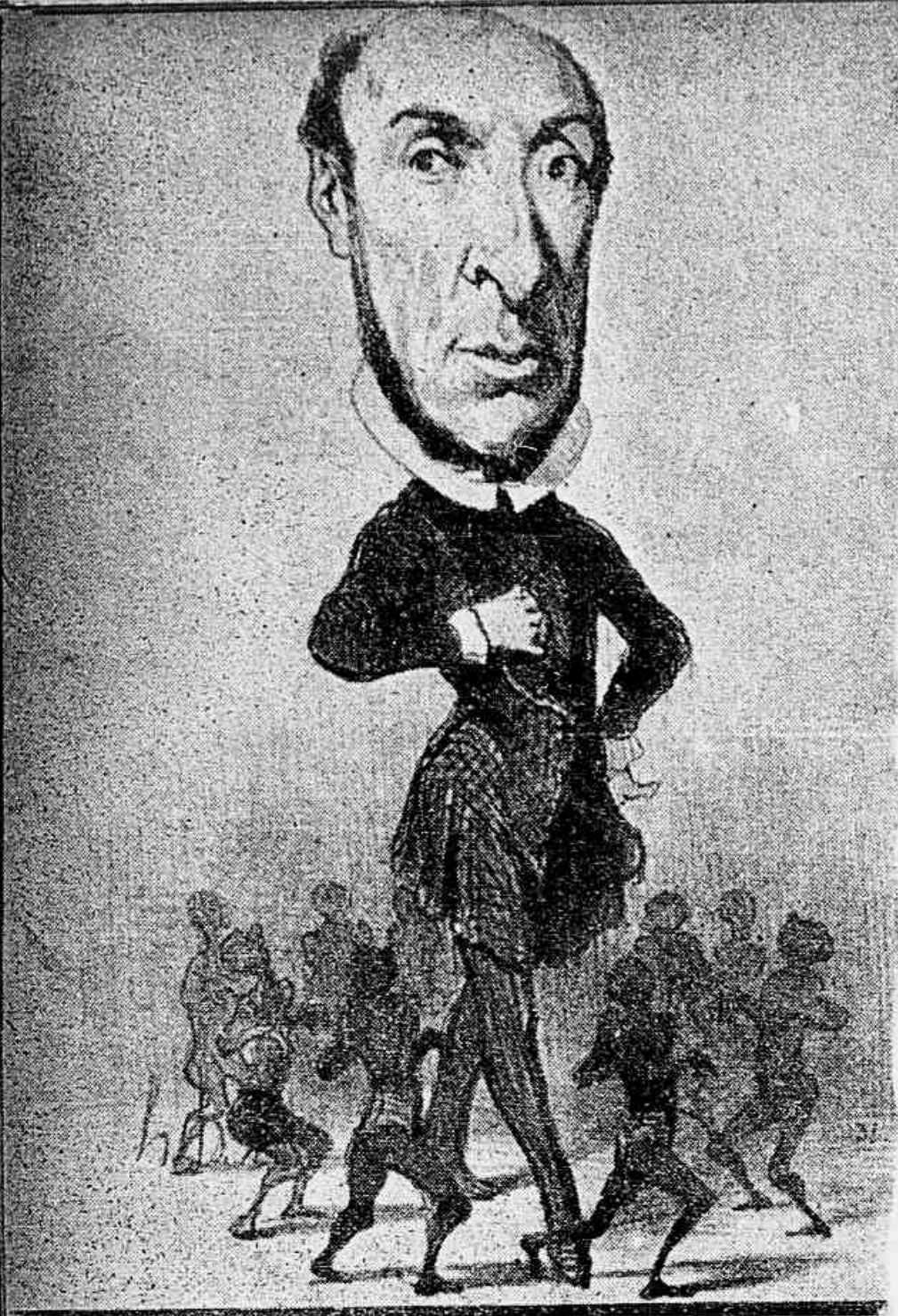
Essa reforma capital foi devida, sobretudo, a Vitor Schoelcher, comerciante parisiense que, levado pelos seus negócios, havia ido às Antilhas e à Senegâmbia e que, indignado com o que vira, havia decidido consagrar-se generosamente à causa dos escravos. A Revolução de 1848 lhe permitiu realizar seu sonho de fraternidade. A 4 de março daquele ano, o ministro provisório da Marinha e Colônias, François Arago, constituiu uma comissão para elaborar o grande decreto emancipador. A comissão ficou composta dos cidadãos Mestre, diretor das Colônias; Perrins, chefe de batalhão de artilharia naval; Gottine, advogado; Gaumont, operário relojoeiro; tendo como secretários os cidadãos Wallon e Percin. O cidadão Schoelcher foi feito presidente da Comissão. Era ele, na ocasião, Sub-Secretário das Colônias.

O decreto, aprovado em regime de urgência como uma necessidade imperiosa, não deu descanso, porém, à Comissão. Esta continuou seus trabalhos de aperfeiçoamento e enviou, em data de 4 de maio, um relatório ao ministro. Nesse relatório se dizia: "A Comissão não teve a discutir o princípio da liberdade geral dos homens; esse princípio é ligado ao próprio princípio e ao sentido da República; é um princípio que se apresenta e que já hoje não mais permite discussão. A República teria o direito de descrever de si mesma, se hesitasse sequer um minuto em abolir a escravatura. A Comissão não tinha, também, que debater as condições da emancipação. A República não pode aceitar nenhuma espécie de transação com esse imperioso dever; mentiria à sua essência se admitisse que a escravidão continuasse em qualquer ponto do território em que flutua a bandeira francesa. A abolição foi decretada. Deve ser imediatamente aplicada. O Governo Provisório, ao criar a Comissão, estabeleceu suas bases. Mas não se tratava apenas de libertar os negros. Para tal bastaria esta frase: "Estais livres". Era necessário tomarem-se medidas no sentido de que esse grande ato de reparação de um crime de lesa-humanidade se efetuassem de maneira proveitosa aos que eram suas vítimas."

Foram essas medidas que justificaram a continuação dos trabalhos da Comissão. Os signatários do relatório, mau grado todo seu generoso entusiasmo, não se perderam nas nuvens de um sonho belo. Puseram-se a tratar praticamente da matéria, de seu aspecto econômico. E mostraram que a França lucrava com a emancipação dos negros. "Esses homens têm até agora dado prova exuberante de qualidades que auguram bom futuro; têm mostrado, por exemplo, um grau de desinteresse que, realmente, não se podia exigir de gente colocada, como eles estavam, fora do direito comum; têm hábitos de ordem, de cálculo, de previdência. E, entre os novos libertos, nota-se uma regularidade de conduta notável, observância rigorosa das mínimas medidas de polícia, que chega a causar admiração aos magistrados. Já muitos deles possuem pecúlios; todos têm o gosto da propriedade. Pode-se esperar muito dessa gente, desde que consigam aumentar suas economias, empregando-as em adquirir terras. Alguns têm demonstrado inteligência bem elevada, e são capazes de gerir, por si, seus negócios, até de se dedicarem a grandes empreendimentos. A Comissão deseja que tudo isso se verifique: será uma obra de justiça que homens, tratados durante tanto tempo como animais domésticos — vergonha para a Civilização — se elevem, assim, na hierarquia do trabalho e cheguem a dirigir empresas. É uma emancipação que completará outra".

Depois do aspecto econômico, tratou também o relatório do aspecto político: "As colônias regeneradas entram na grande família nacional. É justo que elas gozem, sem demora, do direito da representação na Assembléia Nacional. Os até agora seus "senhores", porém, exigem uma indenização e uma organização do trabalho. Os signatários aceitam esse último princípio, mas não, absolutamente, no sentido de restabelecimento disfarçado da escravidão. Quanto particularmente à indenização, não reconhece a Comissão caráter de propriedade na posse do homem pelo homem. A escravidão não era uma instituição legal, era uma desordem social. E se a França deve uma indenização por esse estado social que tolerou e agora suprime, mais a deve aos que sofreram, ou deve tanto a esses como aos seus antigos "senhores". Essa indenização, portanto, não deve ser dada aos senhores mas à colônia em si, para ser

(Cont. na pag. 55)

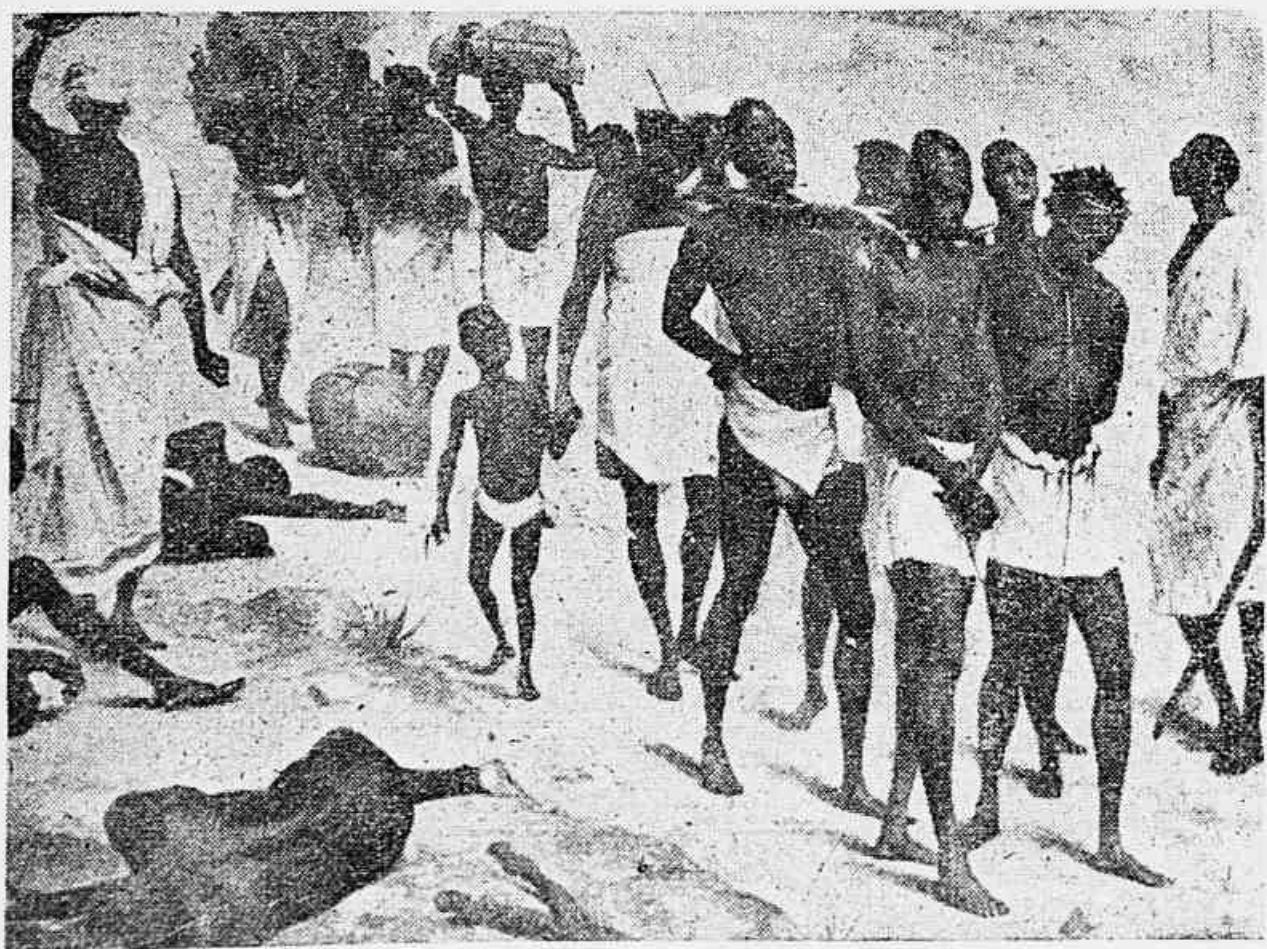


Victor Schoelcher, o grande amigo dos negros, em uma caricatura de Daurnier, publicada em 1849.

A 27 de abril de 1848, o Governo Provisório da República Francesa assinou um decreto, pelo qual se abolia a escravatura, estigmatizada como "atentado à liberdade humana, violação flagrante do dogma republicano — Liberdade, Igualdade, Fraternidade."

Era o término lógico de um profundo movimento de idéias que o Século XVIII vira nascer. Olhando o mundo, que as descobertas modernas engrandeciam, a França viu homens, em que reconheciam irmãos, sofrendo a canga de animais irracionais. Filósofos e escritores tomaram a si denunciar esse crime. Diderot, Voltaire, com seu "L'Ingenu", faziam desses homens heróis de suas sátiras moralizadoras; Bernardin de Saint Pierre mostrava, no seu delicado romance "Paulo e Virginia", as dolorosas infâmias da escravatura. E a sensibilidade francesa se apoderou do assunto, e de tal maneira que mil objetos familiares — papéis para fôrro de casas, telas impressas, pratos, estampas — que o Museu da França de Ultramar conserva, em Paris, numa brilhante coleção — imortalizavam, nos palácios e nas choupanas, o episódio do escravo protegido e salvo pela linda e inocente Virginia. A Revolução de 1789 havia decretado que todos os homens nascidos nas colônias, fosse qual fosse a cor de sua epiderme, eram cidadãos franceses e gozavam dos direitos garantidos na Constituição. Mas Bonaparte aboliu essa medida. Todavia, o movimento de justiça, assim criado, se tinha sido afastado pelas leis, continuava inscrito no coração de todos, e era natural que um dos primeiros atos dos homens de 1848 fosse retomar e coroar, com decisão definitiva, a obra começada.

O decreto de 27 de abril abolia, além do mais, todo e qualquer castigo corporal, anistiava "os antigos escravos condenados a penas corporais ou prisão correccional por fatos que, imputados a homens livres, não poderiam jamais ter tal punição". E, também, estabelecia a representação das colônias na Assembléia Nacional, logo



A esquerda: Um comboio de escravos, a caminho do navio negreiro. A direita: Cena da revolução republicana da França, em 1848, quando foi, então, extinta total e definitivamente a escravidão nas colônias francesas.

PUXOU as rédeas, com violência, e o "Corisco" estacou súbito, resfolegando. Estava no alto da Covanca — aquela serra danada de subir, tão próxima do céu que talvez pudesse tocá-lo com as mãos. Olhou as estrelas e um pedaço atoa de luar da lua magra. Malita terra seca: na escuridão despia o terreno dentro da memória e sabia que ele se estendia a seus pés inteiramente nu na ausência angustiante da vegetação. Tempos tinham passado em que aquilo tudo era mar verde ondulado pelo vento. Vento de alma verdadeira correndo nas plantações enormes, sem limites, grudadas à terra benzedeira, a se perderem de vista no contorno cinza dos montes e serranias. A "Fazenda Fulgêncio" devia estar a dois passos, depois da encruzilhada, branca como sempre — fantasma colonial de paredes caiadas batidas pelo luar enfezado da noite pobre de prata. Tinha de esporear o animal, arrancar através do resto de serra e pular a janela da sala grande. Aquelas estrelas ficariam bem nos cabelos soltos de Mariana. Sabia que o pensamento corria pelo céu com receio de lembrar a resolução tomada no arraial onde bebera cachaça até estourar. Sabia que a cabeça da mulher ficaria virgem de estrelas... era impossível catá-las no firmamento como quem bateia cascalho no rio Preto. Mas o corpo de Mariana seria dele quando apanhasse a pedra benta pelo Zeferino no dia de São Jorge. E rememorava as lendas sobre a "pedra da felicidade" que o coronel Fulgêncio comprara a bom preço na sessão de macumbeiro. Vozes pareciam sair do arvoredo mirrado dizendo coisas estranhas aos seus ouvidos... Olhou em derredor, cuspinho a saliva grossa na poeira da estrada e esporeou a montaria. Os pedregulhos cantavam nas ferraduras enquanto descia o último plano já divisando na chapadão, submerso no silêncio, o prédio sonolento.

Tônio apeou devagar, amarrando "Corisco" na porteira. Pulou a cerca e o coração parecia bater dentro da cabeça. Na varanda, olhou a rede de fibra vegetal esquecida ali pelo negro Romualdo. Quis recuar mas a lembrança do sorriso de Mariana estimulava-o — o mesmo sorriso da festa do Retiro quando enfeitara-se todo e passara a bebericar pelas vendas dos caminhos. Bem que lhe avisara Chico da Tendinha: "Aquela, Tônio, não é pra qualquer, não. Toma outro rumo, caboclo... Diz que ela vai casar. Cria do coronel Fulgêncio não é pra campeiro. Toma outro rumo, Tônio"...

Mas a "pedra da felicidade" resolvia. Sabia que sim. Procurara o macumbeiro de olhar ruim e ele lhe dissera que sim. Mas havia na redondeza apenas aquela. E ele não sabia fazer outra igual.

"São coisas abençoadas pelo Pai Nosso, Tônio... difícil abençoar duas vezes. Muito difícil"...

Achava tudo erra-



Conto de DIRCEU QUINTANILHA

★

Ilustração de A. ZAGORSKA

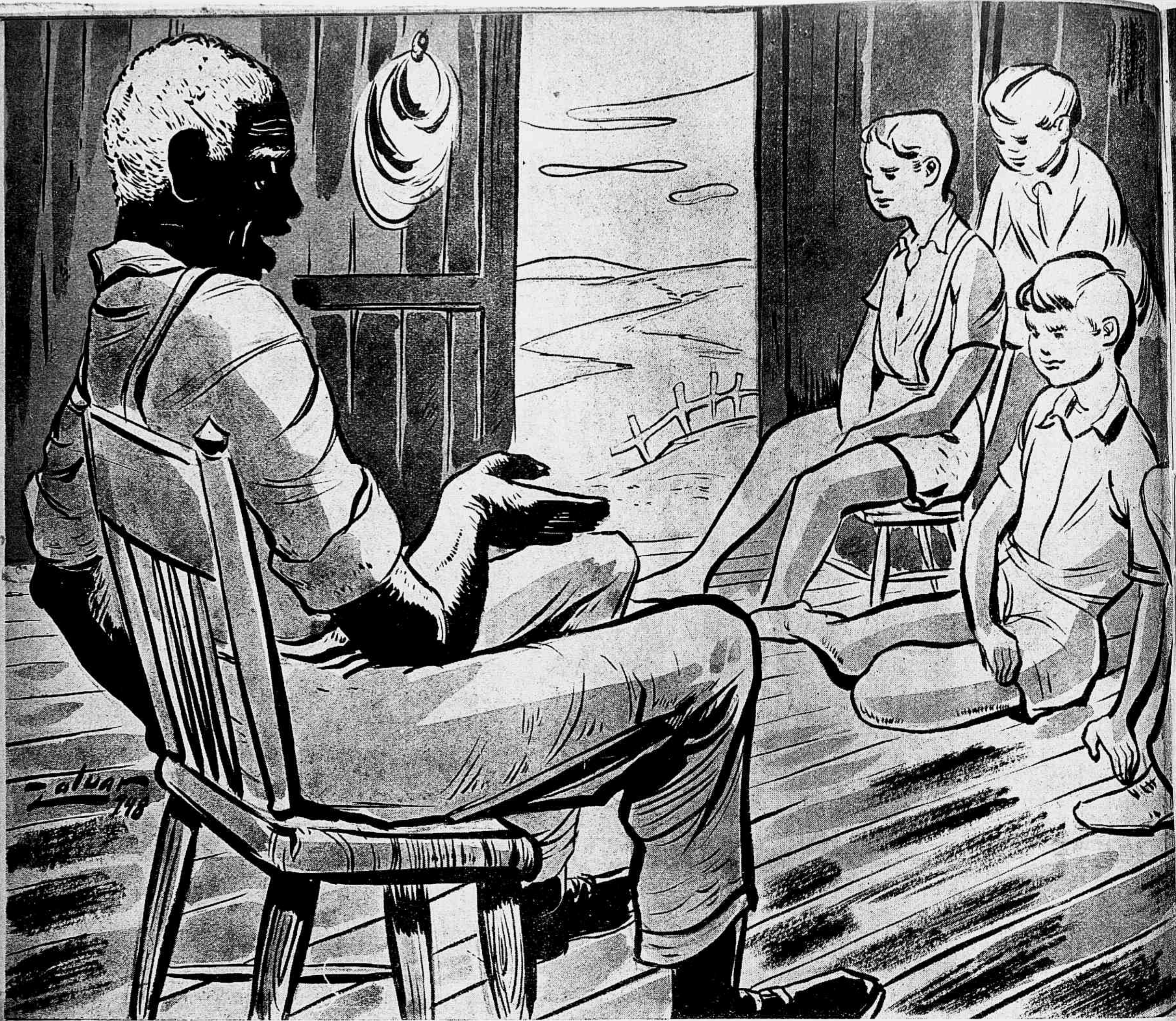
de lâmpadas pequeninas forradas de papel vermelho: — "Ela é mulher direita, rapaz!" — a voz do farmacêutico parecia sussurrar pelas paredes. A aragem acariciava os cabelos e "Corisco" parecia o cavalo de São Jorge perto da porteira. Saltou felino e a sala grande parecia um túmulo prestes a engolir-lo. Dava talvez a própria vida para fugir dali. Avançou sobre a cômoda. Dentro da caixa preta encontrou a pedra benta. Segurou-a trêmulo: a mão fechava-se sobre ela de tão pequena. Era o corpo de Mariana... tinha certeza que apertava entre os dedos as formas, a tepidez suave das carnes moças. "Mulher direita, Tônio. Faz felicidade de qualquer um... mulher pra criar teus filhos". Sorriu satisfeito, lembrando as palavras do pai. E Mariana ia com ele na mão fechada... Pulou a janela e divisou "Corisco" quieto, rente à porteira. Restava contornar a varanda passando pela janela do quarto de Fulgêncio. Seria fácil. Depois galoparia pela Covanca catando estrelas para os cabelos soltos de Mariana. Roubar felicidade não era roubo. Deu uns passos lentos tocando mansamente os pés no chão de terra batida. Foi quando ouviu vozes abafadas no quarto de Fulgêncio. Quis fugir mas ficou pregado... uma zoeira esquisita dentro da cabeça. Era a voz de Mariana, tinha certeza que era a voz de Mariana num sussurro:

— Parece que tem gente aí fora, Fulgêncio...

— Bobagens! Deve ser moleque Romualdo vindo do arraial. Não precisa acender a luz, não! Vem dormir...

E ficou ali sem saber o que fazer, segurando a felicidade benta pelo macumbeiro Zeferino, numa noite de São Jorge...

A PEDRA DO CORONEL FULGENCIO...



TIO Custódio é tio de todos e não é tio de ninguém. Ele não tem família, não tem parentes, mas o "tio" que o pessoal antepõe ao seu nome o faz parente de todo mundo, até dos desconhecidos que chegam na estância e que passam apenas uma noite naquele galpão grande e escuro como todos os galpões. Todos o chamam de tio, porque algum título merece ter um velho contador de histórias e tio Custódio não é nada mais do que um contador de histórias antiquíssimas e verídicas. Por isso mesmo é que ele tem valor. Nunca mentiu, nunca trocou dois nomes, nunca errou uma data. Quando tem dúvida sobre algum ponto da história que vai contar, prefere deixá-la de lado até o dia em que a lembre na íntegra. Caso isso não aconteça porque sua cabeça já está tão velha como os seus arreios, como ele mesmo diz, então será uma história que ninguém há de ouvir, porque ele prefere deixar de contar alguma coisa a cometer um erro e dar direito a que alguém o chame de mentiroso. E' essa a pior ofensa que lhe podem fazer. Se alguém se atrever a chamá-lo de mentiroso terá na certa o seu palmo de facão no corpo, como aconteceu a um mascate que quiz brincar com o Tio Custódio. O mascate sabia ler e carregava consigo uma pilha de livros, mas tio Custódio, sem saber ler e sem ter tocado em um livro sequer em todos os seus noventa ou cem anos, sabe muito mais do que ele e do que muita gente sabida, porque ele esteve em carne e osso em todas as revoluções de seu tempo e nunca esquentou lugar. Sempre andou por onde quis. Lá um belo dia queria conhecer a Serra e lá se ia. Bastava pegar seus dois cavalos, arrumar a mala de garupa e entrar no corredor. E' de todas essas viagens que ele foi guardando as histórias que conta agora para o pessoal do galpão e dizem que até hoje não repetiu nenhuma.

E' negro, muito negro, e com o cabelo branco como se fosse um punhado de geada enclumando um rosto retalhado de rugas e cicatrizes. Suas mãos grandes, calosas, têm uma atração irresistível para quem lhe

escuta as histórias antigas. Mãos nodosas, mas vivas, ágeis, completando com gestos rápidos as frases que seus lábios grossos vão contando. Quando a gente escuta suas palavras não olha para o seu rosto escuro onde cada batalha e cada luta dentro da vida lhe deixaram marcas, nem para seus olhos rasgados, rodeados de rugas, mas cheios de luz, nem para sua boca desdentada que procura sempre pronunciar as palavras com a máxima correção (por isso o pessoal diz: — Tio Custódio não é qualquer um! Ele fala bonito como gente de cidade!) A gente olha é para as mãos, aquelas mãos enormes, vivendo as histórias que ele conta, completando com dois gestos uma história das degoias no forte ao Cati, onde ele esteve um tempo.

Todas as manhãs é o tio Custódio o primeiro a levantar do seu amontoado de pelejos, enquanto ainda toda estância dorme. Levanta desdobrando aquele corpo enorme e rijo e sai para encher a chaleira com água para o chimarrão, para quando os "meninos" levantarem estar tudo pronto. Mas não é só por isso que ele levanta quando as estrelas ainda estão no céu. E' porque as campanhas lhe deixaram o hábito de dormir pouco e porque acha melhor estar no meio do silêncio enrolando com vagar um cigarro de palha a ter de sonhar com aquela mulher...

Levanta e caminha por todo aquele galpão que é uma única mancha negra, sem fazer um ruído. Parece impossível que com todo aquele tamanho o tio Custódio não esbarre num banco ou numa cama, mas ele assegura que seus olhos são tão bons como o eram há vinte anos atrás e ninguém pode duvidar disso depois de fazer uma tropeada com ele, em campo aberto e desconhecido, dentro de uma noite escura como lagôa funda.

Levanta, arruma os pelejos num canto, ajeita uma coisa e outra e depois senta num banquinho, na porta larga do galpão e fica chimarreando ou pitando até que apareçam as primeiras barras do dia e os pri-

meiros peões sonolentos. Cada um que levanta vem se chegando e quando os sete homens, (às vezes o dobro quando é época de marcações ou de banho no gado) e mais os gurus do capataz estão reunidos, o tio Custódio começa a falar naquela sua voz muito descansada.

— Foi lá pelo ano de 1887, quando o Ibirapuitan ficou tão seco como o assoalho deste galpão, que a gente caminhava por dentro dele a pé enxuto, que o Fermiano encontrou com o Garibaldi. Isto fazia um bom tempo que o Garibaldi tinha matado o pai do Fermiano, mas morte dessas é coisa que ninguém esquece nem perdôa. E foi, então, os dois se encontraram na boca de um corredor...

O tio Custódio passa adiante a cuia e segue sua história com todo o vagar. Ninguém fala dentro do galpão. Quando é história do tio Custódio há um silêncio absoluto dentro daquelas quatro paredes, enegrecidas pelo tempo e pela fumaça da fogueira. Os gurus se chegam mais para perto, com receio de perder alguma de suas palavras e os homens ficam escutando, comparando aquelas histórias tão velhas com as histórias de agora. Tudo é igual ou parecido. Só os nomes é que são diferentes.

Ninguém sabe a idade do tio Custódio. Para a peonada ele é tão velho como esse galpão do tempo dos escravos que já tem todo o teto inteiramente negro pelo picumã da fogueira constantemente acesa. Dizem que ele anda beirando os noventa e sete, noventa e oito, mas o velho Serafim, filho de uma escrava, diz que o tio Custódio era moço quando ele era guri de correr quero-quero e isso diz bem claro que os cem anos já passaram para o tio Custódio, ainda que com isso de idade ele não se importe nem um pouco. Idade, para ele, é o mesmo que erva ruim: não vale nem um resmungo. Que importa a idade se ele ainda pode fazer as suas trocadas, se o seu braço ainda é firme para encher um mate sem derramar uma gota, se sua cabeça é tão boa que não esquece nenhuma das his-



que Nica não era dessas mulheres que esperam toda a vida por um homem.

— Outra vez foi quando houve um entrevero dos diabos numa penca lá no Pôsto Pequeno que agora não existe mais...

— Onde é que ficava?

— Numa lomba grande que tem, antes de chegar nas casas do Pôsto do Angico. Agora só existem dois umbus. Mas, como eu estava dizendo, foi coisa feia. Eu estava lá e esse talho na cara foi o facão do Coronel Silveira que Deus o guarde. Ele fez assim...

Uma das mãos grossas riscas o ar num gesto preciso como se fôsse um facão retalhando um rosto e os guris arregalam os olhos dentro do galpão que aos poucos vai se enchendo da luz do dia que aparece por detrás das coxilhas.

— ...e ficou o chão coalhado de gente morta e ferida...

As duas mãos grandes e escuras fazem um gesto calmo como a calmaria que desce sobre um campo de batalha depois de um entrevero.

E o tio Custódio silencia...

De má vontade os peões vão se levantando, pegando os arreios e saindo para encilhar os cavalos que o Maurício vem trazendo.

— Ora! Já?

E os guris olham para o tio Custódio, pedindo, com a tristeza do rosto, mais uma história.

— E' cedo ainda, tio Custódio! Conte outra!

— Só mais uma! Não seja mau, tio Custódio!

— Agora não. Se acabou. Só de noite.

E não há jeito mesmo. E' esperar pela noite, pedir que ela chegue bem depressa para que o velho se aproxime do fogo, faça um cigarro e comece outra história. Agora, só de noite, porque depois que o dia sai, é tempo de trabalho e não de reminiscências.

— Mas, tio...

— Não, Cumpadrito! — ele passa a mão calosa por sobre a cabeça do caçula do capataz e sorri. — Já se terminaram as histórias. Agora vocês vão trabalhar enquanto eu fico pensando noutra para hoje de noite.

A peonada ri e o gurizinho também, porque todos sabem que ele não precisa pensar em histórias, porque todas elas estão guardadas na cabeça e basta abrir a boca para que saia uma atrás da outra, sem terminar

mais madura e mais mulher, cuidando do rancho e dele. Gosta de imaginar um mundo de coisas impossíveis. É essa a única história que é toda uma mentira. Mentira uma mulher imaginária aquela figura de guria que o de princípio a fim, porque ele, sem sintor, substituiu o tempo aos poucos foi apagando até ficar sem que ele pudesse distinguir nada. Então, para tê-la em sua imaginação, agarrou-se à figura de uma moça que viu por aí, e é com essa imagem que ele começa a sua história mentirosa. Depois tudo também é mentira; o casamento, os filhos, a felicidade... Que seria dele se Nica soubesse esperar? Talvez todas as cicatrizes que as revoluções lhe deixaram no corpo não existissem, talvez o rancho não fôsse tão pequeno porque teria de abrigar uma mulher e muita criança, talvez ele não estivesse naquele galpão, fazendo um laço para o capataz e contando histórias para os guris e para a peonada. Não seriam amigos ou apenas estranhos os que escutassem suas reminiscências. Seriam seus próprios filhos, dentro do seu galpão e não num galpão de outros.

Tio Custódio suspira porque sabe que é inútil imaginar tanta coisa. Isso lhe dá um pouco de alívio, mas depois a tristeza é maior. Procura pensar em outras coisas, mas há sempre um vulto esguio e moreno de menina, mesclando-se às suas recordações. Se Nica soubesse esperar... Meus Deus! Como tudo seria diferente!

— Credo! Parece que eu já comecei a caducar, como o compadre Marino!

Seu sorriso é amargo

Depois do almoço a peonada safu novamente para o campo e alguém comentou a tristeza do tio Custódio.

— Ele nunca é assim. Sempre fala com a gente, dá risada. Conta uma coisa e outra enquanto a gente está comendo, e agora ele estava com um jeito tão estranho... Vocês não repararam?

— E' velhice. Ele está muito acabado. Um homem com quase cem anos, ou, quem sabe, mais!

— Pobre do tio Custódio!...

A noite, quando os peões cansados chegaram na estância, largaram os cavalos suados e chegaram na porta do galpão, estranharam a escuridão. Tio Custódio não fizera o fogo! Não havia frito o assado! Não havia água quente para o chimarrão!

— Alguma coisa aconteceu! Em mais de vinte anos

Mais Uma História...

tórias que o tempo foi guardando dentro dela? Só se importou com idade quando viu que com quinze anos a gente não pode casar, ainda que tenha forças para levantar um rancho e enchê-lo de comida para a mulher e os filhos. Foi quando conheceu a Nica. Foi quando gostou dela para o resto da vida, que até hoje a lembrança daquela guria existe dentro dele.

— Logo que eu passe dos vinte a gente se casa. Tá certo, Nica?

— Como tu queira...

— Mas tu me espera?

— Claro que espero!

Mas ela não esperara... Cinco anos passaram depressa, mas quando ele completou seus vinte anos Nica já não estava na estância. Ele devia ter desconfiado

nunca. As histórias do tio Custódio são como água de manancial; não têm fim.

O pessoal vai saindo e o velho fica no galpão vazio, trançando laços, remendando arreios, cortando conjuntas e tentos. E' essa a hora de contar uma história só para si, uma que não há de contar para ninguém: a sua história, a história da Nica, do rancho vazio esperando por uma mulher que poderia ter aparecido, mas que nunca apareceu deixando sua vida tão vazia como fica o galpão quando o dia clareia, que o pessoal sai para camparear. Se ele contasse ninguém haveria de compreender aquele amor dos seus quinze anos, o primeiro que embelezou sua vida de piá de galpão e o último, porque depois de Nica nenhuma outra mulher entrou em seu coração. Nica não soube esperar... Que seria de sua vida se ela o tivesse sabido? Ele gosta de pensar nisso, gosta de imaginar uma Nica bonita,

que ele tá lá na estância, nunca aconteceu uma coisa assim!

E, de fato, tio Custódio havia morrido.

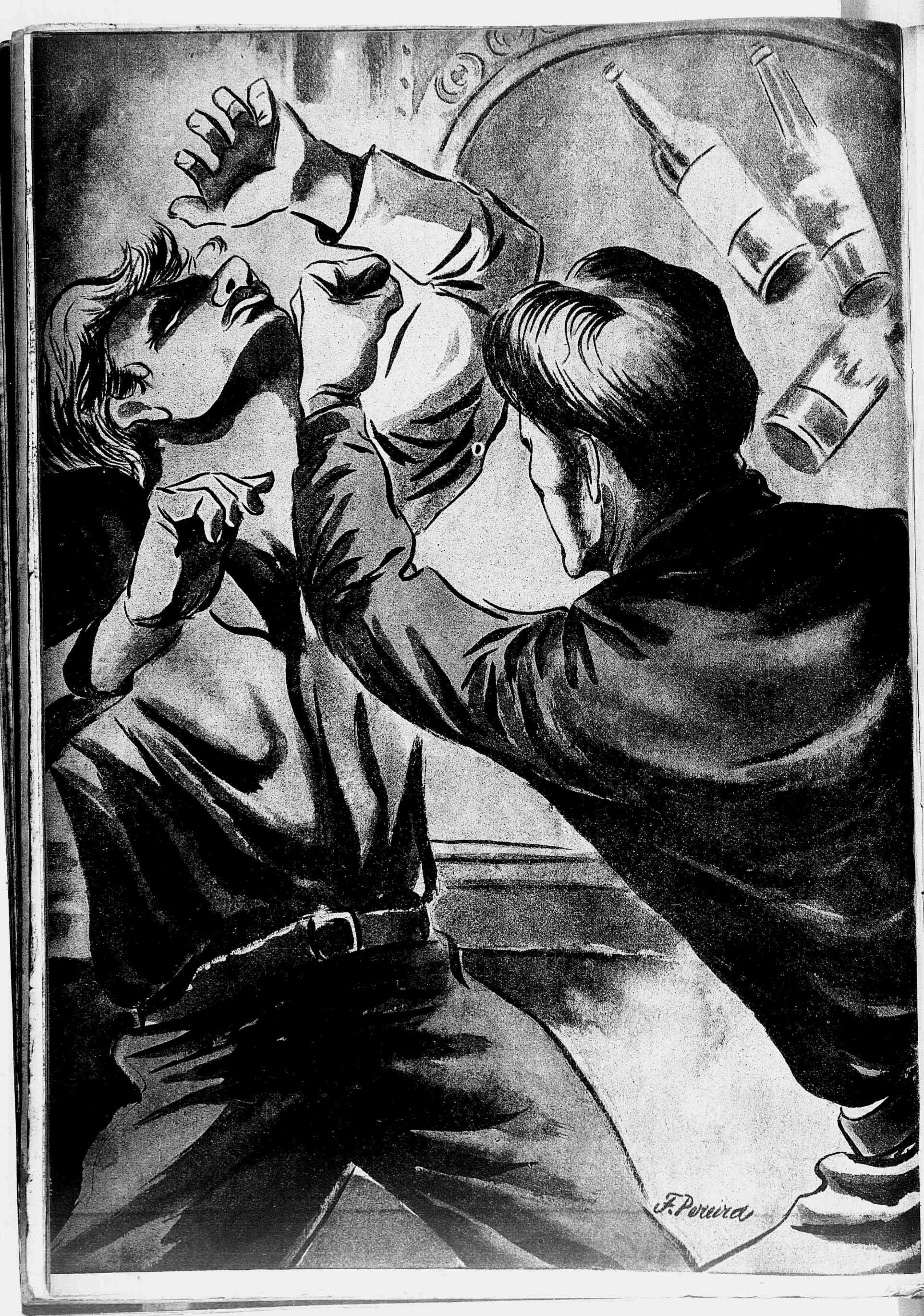
Quando o "Cumpadrito" ouviu o barulho da chegada dos peões correu logo para o galpão, que já estava na hora de começarem as histórias.

— Tio Custódio! Tio Custódio!

Os rapazes que rodeavam o corpo do velho contador de histórias viraram-se para a porta do galpão. O vultinho do guri veio se chegando, caminhando de leve como se não quisesse fazer barulho para despertar o tio Custódio.

— Ele tá dormindo? Será que ele vai dormir muito? Ele me prometeu que agora de noite ia me contar mais história! Ele...

E o guri parou de súbito, vendo que um dos peões soluçava.



Conto de JOHN STEINBECK ★ Ilustração de F. PEREIRA

A aldeia de Loma está situada, como o seu nome indica, numa colina baixa e redonda, que se ergue como uma ilha à saída plana do Vale de Salinas, na Califórnia central. Ao norte e a leste da cidade, estendendo-se, através de quilômetros, um pântano de arunda negra, mas ao sul o pântano foi drenado. O resultado da drenagem foi o aproveitamento de boas terras próprias para hortaliças, terras tão negras de fertilidade, que a alfaca e a couve-tior ali plantadas atingem proporções verdadeiramente gigantescas.

Os donos do pântano ao norte da aldeia começaram a invejar a terra negra. Reuniram-se e organizaram um distrito de reclamação. Eu trabalho para a companhia que fez o contrato para abrir um fosso através do pântano. A draga fluante chegou, foi montada e começou a rasgar o fosso através das águas salobras.

Durante algum tempo tentei morar no barco com o pessoal, mas os mosquitos que pairavam nas margens e por cima da máquina e o forte nevoeiro pestilente que se elevava do pântano todas as noites e desliziava rante ao solo, fizeram-me procurar a aldeia de Loma, onde aluguei um quarto mobiliado — o quarto mais melancólico que eu já vira — na pensão de Mrs. Ratz. Eu poderia ter procurado mais, mas a vantagem de minha correspondência poder vir aos cuidados de Mrs. Ratz, decidiu-me. Afinal de contas, o quarto era só para dormir, pois eu comia no rancho do barco.

Loma não conta mais de duzentas pessoas. A Igreja Metodista ocupa o ponto mais elevado da colina. Sua agulha avista-se de muitos quilômetros de distância. Dois armazéns de secos e molhados, uma loja de ferragens, um velho Palácio Mação e o Bar do Búfalo constituem os edifícios públicos. Dum lado da colina ficam as pequenas casas de madeira da população e nas férteis planícies do sul estão as casas dos proprietários, pequenos quintais geralmente fechados por altos muros de ciprestes aparados para abrigar dos fortes ventos da tarde.

Não havia nada que fazer em Loma à noite, exceto ir para o bar, um velho edifício de tábuas com portas de molas e um toldo sobre o passeio de madeira. Nem a proibição nem a revogação haviam alterado o seu negócio, a sua clientela ou a qualidade do seu whiskey. Desde o anoitecer até a meia noite todos os habitantes masculinos de Loma, de mais de quinze anos, iam pelo menos uma vez ao Bar do Búfalo, tomavam um gol., conversavam um pouco e voltavam para casa.

Fat Carl, o gordo dono do bar, cumprimentava todo o mundo com um flegmático mau humor que, não obstante, inspirava familiaridade e afeição. Sua fisionomia era carrancuda, seu tom de voz absolutamente hostil e, entretanto, não sei como consguia isso. Eu sei que fiquei muito reconhecido e confortado quando Fat Carl ficou me conhecendo perfeitamente bem para voltar a sua cara de porco enfarruscada para mim e dizer com alguma impaciência:

— Então, que vai ser hoje?

Ele sempre perguntava isso, embora servisse apenas whiskey e só whiskey de uma qualidade. Vi-o, mais d. uma vez, recusar, sem rodeios, espremer um pouco de limão na bebida para um estranho. Fat Carl não gostava de formalidades. Usava uma grande toalha amarrada em volta da cintura e limpava os copos nela enquanto andava dum lado para o outro atrás do balcão. O soalho era de tábuas, coberto de serragem, o balcão fora dum armazém, as cadeiras eram rústicas e duras, e as únicas decorações eram os cartazes e fotografias pregadas nas paredes por candilatos a eleições comarcas, vendedoras e leiloeiros. Alguns destes ram muito velhos. O cartaz do Sh riff Rital continuava ali pedindo para que o reelegessem, embora Rital estivesse morto havia sete anos.

O Bar do Búfalo sugere, mesmo para mim, uma impressão terrível, mas quan-

do se descia a rua à noite, pelos passeios de madeira, com as grandes caudas de nevoeiro dos pântanos, como p daços ondulantes de lona suja, batendo no rosto da gente, quando finalmente se empurravam as portas de molas do bar de Fat Carl e se viam hom ns sentados em volta conversando e bebendo e Fat Carl vinha ao nosso encontro, parecia bem agradável.

Alguns homens jogavam pôquer tranquilamente. Timothy Ratz, marido da minha senhoria, jogava paciência, roubando escandalosamente, porque ele só bebia quando ganhava. Quando ganhava, empilhava as cartas cuidadosamente, levantava-se e dirigia-se para o balcão com grande dignidade. Fat Carl, já com o copo quase cheio à sua espera, perguntava:

— Que vai s r?

— Whiskey — respondia Timothy gravemente.

No salão oblongo, os homens dos sítios e da cidade estavam sentados nas cadeiras duras ou encostadas ao velho balcão. Um murmúrio baixo e monótono de conversação se ouia continuamente, exceto em épocas de eleições ou grandes lutas, quando então poderia haver vibrantes orações e opiniões discutidas em voz alta.

Eu detestava sair para a noite úmida e ouvir, vindo de longe, do pântano, o motor Diesel e a draga trabalhando e depois voltar para o meu quarto triste na pensão de Mrs. Ratz.



Pouco depois da minha chegada a Loma viajei conhecimento com Mae Romero, uma bonita mestiça mexicana. Algumas vezes, à noite, eu descia com ela a encosta sul da colina, até que o nevoeiro incômodo nos fazia voltar para a cidade. Depois que a acompanhava até sua casa, ia para o bar matar um pouco de tempo.

Uma noite, eu estava sentado no bar conversando com Alex Hartnell, dono dum bonito sítio. Falávamos sobre a pesca da perca, quando as portas de molas se abriram e fecharam. Um silêncio súbito desceu sobre o bar. Alex cotucou-me e disse:

— E' João Urso.

Olhei para a porta. O seu nome o descreveria melhor do que eu poderia fazê-lo com muitas palavras. Parecia um grande urso, estúpido e sorridente. Sua cabeça, coberta por um cabelo negro hirsuto, oscilava para a frente e os longos braços pendiam-lhe dos ombros como se tivesse de andar de quatro e se mantivesse erguido por um truque de equilíbrio. Tinha pernas curtas e cambaiais, terminando em estranhos pés quadrangulares. Vestia um macacão azul escuro, mas estava descalço. Os pés não pareciam mutilados ou deformados de qualquer maneira, mas eram quadrados, tão largos como compridos. Parou à porta, balançando os braços com sacudidas nervosas como fazem os idiotas. No seu rosto havia um sorriso bobo de felicidade. Adiantou-se e, apesar de touco o seu volume e falta de jeito, parecia deslizar. Não se movia como um homem, mas como um animal de presa. Quando chegou ao balcão, parou, olhando as faces em volta com seus olhinhos brilhantes de expectativa e pediu:

— Whiskey?

Loma não era uma cidade obsequiosa. Um homem poderia pagar uma bebida a outro, se tivesse absoluta certeza de que o outro imediatamente pagaria outra para ele. Fiquei, pois, muito surpreendido, quando um dos homens mais calados dali pôs uma moeda sobre o balcão. Fat Carl encheu o copo. O monstro pegou nele e engoliu a bebida de um trago.

— Que diabo... — com-cel.

Mas Alex acotovelou-me e disse:

— Psiu...

Começou então uma curiosa pantomima. João Urso dirigiu-se para a porta. Dai voltou. O sorriso idiota nem por um instante deixou a sua fisionomia. Agachou-se sobre o estômago. Uma voz saiu da sua garganta, uma voz que me pareceu familiar.

— Mas você é bonita demais para viver numa cidadezinha miserável como esta.

A voz elevou-se, tomando um suave tom gutural, com um ligeiro vestígio de sotaque estrangeiro.

— O senhor está falando por falar.

Tenho a certeza de que quase desla-leci. O sangue latejava-me nos curdos. Fiquei muito vermelho. Era a minha voz que saía da garganta de João Urso, as minhas palavras, a minha intonação. E depois vinha a voz de Mae Romero... exata. Se eu não tivesse visto o homem agachado no chão, teria chamado por ela. O diálogo continuou. Essas coisas sempre pareceram muito bobas quando

ditas por outra pessoa. João Urso continuou, ou talvez fosse mais correto dizer que eu continuei. Dizia coisas e fazia sons. Gradualmente os rostos dos homens desviaram-se de João Urso e voltaram-se para mim, sorridentes. Eu não podia fazer nada. Sabia que se tentasse fazê-lo calar, teria uma briga nas mãos, e, assim, a cena continuou até o fim. Quando terminou, eu fiquei muito contente pelo fato de Mae Romero não ter irmãos. Que palavras óbvias, forçadas e ridículas saíram da boca de João Urso. Por fim ele se ergueu, sempre com aquele sorriso idiota, e de novo pediu:

Acho que os os homens do bar tiveram pena de mim. Desviaram a vista para o outro lado e começaram a falar de coisas que não tinham nada a ver com o assunto em questão. João Urso foi para o fundo do bar, arrastou-se para baixo de uma mesa redonda de jogo, enroscou-se como um cachorro e adormeceu.

Alex Hartnell olhava-me penalizado.

— E' a primeira vez que o ouvi?

— E'. Que diabo é ele?

— Por está preocupado por causa da reputação de Mae, não pense mais. João Urso já a seguiu em outras ocasiões.

— Mas como é que ele nos ouviu? Eu não o vi.

— Ninguém pode ver ou ouvir João Urso, quando ele está de serviço. Anda que nem parece se mover. Sabe o que os moços daqui fazem quando saem a passear com as pequenas? Levam um cachorro. Os cachorros têm medo de João Urso e farejam a sua aproximação.

— Mas, em nome de Deus! aquelas vozes...

Alex acenou com a cabeça.

— Eu sei. Alguns de nós escrevemos

para a universidade a respeito dele, e um moço veio aqui. Examinou-o e depois falou-nos a respeito de Tom, o cego. Alguma vez ouviu falar de Tom, o cego?

— Você se refere ao pianista negro? Sim, ouvi falar dele.

— Bem, Tom, o cego, era idiota. Quase não sabia falar, mas era capaz de reproduzir qualquer música no piano, por mais longa que fosse. Experimentaram-no com grandes músicos, e ele reproduzia não só a música, mas também o estilo do executante até os mínimos detalhes. Para apanhá-lo, cometiam pequenos erros, e ele tocava os erros também. Fotografava a ex-cução até os detalhes mais insignificantes. O homem diz que João Urso é a mesma coisa, só que, em vez de música, fotografa palavras e vozes. Experimentou-o com uma longa passagem em gr go, e João Urso repetiu-a exatamente. Não sabe as palavras que está dizendo, di-las apenas. Não tem inteligência bastante para acrescentar seja o que for, por isso a gente sabe que o que ele diz é o que ouviu.

— Mas por que faz isso? Por que se interessa em ouvir, se não entende?

Alex enrolou um cigarro e acendeu-o.

— Não entende, mas gosta de whiskey. Sabe que se escutar às janelas e vier aqui e repetir o que ouviu, alguém lhe dará whiskey. Tenta pegar a conversa de Mrs. Ratz na loja ou de Jerry Noland discutindo com sua mãe, mas não pode obter whiskey por essas coisas. Observe!

— E' estranho que alguém não lhe tenha dado um tiro quando está escutando às janelas.

Alex tirou uma fumada do cigarro.

— Muita gente tem tentado fazer isso, mas ninguém vê João Urso e ninguém o surpreende. A gente mantém as janelas fechadas e, mesmo assim, fala em cochichos, se não quer que as suas palavras sejam repetidas. Você teve sorte que a noite estivesse escura. Se ele o tivesse visto, teria reproduzido a ação também. Devia ver João Urso enrugar o rosto para dar a impressão de uma moça. E' horrível.

Olhei para o vulto enroscado debaixo da mesa. João Urso estava de costas para o salão. A luz batia-lhe no cabelo empastado. Vi uma grande mosca pousar-lhe na cabeça, e então juro que vi todo o couro cabeludo tremer como treme a pele dum cavalo assediado pelas moscas. A mosca pousa novamente e o couro trêmulo sacudiu-a. Estremeci também dos pés à cabeça.

A conversa dentro do salão havia retomado o seu tom monótono de tédio. Fat Carl estava limpando um copo na sua toalha-avental havia dez minutos. Um pequeno grupo de homens perto de mim discutia lutas de cachorros e lutas de galos e, gradualmente, a conversa descambou para as touradas.

Alex, ao meu lado, disse:

— Venha, vamos tomar um gole.

Dirigimo-nos para o balcão. Fat Carl pôs dois copos na nossa frente.

— Que vai ser?

Nenhum de nós respondeu. Carl serviu o whiskey. Olhou-me sombriamente e uma de suas pálpebras grossas e carnudas moveu-se subitamente numa piscadela solne. Não sei porque me senti lisonjeado. Fat Carl acenou com a cabeça para o lado da mesa de jogo.

— Pegou o senhor desta vez, não?

Pisquei para ele.

— Na próxima vez levarei um cachorro.

Falei imitando suas frases sentenciosas. Bebemos o whiskey e voltamos para as nossas cadeiras. Timothy Ratz ganhou um jogo de paciência, empilhou as cartas e dirigiu-se para o balcão.

Olhei para a mesa de jogo ao canto. João Urso tinha rolado e estava de barriga olhando o bar em volta, com seu sorriso idiota. Sua cabeça movia-se e ele espreitava para todos os lados como um animal prestes a deixar o covil. Então deslizou para fora e levantou-se. Havia um paradoxo em seus movimentos. Parcia contorcido e informe e, apesar disso, movia-se sem o menor esforço.

(Continua na pág. 24)

MÚSICA

TOSCANINI DESCOBRE UM REGENTE ★ UM CONTRATO PARA A N.B.C. ★ O IMIGRANTE POBRE E OS MÚSICOS DE HOLLYWOOD ★ O SEGRÊDO DE RAMILOVITCH

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

DE Sophie Arnould, grande cantora francesa, conta-se que, encontrando um músico que falava sozinho, recomendou-lhe prudência.

— Cuidado! Você fala muito com você mesmo. É um perigo! Defenda-se das lisonjas desse admirador, o maior que você tem.

A imprensa americana registrou, recentemente, uma conversa que Arturo Toscanini, o regente, teve consigo mesmo, e depois transmitiu aos cronistas musicais, que a comentaram. Mas, apesar de sabermos que o maestro italiano não desconhece os próprios méritos, nem teme proclamá-los, ninguém deu àquela colóquio interpretação maliciosa ou ferina. É que, sabiam todos, Toscanini, impressionado com uma orquestra que ouvira, regida por Jacques Ramilovitch, estivera meditando sobre o talento deste músico e chegara, mesmo, a demonstrar seu entusiasmo comentando, em voz alta: "Bravos! Muito bem. Que magnífica orquestra! Um bom maestro."

Foi tudo obra do acaso. Raramente Toscanini fica em casa à noite. Mais raramente ainda liga o rádio e dispõe-se a ouvi-lo. Também não é frequentemente que dá a um colega a honra de sua atenção para um concerto. Mas tudo isso aconteceu e com consequências que alcançaram larga repercussão, pois Toscanini, que sempre vai, com rapidez, da intenção à ação, pensou em convidar Ramilovitch para reger a orquestra da N.B.C. e fê-lo, imediatamente, de forma que, muito breve, a batuta que Toscanini, habitualmente, empunha foi cedida, para uma série especial de concertos, a Ramilovitch. A crítica aplaudiu, ratificando o julgamento de Toscanini. Sucesso extraordinário.

HOLLYWOOD SEM "ESTRÉLAS"

Muito diferente a atual situação de Ramilovitch daquela a que chegou, oito anos atrás. Tangido, com tantos outros refugiados, pelos horrores da guerra, o europeu buscou refúgio na América, que então, ainda não pressentia o alcance mundial que, finalmente, ganharia o conflito. Para procurar a paz, Ramilovitch foi forçado a abandonar seus bens na Europa e, assim, chegou aos Estados Unidos sem um níquel. O primeiro emprego que conseguiu nada tinha a ver com a música. Pianista, regente, ele foi ganhar uns magros dólares num posto de abastecimento de gasolina, em Los Angeles.

Mas não poderia ficar assim afastado de sua arte. Por amor a ela, entregou-se, sem qualquer remuneração, à tarefa de preparar um conjunto sinfônico composto de músicos de Hollywood que, trabalhando para o cinema, tinham de sujeitar-se a executar a música de fundo dos filmes, isto é, pequenos trechos selecionados para realçar a ação. Estes músicos procuravam, havia muito, uma espécie de club que, sem qualquer finalidade de lucro, organizasse concertos nos quais participariam, tendo, assim, uma oportunidade para "tocar, realmente", conforme diziam. Em Ramilovitch encontraram um animador incansável. Ele regia, preparava os programas, auxiliava os músicos, marcava os concertos e, finalmente, conseguiu inaugurar a nova Orquestra Sinfônica de Santa Monica que deu ao grupo de músicos uma organização definitiva.

Lembrando aqueles primeiros tempos, a luta contra as dificuldades que se multiplicavam, o esforço necessário para harmonizar dentro do conjunto, os membros, Ramilovitch citou, em entrevista à imprensa, episódios pitorescos.

— É preciso não esquecer, lembrou ele, que, sendo uma orquestra sem finalidade de lucro, não havia pagamento, todos trabalhavam de graça e, assim, precisavam ganhar a vida com uma outra atividade qualquer. A maioria dos músicos estava empregada nos estúdios. Muitas vezes desanimei e pensei em abandonar tudo por causa disso. Imagine que conciliar os horários era quase impossível. Quando um não estava ocupado, o outro estava. Agora multiplique esse problema pelo número de componentes da orquestra e imagine as minhas dores de cabeça. Os ensaios eram realizados sempre, com a orquestra desfalcada. Certa vez, preparávamos o conjunto para um concerto importante, e, como o tempo fosse curto, reolvemos marcar quatro ensaios somente. Pois bem, somente um — um! — dos músicos compareceu aos quatro ensaios. Faltavam ora uns, ora outros. Pois a assiduidade daquele músico me comoveu. Fui cumprimentá-lo. Ele agradeceu, mas foi logo dizendo que, precisamente na noite do concerto, não poderia comparecer!...

O SEGRÊDO DE RAMILOVITCH

Ramilovitch revelou, recentemente, à imprensa o segredo do seu repertório.

— Há uma série de obras que constituem o programa da maior parte dos concertos realizados aqui. Mas o sr. já imaginou quanta música original e bela há que raramente é executada? Pois o nosso segredo é procurar, justamente, essas obras raramente executadas, e trazê-las ao público. Deixamos Beethoven e Brahms para os que já têm reputação feita e não precisam trazer nada de novo para despertar o interesse.

Fiel aos seus princípios, Ramilovitch apresentou-se com a N. B. C. incluindo, em seu programa, a "Fête Populaire", de Kabalevski, e a "Suite Provençale", de Milhaud. E a crítica, registrando sua estréia, disse que não somente Ramilovitch agrada pela sua segurança de regente como pela escolha das obras que interpreta, "jóias musicais esquecidas."

JOÃO URSO

(Cont. da pág. anterior)

João Urso avançou sorrateiramente para o balcão, sorrindo para os homens que passava. Em frente do balcão fez a sua pergunta insistente:

— Whiskey? Whiskey?

Era como o chilrear de um passarinho. Não sei que espécie de passarinho, mas já o ouvi alguma vez... duas notas numa escala crescente, fazendo uma pergunta repetida:

— Whiskey? Whiskey?

A conversa no salão silenciou, mas ninguém se adiantou para colocar dinheiro sobre o balcão. Johnny sorriu lamentosamente.

— Whiskey?

Então tentou lograr a assistência. Da sua garganta saiu uma voz irritada de mulher.

— Estou-lhe dizendo que era só isso! Vinte centavos a libra e metade osso!

Depois a voz do homem:

— Sim, senhora. Eu não sabia. Eu lhe darei um pouco de chouriço para compensar.

João Urso olhou em volta esperançoso.

— Whiskey?

Nenhum homem se adiantou. João Urso deslizou para a frente do salão e agachou-se. Murmurei:

— Que está fazendo?

— Psiu! — fez Alex. — Está espreitando por uma janela. Escute!

Veio uma voz de mulher, fria, segura, áspera.

— Não posso compreender. Você é um monstro? Eu nunca teria acreditado, se não tivesse visto!

Outra voz de mulher respondeu, uma voz baixa, rouca de desespero.

— Talvez eu seja um monstro. Eu não posso evitá-lo. Não posso evitá-lo.

— Deve evitá-lo — interrompeu a voz fria. — Oh! Melhor seria que você estivesse morta.

Ouvi um soluçar abafado saindo dos lábios grossos e sorridentes de João Urso. O soluçar de uma mulher desesperada. Voltei-me e olhei para Alex. Estava sentado rigidamente, com os olhos abertos e sem pestanejar. Abri a boca para murmurar uma pergunta, mas ele fez-me sinal para que guardasse silêncio. Olhei o salão em redor. Todos os homens estavam rígidos e atentos. Os soluços pararam.

— Você nunca se sentiu assim, Emalin?

Ao ouvir o nome, Alex suspendeu subitamente a respiração. A voz fria anunciou:

— De certo que não!

— Nunca, de noite? Nunca... em toda a sua vida?

— Se tivesse sentido isso, — declarou a voz fria — se alguma vez tivesse sentido isso, cortaria essa parte de mim. E, agora, para de grunhir, Amy. Não suportarei isto por mais tempo. Se não dominar esses nervos, providenciarei para que você receba um tratamento médico adequado. Agora vá para as suas orações.

João Urso sorriu olhando em volta.

— Whiskey?

Dois homens adiantaram-se sem uma palavra e puseram moedas sobre o balcão. Fat Carl encheu dois copos e, depois João Urso bebeu um após o outro, encheu mais um por sua conta. Todos viram por isso o quanto ele devia estar emocionado. O Bar do Búfalo não costumava oferecer bebidas aos fregueses. João Urso sorriu em volta e depois saiu com aquele seu andar sorrateiro. As portas de molas fecharam-se atrás de si lenta e silenciosamente.

A conversa não se restabeleceu. Todo o mundo parecia ter em mente um problema para resolver. Um por um os homens foram saindo e o balanço das portas de molas deixava entrar pequenas bafaradas de nevoeiro do pântano. Alex levantou-se e saiu. Eu o segui.

A noite era desagradável e cheia do nevoeiro malcheiroso. O nevoeiro parecia grudar aos edifícios e subir, estendendo braços para o céu. Estuguei o passo e alcancei Alex.

— Que foi? — perguntei. — Que foi tudo aquilo?

Por um momento pensei que ele não fosse me responder. Então parou e voltou-se para mim.

— Oh! Diabos levem! Escute! Toda a cidade tem os seus aristocratas, a sua família superior a qualquer censura. Emalin e Amy Hawkins são as nossas aristocratas, damas solteiras, boa gente. O pai delas era congressista. Não gosto disso. João Urso não devia ter feito aquilo. Elas o alimentam. Aquêles homens não deviam ter-lhe dado Whiskey. Agora ele vai malassombrar aquela casa... Agora sabe que poderá obter whiskey por isso.

— Elas são parentes suas? — perguntei.

— Não, mas são... ora, elas não são como as outras pessoas. Têm a fazenda contígua à minha. É cultivada por alguns meeiros chineses. É... é difícil de explicar. As Hawkins são símbolos. São o que nós dizemos aos nossos filhos quando... quando queremos descrever boas pessoas.

— Ora, — protestei — suponho que nada do que João Urso disse vai prejudicá-las, vai?

— Não sei. Não sei o que aquilo significa. Quer dizer... sei mais ou menos. Oh! Vá deitar-se. Eu não trouxe o Ford. Vou a pé para casa.

Voltou-se e penetrou no nevoeiro ras-tejante.

Segui para a casa de pensão de Mrs. Ratz. Podia ouvir o zumbir do motor Diesel no pântano e ruído metálico da grande boca de aço que ia comendo o terreno e avançando. Era num sábado à noite. A draga interromperia às sete da manhã de domingo, descansando até a meia noite de domingo. Pelos ruídos eu sabia que tudo estava correndo bem. Subi a estreita escada para o meu quarto. Deitei-me, mas deixei a luz ardendo por algum tempo e fiquei a olhar para as pálidas e insípidas flores do papel de parede. Pensava naquelas duas vozes que falaram pela boca de João Urso. Eram vozes autênticas, não reproduções. Lembrando-me de suas inflexões, eu podia ver realmente as mulheres que tinham falado — Emalin, de voz frígida, e o rosto flácido e desesperado de Amy. Que poderia ter causado esse desespero? — pensei. Seria apenas o sofrimento solitário duma mulher de meia idade? Não me parecia que fosse apenas isso, pois havia muito medo na sua voz. Adormeci com a luz acesa e tive de me levantar mais tarde para apagá-la.

Pelas oito da manhã seguinte atravessei o pântano e fui até a draga. O pessoal trabalhava ativamente passando novos cabos em volta dos tambores e enrolando o cabo gasto. Fiquei superintendendo o trabalho e pelas onze horas voltei a pé para Loma. Alex Hartnell estava sentado no seu Ford modelo T de turismo, em frente da pensão de Mrs. Ratz. — Falou de longe:

— Eu já agora mesmo buscar você. Matei umas galinhas esta manhã e pensei que talvez você quisesse ir lá me ajudar a comê-las.

Aceitei de bom grado. O nosso cozinheiro — um homem corpulento de fisionomia pálida — era um bom cozinheiro, mas ultimamente eu começara a antipatizar com ele. Fumava cigarros cubanos numa piteira de bambu. Não me agradava o modo como os seus dedos se contraíam de manhã. Suas mãos eram limpas... mãos enfarinhadas como as de um moleiro. Enfim, subi ao Ford e sentei-me ao lado de Alex e guiamos colina abaixo até a terra fértil a sudoeste. O sol cintilava na terra preta. Quando eu era pequeno, um rapaz católico tinha me dito que o sol sempre brilhava no domingo, ainda que só por um momento, porque era o dia de Deus. Eu sempre quis prestar atenção para ver se era verdade. Rodamos ruidosamente até a planície.

Alex gritou:

— Lembra-se das Hawkins?

— Naturalmente.

Ele apontou.

— Aquela é a casa.

(Cont. na pág. 52)





Em cima: Dulcina e Ribeiro Fortes, em uma cena de "Dona do mundo", a nova comédia de Genolino Amado, um autor novo e talentoso, que está conquistando expressivo sucesso no Regina. Na página à direita: Dulcina, em "Dona do Mundo" ao lado da grande atriz característica Conchita de Moraes.

OUTRA VITÓRIA DE GENOLINO AMADO

1948 está sendo um grande ano para o teatro nacional. Não só pelo êxito que têm conquistado as nossas grandes companhias, como pelas afirmações de talento de alguns dos nossos dramaturgos. Na mesma noite em que Jayme Costa repunha no cartaz a peça que é o triunfo máximo de sua longa e brilhante carreira artística, — a comédia histórica "Carlota Joaquina" — a Companhia Dulcina-Odilón estreava, com grande e expressivo êxito, uma nova comédia de

"DONA DO MUNDO", SUA NOVA COMÉDIA, APRESENTADA POR DULCINA E ODILON, CONQUISTOU OS APLAUSOS DO PÚBLICO E DA CRÍTICA

Por DEMÓSTENES VARELA ★ Fotos de A. VIEIRA
(Especialmente para REVISTA DA SEMANA)

Genolino Amado, "Dona do Mundo", que pode ser colocada em pé de igualdade com os melhores originais estrangeiros

representados por esse homogêneo elenco.

E' esta a segunda vez que Genolino

Amado se apresenta, nos cartazes dos nossos teatros, como autor dramático. Sua peça de estréia foi "Avatar", dada no Regina e, em seguida, no Santana, de São Paulo, já então com o título mudado para "Uma estranha aventura", considerado mais sugestivo e menos raro pela empresa. Tratava-se de uma deliciosa comédia, irreal como certas fantasias de Noel Coward e de Jean Anouilh, mas nem por isso menos susceptível de divertir e de prender a aten-



A esquerda: uma cena da nova comédia de Genolino Amado, com Susan Negri, Dulcina e Conchita de Moraes; à direita, outra cena, com Lídia Vani, Aurora Aboim e Jarde Jercollis Filho.





Na página à esquerda, em cima: Ribeiro Fortes, em uma cena com Dulcina e Odilon Azevedo, em uma cena com Conchita de Moraes; em baixo: Conchita de Moraes e Susana Negri, em uma cena do segundo ato; e Dulcina, vestida como Joana D'Arc, entre Odilon e Ribeiro Fortes, em uma cena do terceiro ato de "Dona do Mundo".

ção do público. Primava essa comédia, especialmente, pela segurança da construção, pelo equilíbrio do seu desenvolvimento, pelo método narrativo e pelo brilho do diálogo. Não havia dúvida que o nosso público estava diante de um novo e excelente autor, um autor que vinha formar ao lado dos que mais honram e ilustram as tradições do nosso teatro.

Dulcina e Odilon haviam suscitado uma vocação adormecida, ignorada, talvez, do próprio autor que o público hoje está aplaudindo calorosamente no Regina. Se não tivessem tido a idéia de convidá-lo para realizar, em alguns dias, às pressas, a tradução de "Chuva", o intenso drama que John Coiton e Clemence Randolph escreveram, com base em um dos contos de William Somerset Maugham, — arrancando-o por umas noites às suas atividades de jornalista e autor de programas radiofônicos, talvez Genolino Amado ainda continuasse ausente do nosso teatro. Depois da tradução de "Chuva" veio a de "Anna Christie" e, ao mesmo tempo que esta, a provinciana comédia do novo autor. Não faltou, entretanto, quem quisesse apoucar-lhe esse esforço, obscurecer-lhe essa vitória. Ora! Fizera uma boa comédia, não havia dúvida, mas com um assunto que não era seu, um assunto que fora tomado de empréstimo a Theophile Gautier. E que assunto! Não adiantaria dizer-se que o próprio Theophile Gautier não "sentira o teatro" que havia no conto dramatizado por Genolino Amado, nem que "the play is the thing"... Era necessário que Genolino Amado, para confundir os maldizentes, os detratores do talento e do mérito alheio, produzisse uma outra comédia, toda sua, inteiramente sua, no fundo e na forma, na ação e na palavra. Essa comédia aí está, no cartaz do Regina, mostrando um episódio de flagrante atualidade, uma luta que podemos testemunhar todos os dias, — entre os que vacilam entre o idealismo e os interesses imediatistas, entre o espírito e o estômago, entre a liberdade sem segurança econômica e a servidão bem remunerada. Dulcina e Ribeiro Fortes, em seus papéis bem traçados, o de psicóloga habilmente definida, representam o idealismo. Odilon Azevedo, no papel de um banqueiro cínico e elegante, representa o polo oposto, — o dos interesses materiais, o poder do dinheiro, a força corruptora por excelência. Ao lado desses artistas, dirigidos por Dulcina, figuram Conchita de Moraes, Aurora Aboim, Susana Negri, Jorge Diniz, Lidia Vanl, Jardel Jercolis Filho e vários outros, completando magnífico elenco. "Dona do Mundo" representa mais uma vitória, não apenas para Genolino Amado e para a Companhia Dulcina-Odilon, mas para o próprio teatro nacional.

À direita: Dulcina, no primeiro ato de "Dona do Mundo", no papel da esposa do banqueiro milionário, vestindo um elegantíssimo modelo de Iracema, que, habitualmente, veste suas peças de atualidade.





O marechal de campo Harold Alexander, visconde de Tunis e governador geral do Canadá.

UM HÓSPEDE DE HONRA DO BRASIL

O MARECHAL DE CAMPO HAROLD ALEXANDER, VISCONDE DE TUNIS E GOVERNADOR GERAL DO CANADÁ, VISITA O RIO DE JANEIRO

Por MICHEL B. KAMENKA



(Especial para REVISTA DA SEMANA)

E M visita oficial, acedendo a gen
do Govêrno da República, está
o marechal Alexander.

Não veio o marechal na qualidade
de cabo de guerra, mas na de g
geral do Canadá; na de estadista,
soldado.

O nosso após-guerra, que está
de poder chamar-se paz, possui o
vilégio de transformar os gener is
de Estado e em ministros. O gener
na Sub-Secretaria de Estado, depoi
sido chefe do Estado Maior, é o ex
fricante destas singulares metam
nossa época atual. E' um sinal
A estratégia sobreviveu, de forma
à cessação das hostilidades. Trê
o armistício, domina ela ainda a p
dial. Por outro lado, o exercício
comando numa guerra em que d
dos tomam parte, implica em pro
dependem tanto da estratégia co
nistração ou da diplomacia. Os
tais cargos estarão, pelo menos, t
parados para enfrentar os pr
grande administração, como os
de carreira, por mais distintos qu

O Canadá, pela sua situaç
ponto nevrálgico do globo. Con
aéreas polares, daí a sua impo
o hemisfério ocidental. Acha-se
à rede aérea mundial, da mesm
à rede panamericana. A sua p
talmente de acompanhar os pro
tégicos. Um grande militar no
vernador geral — eis uma escolh
bem justificada.

A esquerda: No parque de Windsor, no
panhia de sua família. A direita: O ge



a gentil convite
a, está no Brasil

alidade de gran-
de governador
distância na de

está bem longe
sui o curioso pri-
er is em homens
generil Marshall,
depois de haver
é o exemplo mais
melhor oses da
sinal os tempos.
ormar a quietude,
Três anos após
da a política mur-
rício de um alto
que diversos ali-
m problemas que
ia comp da admi-
Os que exercem
nos, tão bem pre-
os problemas da
o os funcionários
os que estes sejam.
situação, tornou-se
Contra as rotas
importância para
ha-se incorporado
mesma forma que
ua política: tem fa-
s problemas estra-
r no posto de go-
escolha que parece

Tal escolha justifica-se sobretudo pelas qua-
lidades pessoais do marechal Alexander, cuja
extraordinária carreira ficou consagrada na
última conflagração. De origem irlandesa, co-
mandou a primeira Brigada Inglesa em Fran-
ça, dirigiu a retirada, ficando conhecido como
"o último homem a abandonar Dunquerque".
Durante o conflito vamos em toda parte en-
contrá-lo ao parapeito. Os japoneses atacam
Burma com forças superiores, lá está Alexan-
der a fazer-lhes frente durante quatro meses.

Chamado ao Oriente Próximo em agosto
de 1942, assume o comando no momento
mais crítico da guerra. Os japoneses conti-
nuam a martelar incessantemente as portas
das Índias; os alemães atingem o Cáucaso,
o único exército inglês em campanha, fati-
gado e desanimado por sensíveis reveses,
como a perda de Tobruk, agarrar-se ao reduto
de El Alamein, a 60 milhas de Alexandria.
E' Winston Churchill, em pessoa, quem en-
trega no Cairo o comando ao general Ale-
xander, traçando-lhe o plano de ação. E'
uma ordem formal, escrita com seu próprio
punho, e que, dadas as circunstâncias, mais
se afigura um desafio: "O vosso primeiro e
principal dever será o de capturar ou des-
truir, na primeira ocasião, os exércitos italo-
alemães, comandados pelo general Rommel,
com todo o seu material, tanto no Egito como
na Líbia".

Alexander executará, ao pé da letra, a
ordem recebida. De batalha em batalha, de
vitória em vitória, lá vai ele, conduzindo,
através da imensidão do deserto, as forças
inglesas primeiro, as aliadas mais tarde, até
a tomada de Tunis, que significará a destrui-

ção total das forças inimigas e o fim da cam-
panha africana. O caminho ficará livre para
a invasão da Europa pelo sul.

Quinze dias após haver assumido o co-
mando, travou-se a batalha de Alam el Halfa,
derradeira tentativa de Rommel para fender
a frente inglesa na direção de Alexandria.
Alexander havia previsto o golpe e Rommel
esbarra. Esta vitória defensiva é da mais alta
significação. Significa a mudança da corrente,
o começo do declínio da força alemã. A tão
decisiva reviravolta para toda a guerra está
intimamente ligado o nome do general Ale-
xander!

Bem depressa será iniciada a ofensiva, a
batalha de El Alamein, a arrancada em dire-
ção ao oeste, através de campos minados,
batalha que consagra o nome do primeiro
lugar-tenente de Alexander: Montgomery.

Vem, em seguida, a campanha na Líbia,
Tripoli ocupada, a marcha para o oeste que
continua através do deserto.

Em novembro, desembarcam os americanos
em Marrocos. Doravante, o programa de ação
está bem traçado: efetuar a junção e ani-
quilar o inimigo.

Logo que se constituiu, após a histórica
conferência de Casablanca, em janeiro de
1943, o "18º Grupo de Exércitos", formado por
unidades americanas, inglesas e francesas,
Alexander assume o respectivo comando. Tor-
na-se comandante em chefe das operações na
África e lugar-tenente de Eisenhower. E' nesta
qualidade que ele dirige as complicadas ope-
rações da Tunísia: a batalha da linha Mareth,
a da garganta de Kasserine, o assalto final
e fulminante a Tunis.

A presença, no Brasil, do marechal Alexander,
um dos grandes comandantes aliados na recente
guerra, responsável pela derrota das tropas teuto-
italianas comandadas por Erwin Rommel no Nor-
te da África e superior do hoje marechal Mont-
gomery, é motivo de justo jubilo para o nosso país,
no qual o eminente cabo de guerra e hoje homem
de Estado, à testa do governo canadense, como re-
presentante do rei da Inglaterra, suscitou a mais
viva admiração e a mais sincera estima. As hon-
ras especiais com que o nosso governo resolveu
recebê-lo não terão um sentido puramente for-
mal. A elas estará associado, de espírito e de co-
ração, todo o povo da capital brasileira, honrado
pela presença do eminente soldado e estadista
em terras cariocas.

A 13 de maio de 1943, comunicava Alexander
a Winston Churchill: "Senhor é meu
dever participar-vos que a campanha da Tu-
nísia está terminada. A resistência do inimigo
cessou. Somos senhores das costas norte-afri-
canas". As ordens recebidas no Cairo a 10
de agosto de 1942 haviam sido executadas.
A tarefa que o esperava a seguir era a con-
quista da Sicília e da Itália. Torna-se o co-
mandante em chefe de todo o exército da
Itália; em seguida, de todo o teatro de ope-
rações no Mediterrâneo.

Desde o desembarque na Sicília até a con-
quista total da península, utiliza ele os mes-
mos métodos de resolução, de sangue frio e
de preparação metódica na administração e
nas operações que o fizeram o grande sol-
dado e o grande administrador que ele é.

or, no Canadá, o marechal Alexander examina o mapa daquele domínio, em com-
O general Eurico Gaspar Dutra, então ministro da Guerra, quando de sua visita ao

quartel general do Visconde Alexander, então Comandante em Chefe das Forças Aliadas no Mediterrâneo, e atual-
mente Governador Geral do Canadá. A fotografia foi tirada na Itália, em setembro de 1944.





O marechal Alexander, durante a campanha da Itália. Na página ao lado: o marechal Alexander, depois de prestar juramento perante o Parlamento Canadense, em Ottawa.

São estes últimos atributos que ele aplica sobretudo nas suas funções de governador geral, para cujo desempenho foi chamado em abril de 1946, aliados às suas qualidades de diplomata. Como governador geral, é ele o representante pessoal de Sua Majestade Britânica, e não o representante da Inglaterra; por consequência, agente supremo de ligação entre o Canadá, país soberano entre os demais da Comunidade Britânica de Nações e a velha metrópole. E' preciso também ter-se em conta que o Canadá é um país da América, como tal, estreitamente ligado aos interesses econômicos continentais. A atração econômica exercida pelos Estados Unidos foi assinalada por André Siegfried. Depois, os

laços com a América Latina, têm-se estreitado cada vez mais. As linhas de influência são complexas. Clareza de vistas e espírito de compreensão, fazem-se necessários para levar a bom término a tarefa que se impõe.

O governador geral Alexander é muito popular no Canadá. Já percorreu o país de lés a lés, em todas as direções, tendo visitado os recantos mais longínquos. Por toda parte foram louvadas as suas qualidades de homem e de chefe, bem como os seus dons de esportista, apaixonado da caça e do "sky". Uma das principais causas da sua grande popularidade reside no fato de ele haver tido tropas canadenses sob suas ordens. Os seus velhos camaradas de armas voltaram a en-

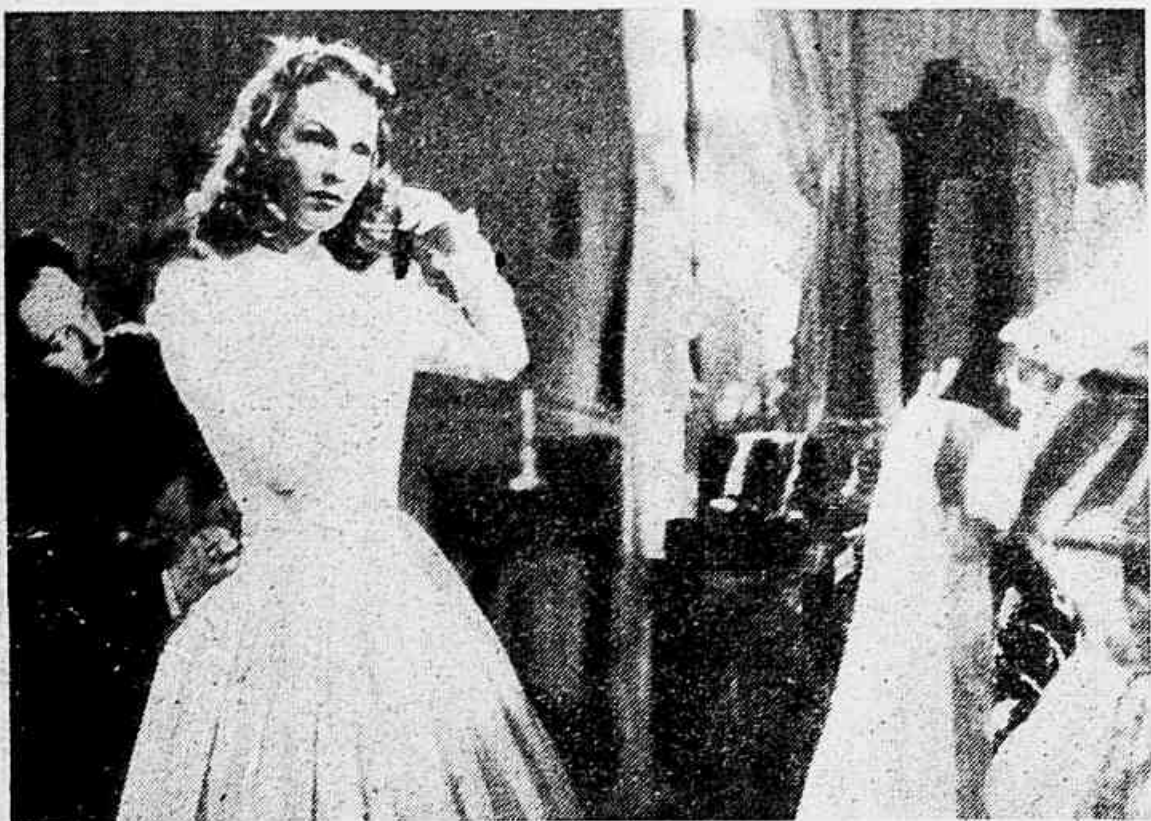
contrar, com intensa alegria, o chefe que os havia comandado. Da mesma forma, ao desembarcar no Rio, será ele saudado, não apenas como governador geral do Canadá e mensageiro da "boa vizinhança", mas também como chefe supremo das tropas brasileiras na Itália, pelas quais sempre demonstrou grande apreço e admiração, reconhecendo-lhes o mérito e a completa dedicação votada à causa comum: a luta pelo direito.

Entre as aclamações que envolverão no Brasil o hóspede ilustre, aquelas com que o distinguirão os veteranos da F.E.B. serão, sem dúvida alguma, as mais calorosas e entusiásticas.

O Presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, quando, como ministro da Guerra, concedia a sua excelência o Visconde Alexander de Tunis, Governador Geral do Canadá, a insígnia da Ordem do Mérito Militar. A fotografia foi tirada na Itália, em setembro de 1944, quando o Visconde Alexander (então Sir Harold Alexander) era Comandante em chefe das Forças Aliadas no Mediterrâneo. Ao fundo, aparecem o Marechal Mascarenhas de Moraes, o coronel José Bina Machado e oficiais do Exército norte-americano.







O cinema italiano está conquistando grande prestígio junto ao nosso público. Depois de "Roma, cidade aberta", "Viver em paz", "O coração manda" e outras películas, o prestígio do cinema peninsular se consolida. Esta cena é de "Uma romântica aventura", com Assia Norris e outros. Entre os outros, está Gino Cervi...

A VOLTA DE MADELEINE CARROLL

Madeleine Carroll, que, depois do seu divórcio com Sterling Hayden e, aliás, desde antes do fim da guerra, andava ausente do écran, acaba de completar um novo filme, "An Innocent Affair", película financiada por James Nasser. O galã dessa película é Buddy (Charles) Rogers, marido de Mary Pickford e antigo galã da Paramount, também há longo tempo ausente da tela. Madeleine Carroll, em companhia de seu novo marido, o francês Henri de Lavelle, vinha se dedicando à produção de documentários. Seu último filme fora "Minha Loura Favorita", com Bob Hope, produzido em 1941.

MAS... QUE ANÚNCIO!

Em um dos seus últimos números, "The Screen Writer", órgão oficial dos autores de argumentos, estampou o seguinte anúncio:

"Conceituado escritor gostaria que alguém lhe fornecesse uma idéia moderna para um filme que evite política, sexo, religião, divórcio, camisas duplas, drogas, doenças, pobreza, bebida, senadores, banqueiros, cigarros, capitalismo, Congresso, racismo, questões econômicas, arte,

morte, crime, nascimentos e acidentes (quer de aviação, quer de outros transportes), — e ainda mais não sendo o vilão norte-americano, europeu, sul-americano, africano, asiático, australiano, neo-zelandês, ou esquimão. Assunto não controverso, especialmente entre os críticos. Escreva para a Caixa Postal, 13, em Patton, Califórnia".

Mas... que anúncio! Será que alguém respondeu?

JEAN PAUL SARTRE NO CINEMA

Jean Paul Sartre, o profeta do "existencialismo", estreou no cinema com o argumento de "Les feux sont faits", um filme entre cujos intérpretes figura Marcel Pagliero, o ator de "Roma, cidade aberta". Parece que o autor de "Huis-Clos" gostou da experiência, pois neste momento se anuncia que ele resolveu fazer outra película, intitulada "L'enfance d'un chef", novamente em colaboração com Marcel Pagliero, que, desta vez, não será ator, mas diretor do filme.

"EURIDICE", O NOVO FILME DE MARCEL CARNÉ

Marcel Carné, responsável por um filme de grande sucesso, "Les enfants du Paradis", que, infelizmente, ainda não vimos no Brasil, vai fazer "Euridice", na Itália e na Sicília. Presentemente, Marcel Carné está preparando o "script" desse filme, baseado em uma peça mitológica de Jean Anouilh.

OUTRA VEZ, "ROMÉO E JULIETA"

Vocês estão lembrados de "Romeu e Julieta", com Leslie Howard, Norma Shearer, John Barrymore e Edra May Oliver? Pois bem: a peça de Shakespeare vai ser filmada mais uma vez, agora em francês, por Jacques Prevert, sob o título de "Les amants de Verone". A filmagem começará no corrente mês.



VOCÊ SABIA QUE...

... que o filme italiano "Paisã" está fazendo enorme sucesso em Nova York?

... que os Estúdios San Miguel, de Buenos Aires, estão interessados na aquisição dos direitos cinematográficos da peça brasileira "Cariota Joaquina", grande criação de Jayme Costa e Heloisa Helena?

... que Giano Palmisano, que está colaborando na realização de "Estrela da Manhã", em Parati, foi assistente de Cristian Jacque, na filmagem de "Carmen", com Vivienne Romance?

... que Raul Roulien está prestes a terminar "Jangada", sua nova produção, — e que Dulce Magalhães Barata será a "double" de Fada Santoro nas cenas de natacão?

... que Oscarito, assim que chegar de São Paulo, provavelmente iniciará a filmagem de "O rei do ritmo", argumento escrito especialmente para ele por R. Magalhães Júnior?

... que Viriato Corrêa já recebeu várias propostas para a filmagem de "A Juriti", famosa opereta que revelou Precópio Ferreira ao nosso público?

... que Doris Duranti, uma veterana do cinema italiano, aparece ao lado da estreante brasileira Dulce Bressane, em "Estrela da Manhã", produção da Pro-Arte ora em filmagem?

... que está prestes a ser lançado o filme nacional "O cavalo 13", com Maria Della Costa, Manuel Vieira, Hortênsia Santos e outros?

... que Moacir Fenelon está terminando "Obrigado, doutor", com Rodolfo Mayer, Lourdinha Bittencourt e outros, para próximo lançamento na Cinelândia?



BARBARA STANWYCK está de novo no cartaz, com seus filmes "A orquídea branca", para a Enterprise, e "B. F.'s daughter", para a Metro. Neste último ela aparece juntamente com Von Hefflin e Charles Coburn.

POR QUE RAZÃO ESPERAM TANTO?

GOSTARIAMOS de saber por que os filmes ingleses esperam tanto tempo para serem exibidos no Brasil. Há, evidentemente, grandes filmes britânicos, que estão perdendo por completo a atualidade, como "Coronel Blimp", um tecnicolor, que tem como assunto a última guerra e que foi filmado com Anton Walbrook e Deborah Kerr. Ora, esta atriz, hoje internacionalmente famosa, interpretou seu papel nessa peça antes de fazer "Longe dos olhos", ao lado de Robert Donat. Depois de "Longe dos Olhos", foi para os Estados Unidos e lá já fez nada menos de duas películas, uma delas o super-"abacaxi" da Metro, intitulado "Mercador de Ilusões", com Clark Gable. E, apesar de tudo, "Coronel Blimp", o filme que a tornou famosa, ainda não foi exibido no Brasil. Assim, vão sendo adiados outros filmes ingleses, inclusive "Black Narcissus", que Bibi Ferreira viu, em "première", há oito meses, em Londres, antes de embarcar para o Brasil, e "Henry V", interpretado e dirigido por Lau-

rence Olivier, que ainda hoje está à espera de ser lançado em nosso país, embora há mais de ano e meio tenha sido dado ao público londrino. Por que razão os filmes ingleses esperam tanto? Certamente porque esses filmes não têm distribuição própria e, geralmente, ficam na dependência de distribuidores norte-americanos.

Enquanto que Buenos Aires já viu "An Ideal Husband" e "Anna Karenina", — o primeiro com Paulette Goddard e o segundo com Vivien Leigh — no Brasil não vemos nem sequer um filme produzido há quatro anos atrás, como "Coronel Blimp"!

O que os estúdios ingleses precisam, antes de mais nada é emancipar-se na distribuição norte-americana. Do contrário, os filmes ingleses só chegarão ao nosso país quando se tornarem obsoletos. O cinema inglês é, hoje, o inimigo natural do cinema americano. E, — já diz o provérbio, — quem o inimigo poupa, nas mãos lhe morre.

MICKEY

O FILME DA SEMANA



JOAN CRAWFORD e DANA ANDREWS numa emocionante cena de "Extase de amor" (Daisy Kenyon).

EXTASE DE AMOR

(Daisy Kenyon)

(Continuação do número anterior)

Ela estivera tão absorta nos seus pensamentos, ali sentada, à espera dele, que quase esquecera onde estava. Até que a voz de Dan disse: — Olá, menina!

Ele sentou-se ao lado dela e pediu um Martini. — Estou contente por encontrá-la aqui. Preciso dos seus conselhos. — Estava evidentemente nervoso e preocupado, por algum motivo. — Estou com uma questão que vai fazer você me amar perdidamente. É o caso de um veterano, Suyo Noguchi. Combateu na Itália, com a Quarta Divisão. Voltou com três medalhas por ferimentos, além da Estrela de Prata. Mas a questão... é que não encontrou a pátria que deixara. Um espertalhão da Califórnia desenterra uma lei escrita por Cortez e rouba-lhe a fazenda. Então... não é o que eu disse?

Naquele momento, em que ele se declarava contra tudo quanto o escritório de advocacia conservador ao qual pertencia representava, por achar que se cometera uma injustiça, ela disse: — Amo-o perdidamente. — E, inclinándose para ele, ansiosa, perguntou: — Onde vamos jantar?

— Oh, querida, não podemos jantar — disse ele, desgostoso. — Preciso avistar-me com meu sogro, para tratar disso. — O sogro dele era o chefe do escritório. — E tenho ainda outras coisas que ver.

Os olhos tranquilamente tristonhos, ela ergueu-se e disse, com laconismo: — Há um filme no cinema da rua 8 que eu gostaria de ver.

Ho tomou cuidado de quem sabe que está errado, mas que tem a lógica do seu lado, ele disse: — Eu a amo... você me ama... Por que não consente que sejamos felizes ao menos um minuto?

Ela calçou as luvas. — Passei a tarde inteira andando. E não posso ficar andando toda a minha vida. Preciso ter um destino. Nem que seja ir ao cinema.

Ele ficou um momento a observá-la, e depois disse, com delicadeza: — Eu compreendo.

Peter Lapham esperava-a, quando ela chegou, e, diante da frieza com que ela o tratou, perguntou logo: — Fiz alguma coisa de mal?

— Você ficou de vir buscar-me hoje de manhã para passarmos a tarde fora. Foi só.

— Mas não vim, — disse ela, em tom de lástima. E declarou, com uma ingenuidade autoacusadora: — Esqueci. — Ela não o convidou a ficar, e ele perguntou: — Posso tornar a aparecer?

Com um gesto vago, ela respondeu: — Não sei. Você confunde tudo.

Envolvendo-a num abraço, ele disse: — Eu queria apenas tê-la um minuto assim, abraçada comigo. —



HENRY FONDA e JOAN CRAWFORD, aparecem, aqui, em uma cena da nova produção Twentieth Century-Fox. "Extase de Amor".

Daisy Kenyon. JOAN CRAWFORD. Dan O'Hara. DANA ANDREWS. Peter. HENRY FONDA. Lucille O'Hara. RUTH VARNICK. Mary Archer. MARTHA STAVARE. Rosebud. PEGGY ANN GARNER. Marie CONNIE M'PSHALL. Coverly. NICHOLAS JOY. Advogado de Lucille. ART BAKER. Morde. JOHN DAVIDSON. Marsha. VICTORIA HORNE. Juiz. CHARLES HERBERT. Advogado de Dan. ROY ROBERTS. Thompson. GIFF BARNETT. e Dino. TITO VUOLTO. Filme da Twentieth Century-Fox. Direção de Otto Preminger. Argumento de David Hertz, baseado no romance de Elizabeth Janeway.

Uma antiga e trágica infelicidade aprofundava-lhe a voz. — O mundo para mim está acabando, e não todos estão mortos, menos você. Alguns dias você se sentiu num estado de tristeza de que não encontrava jeito de sair? Minha esposa morreu num desastre de automóvel, há cinco anos. — Fitou o olhar no céu. — Foi o corêgo. Uma espécie de morrer lento. Lufei contra isso, mas aconteceu. A guerra fez o resto.

Daisy conservou-se calada, sem saber o que dizer a um homem tão solitário e tão atormentado.

— As duas vezes em que fui ferido, a que viver. Mas, quando melhorei, começava outra vez. — Foi agora com tristeza e monotonia. — Foi por isso que não quis sair do exército, depois que acabou a guerra na Europa. — Estando surto moria, eu não queria reter os nossos amigos... nem voltar para o que antes constituía as minhas ocupações.

Um sexto sentido disse então a ela o que era preciso dizer, e ela o disse, bruscamente: — Não creio numa só palavra do que você está dizendo.

Com isso o chocara, e arrancara-o da sua apatia. Ele ficou a encará-la, pálido. — Ch... eu acredito em fatos, — disse ela. — Não em melodramas. Se tudo houvesse morrido para você, você não estaria sentado aí a querer passar por um caso dramático.

Os brados dele apertaram-se em torno dela, e ela não os repeliu, mas não reagiu absolutamente à carícia. — Você apenas se está utilizando de mim, — disse, tranquilamente.

— Bem, e você? Não está me usando também? — retrucou ele. E diante do gesto dela, que fechara os olhos, acusou-a: — Podemos falar a meu respeito... mas não podemos falar a seu respeito. Você está apaixonada por um figurão. Acaso isso não é melodrama, também?

— Fiz uma pausa e acrescentou: — Você... o ama?

Ela respondeu prontamente: — Amo-o, sim.

— Mas não está satisfeita... do contrário eu não estaria aqui. — Observava-a agora, e viu que as mãos dela tremiam quando ela se afastou para apanhar um cigarro. Com impaciência, perguntou então ao chefe: — Quer casar-se comigo? Eu a amo, e quero desposá-la. Por favor... querida!

Ela queria gargalhar... e não podia. Havia o que fosse de medo desesperado nas palavras dela, e era demasiado cru a súplica que seus olhos lhe dirigiam. E ela começava agora a perceber quão perigosamente intoxicante era ser tão necessitada.

★

Foi no dia em que voltou de uma viagem de três semanas que Dan subiu de novo as escadas do apartamento de Daisy. A porta, detestável. O aposento estava mudado. Todos os quadros eram novos; e era a todos quadros de atos ou antigos retratos. Incredulamente, ele perguntou a Daisy: — vai casar-se com ele?

— Casou-me com ele, — foi a resposta.

Sentando-se na poltrona mais próxima, ele observou então, com tristonho humor. — Isto é uma surpresa. O homem chega e trás os seus esboços. Que tem ele a ver com barcos?

Ela contou. Contou também que Peter trabalhava agora, após ter-se desligado do exército, como ajustador de bússolas. — É um emprego temporário, até lavarmos economizado o bastante para comprar um automóvel e uma casa, no Cabo. Pretendemos passar lá a maior parte do ano. — Quando qu'ele franziu a testa, absorto nas fotografias, disse — apenas para dizer alguma coisa: — Eu não sabia que você se interessava por barcos, Dan.

Até então, ela jamais lhe notara qualquer sinal de velhice. Mas agora ele parecia velho... e exausto... — Há uma porção de coisas que nem eu mesmo sei, — disse ele. Caminhou para a porta, e falou com voz tão arrastada quanto os próprios passos: — Seja feliz, menina. — E, sem olhar para trás, retirou-se.

Ela deixou-se ficar onde estava entorpecida por um sentimento que não sabia qualificar. — Cu que d sejava qualificar. Como uma sonâmbula, adormeceu-se da janela, ficou olhando para baixo, vagamente — até que deu consigo fitando algo. Porque o destino promovera singular repetição de circunstâncias, Peter chegara quando Dan saía. E ela viu Dan estender a mão e apertar a de Peter.

Peter contou-lhe o ocorrido, quando entrou. — Foi engraçado, mas eu gosto dele, — observou.

Ela comentou secamente: — Ele quer que você goste dele. Nisso ele é perito.

(Cont na pág. 49)

BROADCAST

A televisão vem aí...

O QUE É MAU PARA NUNO ROLAND É BOM PARA LÍDIA BASTIANI

SEGUNDO as experiências britânicas, o tipo mais adequado à televisão, é o de olhos claros e cabelos cor de fogo. Isso promete provocar verdadeira revolução no "broadcasting" brasileiro, já às portas dessa nova fase. Basta simples exame para verificar-se que grande parte de nossas sambistas está longe de pertencer a esse tipo. Agora, que a televisão em aí, — para uma das emissoras Associadas — e as outras não quererão ficar atrás, — as intérpretes da música de morro terão de recorrer aos bons ofícios dos maquiladores, sob pena de se verem desprezadas pelo público ouvinte. Enquanto isso, as beldades terão no miraculoso invento, o ponto de partida para aumento de cartaz, considerando-se a influência exercida pela plástica sobre o sexo forte. Estrêlas cujo brilho reflete-se nas formas esculturais de que são dotadas, passarão à conquista da totalidade dos ouvintes, desbancando prima-donas e sambistas isentas de "it". E, não será de estranhar que o canto seja colocado em plano secundário, interessando-se as emissoras no contrato de "girls" vampirescas, tipo Iracema Vitória e Lídia Bastiani, hoje a cantora mais despida do nosso rádio. É verdade que ela se despe no palco, na Companhia de Chianca de Garcia, e tem uma linda voz. Para a televisão, será um sucesso... Uma cara bonitinha, de olhos claros e cabelos cor de fogo, sobre um corpinho provocante, talvez não mais precise da voz para vencer no rádio... O "glamour" será tudo...

Assim, a televisão, segundo tudo faz crêr, poderá mesmo ser a forra das mediocridades bonitas. Elas sonham com a conquista de milhões de fãs, com um simples requiebro malicioso de cadeiras. O futuro estará para elas, as Venus radiofônicas, uma vez que a televisão não corrige carcassas, nem endireita monstros, nem tampouco alimenta ilusões. Aos olhos do público surgirá prejudicado o cantor romântico que pesa cento e dez quilos, como Nuno Roland, o mesmo acontecendo com a ingênua de cara encarquilhada... E adeus figuras draculianas do "broadcasting" brasileiro. Um simples aparelho, inventado e criado pelo homem, será a derrocada desses que nasceram sem quaisquer resquícios de beleza, embora com algum talento... Mas, no rádio é assim mesmo. Nele, tudo se renova. Tivemos a fase dos sambistas de chapéu de palha. Passamos ao período dos programas românticos. Vivemos a época das novelas. Agora aproxima-se o momento das belezas estonteantes. Por isso, viva a televisão!

A. MIGUEIS



A televisão pode ser muito boa para Lídia Bastiani, — a cantora mais despida do nosso rádio, — mas será um espêto para Nuno Roland, — segundo opina o cronista desta página. E para muita gente mais...

RÁDIO-FLASHES

No "Tabuleiro da Balana", da Nacional, o ponto alto é a série "Neginho, Juraci e Mister John". A rigor, as situações, ali, decorrem da existência de Juraci, a Neginha — criação notável de Ismênia dos Santos. Ela é, portanto, o fator principal do agrado dessa série de "sketches", que já caíram no agrado público.

★ Cuquita Carballo, dançarina cubana, assinou contrato com a Rádio Tupi, onde deverá apresentar-se duas vezes por semana. Essa artista é, ainda, apreciada intérprete das melodias pan-americanas, daí a oportunidade que se nos oferece de ouvi-la através do microfone PRG-3.

★ Henrique Foreis, que nos habituamos de chamar de Almirante, voltou suas vistas para o cinema. O criador de tantos programas interessantes, está disposto a colaborar para o engrandecimento da sétima arte. Assim, assumiu compromisso com Luis de Barros para a confecção de um filme que versará sobre a história da música do morro. O título será "Epopeia do Samba".

★ Alexandre de Souza está escrevendo para as audições dominicais da Tupi mais um programa. Trata-se de "Horóscopo do Dia", cujas profecias e predições são encaradas pelo lado humorístico.

★ Silvia Autuori estreou no teatro, escrevendo para o Teatrinho Intimo de Almée a peça "Oh! Margarida". Esse original foi bem recebido pela crítica. A autora está preparando outra produção.

★ Celestino Silveira regressou de sua viagem a Portugal, onde teve oportuni-

dade de levar a efeito uma série de reportagens para a Rádio Globo.

★ Depois do sucesso alcançado pela novela "O Drama de Mirasol", Alziro Zaurur acaba de lançar "A mensagem do outro mundo", que a PRE-8 está transmitindo todas as terças, quintas e sábados a partir das treze horas. Ainda do mesmo radialista está sendo anunciado o "Teatro Sherlock", que marcará sua "rentree" ao microfone como rádio ator.

★ "Artistas Novos do Brasil", programa dirigido pela professora Magdala da Gama Oliveira, acaba de instituir o "Prêmio Ana Carolina", com oito mil e quinhentos cruzeiros de recompensa aos vencedores. Destina-se, o mesmo, a selecionar valores na arte do teclado.

★ Dulcina de Moraes, falando a um jornalista afirmou não gostar do rádio. Esquece-se, porém, que já emprestou sua colaboração ao microfone, trabalhando numa das peças do engenheiro Ruy Castro, quando este pertencia a Rádio Club do Brasil.

★ Anselmo Domingos está escrevendo uma obra sobre a vida de São Jorge, a qual será lançada no decorrer deste ano. Também a professora Magdala da Gama Oliveira ultima os capítulos do seu primeiro romance.

★ Procurando preencher a vaga deixada por Max Nunes, a "emissora associada" contratou Aldo Viana, o qual é o responsável por Agência de Dez Empregos", cartaz vivido por Matinhos, Abel Pera e Maria do Carmo.

★ Ari Barroso voltou a assinar uma nova peça teatral, escrita em parceria com Luis Peixoto. Referimo-nos a "Manda quem pode", encenada por Dercy Gonçalves que, nesta sua temporada, tem lançado mão dos mais destacados cartazes do "broadcasting" carioca.

★ Com a interpretação de "Inês de Castro", Zezé Fonseca despediu-se dos ouvintes da Rádio Globo, uma vez que seguirá para Portugal no decorrer deste mês. A "estrêla" da PRE-3, na terra lusa,



Iara Sales voltou a ser fogueira do Trem da Alegria. Como fogueira, atrai o carvão da publicidade na fogueira do microfone, — isto é, lê textos de reclame. É um grande valor artístico malbaratado. Muito simpática, é madrinha do time de futebol dos sentenciados da Penitenciária do Rio. Foi quem doou todo o material do "team", — o único que aqui não derrotou os ingleses...

atuará na Emissora Nacional de Lisboa, além de trabalhar nos teatros locais. Boa viagem.

★ Elza Miranda, cantora portorriqueña, é o novo cartaz internacional da PRE-8. Artista da Columbia Broadcasting System, ela está realizando uma excursão de boa vizinhança pelos diversos países sul-americanos.

★ Ronaldo Lupo está em São Paulo, não pretendendo vir ao Rio tão cedo. Enquanto isso, sua recente gravação "O mundo dá tantas voltas", continua a ser bastante procurada.

★ Nas eleições realizadas na S. B. A. C. E. M., saiu vitoriosa a chapa constituída por Ari Barroso, David Nasser, Mario Rossi, Marino Pinto, Vicente Vitale e Felisberto Martins.

★ "Estante Sonora", eis o título do programa literário transmitido pela Guanabara. Destina-se a acompanhar as publicações das casas editoras, além de focalizar os principais artigos de jornais e revistas.

Oswaldo Gomes Canecchio

OSWALDO GOMES CANECCHIO é, na vida radiofônica, o humorista Badú. Médico fisiologista, seu ingresso no "broadcasting" brasileiro deve-se a necessidade de conseguir meios para a conclusão do curso de medicina. Hoje, mesmo formado, continua emprestando sua verve aos programas das "emissoras associadas", da qual é artista exclusivo. Badú foi professor do Externato São José, integrou o elenco de Chianca de Garcia, participou da filmagem de "Noites em Copacabana" e trabalha na companhia Dercy Gonçalves, além de exercer a clínica médica num das hospitais da Prefeitura. Dizem que seu "hobby" é ficar noivo e não casar...



BADU

DOIS QUE REGRESSAM

Depois de Russo do Pandeiro, que voltou ao Rio após ter atuado no filme de Bing Crosby e Bob Hope ora em exibição nos nossos cinemas, também chegou a esta capital o acordeonista George Brass, que, entrevistado pelo "O Globo", referiu com entusiasmo a boa aceitação da nossa música nos Estados Unidos e aos sucessos pessoais de Carmen Miranda, — ora em Londres; de Zé Carioca (Zezinho de Oliveira, que atua no "Maximus", de Hollywood; e de Nestor Amaral, que está no Hollywood Palace. Disse George Brass que o pistonista Harry James vai lançar sua composição "Sambamba da Cascatinha", e que Xavier Cugat faz muito sucesso com as músicas brasileiras. Será que os autores estão recebendo "algum"?

A vida de Charles Dickens

(1812-1870)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA)
com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

O mundo de Charles Dickens foi um mundo de crianças adoráveis, parvoíhas, barulhentas, traquinas, brincalhonas e esperançosas, sendo ele próprio uma delas.

Todavia sua infância esteve longe de ser brincalhona ou esperançosa. Pequeno, doentio, desnutrido, ele sofria de periódicos ataques de convulsões. "Este menino", dizia seu pai, "não viverá a tempo de provar o amargor da maturidade".

Seu pai era um companheiro jovial na amargura, procurando reparti-la mui generosamente com a família. Empregado da estação naval de Portsea, custava a ganhar o dinheiro e gastava-o rapidamente. Disso resultava ter ele de remar continuamente contra a maré crescente de dívidas. Quando Charles tinha dois anos de idade, seu pai foi transferido para Londres. Essa mudança equivalia a um ligeiro aumento no salário e a um tremendo aumento de oportunidades para gastá-lo. Como se ainda fosse pouco, John Dickens era não só perdulário mas também prolífico. Em poucos anos pôs no mundo oito filhos.

E deixou à bondosa Providência a tarefa de criá-los. Quanto a ele, foi viver na segurança da prisão dos endividados, em Marshalsea.

Num tal ambiente eram poucas para Charles as possibilidades de receber uma educação adequada. Com sua mãe aprendeu a ler, escrever e contar, na escola do reverendo Mr. Giles, umas tinturas de latim e foi ao teatro uma vez ou outra sob o patrocínio de seu primo, James Lamert. E assim, aos 11 anos, formado em letras e tretas, estava Charles Dickens apto a ir ganhar a vida.

A princípio, ganhou alguns níqueis cantando canções cômicas para tipos excêntricos do cais de Limehouse. "Este menino", exclamou um dos seus embevecidos ouvintes, "é um perfeito prodígio, benza-o Deus!". Charles, porém, estava malbaratando seus talentos nos subúrbios de Parvônia. Não havia nenhum futuro em cantar para aqueles enteados do mundo. E seu pai, com o auxílio de James Lamert, arranhou-lhe um emprégo mais "sólido" — o de colador de rótulos numa fábrica de graxas para calçado, em Hungerford Stairs.

Era um trabalho aborrecido estar o dia inteiro de pé em frente à janela da fábrica passando grude em rótulos desde manhã cedo até o entardecer, enquanto alguns transeuntes paravam a faziam comentários sobre aquele "sujeitinho esquisito, de dedos hábeis". No fim da semana, entretanto, ele julgava-se rico com o seu "fabuloso" salário de seis shillings (cerca de um dólar e meio). Comprava para si uns pastéis velhos por dois pence — uma exorbitância! — e levava o resto do dinheiro para os pais. Aos domingos ia com seu pai (John Dickens já saíra da cadeia) da terra londrina para a das fadas. Um dos seus destinos preferidos nessa "terra de fadas dos ricos" era a imponente mansão de Gads Hill. "Algum dia, se perseverares e trabalhares deveras", dizia-lhe o pai, "poderás morar nesta casa".

— Que sonho impossível — pensava o pequeno.

II

Os anos passavam, Dickens trabalhava com afinco, perseverava e tornava-se ambicioso. Se não lhe era possível viver numa verdadeira terra de fadas, talvez lhe seria possível criar uma fictícia. Resolveu fazer-se escritor.

Começou sua carreira de escritor como fundador e diretor de um jornal na Wellington House Academy, escola que ele frequentou durante um curto período de tempo entre um emprégo e outro. E era ele próprio o jornaleiro. Vendia os exemplares do jornal em troca de bolinhas de gude e pedaços de lápis

para lousa e tinha-se na conta de próspero homem de negócios.

Seus pais, porém, para se manterem, precisavam de alguma coisa mais que de simples bolinhas de gude e de lápis de lousa, e assim foi que, tendo ele 15 anos, o tiraram da escola e o puseram a trabalhar num escritório de advocacia. Dickens, entretanto, não queria ser advogado. Estava decidido a ser escritor. Aprendeu sozinho taquigrafia e

Began to record the cosmic show
Of panting humanity on the go. (1)

Agora ele era, durante o dia, repórter do Parlamento. Tinha 20 anos. E à noite escrevia mosaicos literários, descrevendo a vida londrina. Apunha a esses artigos o pseudônimo de "Boz".

Alguns deles apareceram — sem remuneração — numa publicação chamada "Monthly Magazine". Quando ele viu o primeiro deles em letras de imprensa, foi até Westminster Hall "e ali ficou dando voltas por espaço de meia hora" (estamos citando palavras suas) "porque meus olhos estavam tão banhados de alegria e orgulho que não podiam suportar a rua".

A vida que o jovem "Boz" levava naqueles dias era uma vida calorosa, infatigável, verdadeiramente memorável. Durante as horas de trabalho o mais enérgico dos furacões, era, durante os folguedos, o mais vivaz dos companheiros. "Dá gosto encontrar com uma cara daquelas num salão!", exclamava entusiasmado Leigh Hunt. "Ele tem a vida e a alma de cinquenta seres humanos".

E, no entanto, seu rosto não tinha a vida e a alma — ou melhor, sua bolsa não tinha os shillings e as libras para conquistar o ser humano que ele adorava acima de todos — Maria Beadnell, filha de um gerente de banco. "Dickens é um bom rapaz. Mas como escritor de contos nunca lhe será possível manter-se convenientemente".

E assim Dickens perdeu Maria. Ela casou-se com um outro mais rico, que dentro de poucos anos empobrecia. E Dickens continuou a escrever suas histórias, vindo a ser um dos homens mais ricos da Inglaterra.

III

Tinha pouco mais de vinte anos quando desabou sobre ele a primeira chuva de ouro. Seus "Sketches by Boz" chamaram a atenção dos editores Chapman e Hall, que lhe encomendaram uma série de folhetins mensais dessas histórias, tendo como assunto os esportistas do popular artista Robert Seymour. Esta série foi encomendada como um trabalho rotineiro a ser pago a tanto por artigo, mas, saindo da pena inspirada de Dickens, se transformou no seu imortal livro "Pickwick Papers" (Aventuras de Mr. Pickwick).

Os primeiros fascículos de "Pickwick Papers" não foram muito populares. Mas deram a Dickens a suficiente coragem para casar-se com a "segunda de suas eleitas" do sexo feminino — Catherine Hogarth. Mas eis que de repente sobrevém um golpe, o suicídio de Robert Seymour e também, um súbito golpe de sorte, a escolha de Hablot Knight Brown (que adotou o pseudônimo de "Phiz") como novo ilustrador.

Desse momento em diante ficou assegurado o sucesso de "Pickwick Papers". "Boz" e "Phiz" formavam uma equipe perfeita. Estimulavam-se mutuamente a atingirem os picos de uma "sublime asneira" — trechos em que se chorava de tanto rir e se ria até chorar.

E Dickens também, enquanto escrevia

(1) "Começou a tomar nota do espetáculo cósmico da humanidade ofegante, sempre em atividade."

"Pickwick Papers", foi realmente obrigado a chorar em meio à sua hilaridade. Falecera Mary Hogarth, irmã de sua mulher, que vivera com eles desde que se tinham casado. Durante dois meses foi-lhe impossível continuar a série de histórias. "Desde a publicação do último capítulo deste trabalho", explicaram os editores, "o autor pranteia a perda de uma jovem parenta a quem o ligavam laços de efetividade e cuja companhia lhe servira, durante muito tempo, de grande alívio no seu trabalho".

Nunca se recobrou completamente de sua dor. Todas as cenas de morte que escreveu depois disto contribuíam para reabrir a antiga ferida. Quando retomou a composição de seus "Pickwick Papers", Dickens era um sisudo velho de 24 anos.

E era também em Londres o homem do dia. Na cidade toda rebentara uma verdadeira mania de cabriolés do tipo de Boz, de gravatas à Pickwick, de calças de belbutina à Sam Weller. "Não há um lugar na Inglaterra", escreveu um contemporâneo, "onde Boz não tenha penetrado". O dr. Benjamin Brodie leva-o consigo para o ler em sua carruagem entre uma visita e outra aos seus doentes, e Lord Dennyman estuda Pickwick na Relação, enquanto os jurados deliberam". Um homem em artigo de morte disse ao sacerdote: "Graças a Deus já posso morrer em paz. Acabo de ler o último fascículo de Pickwick".

Como resultado de sua popularidade, os editores inundavam-no de encomendas de artigos, contos e romances. E Dickens aceitava todas essas encomendas. "A vida", dizia ele, "é tão curta e minha fantasia está tão cheia de tipos que pedem se lhes dê vida!". Quase se matou de excesso de trabalho. Em um ano escreveu simultaneamente três romances, dirigiu uma revista e, nos momentos de lazer, rabisçou uma opereta e uma farsa.

E, à noite, dava um bom mergulho na sociedade — não a sociedade da classe-média, mas a dos intelectuais, o "sal da terra". Um dos tipos mais interessantes criados por Dickens foi a sua própria figura sorridente: "uma flor que surgiu para a vida na sala de visitas", todo flamante no seu vistoso colete verde, calças cor de alfazema, gravata escarlate e um par de olhos que irradiava um "Deus o abençoe" sobre toda a gente.

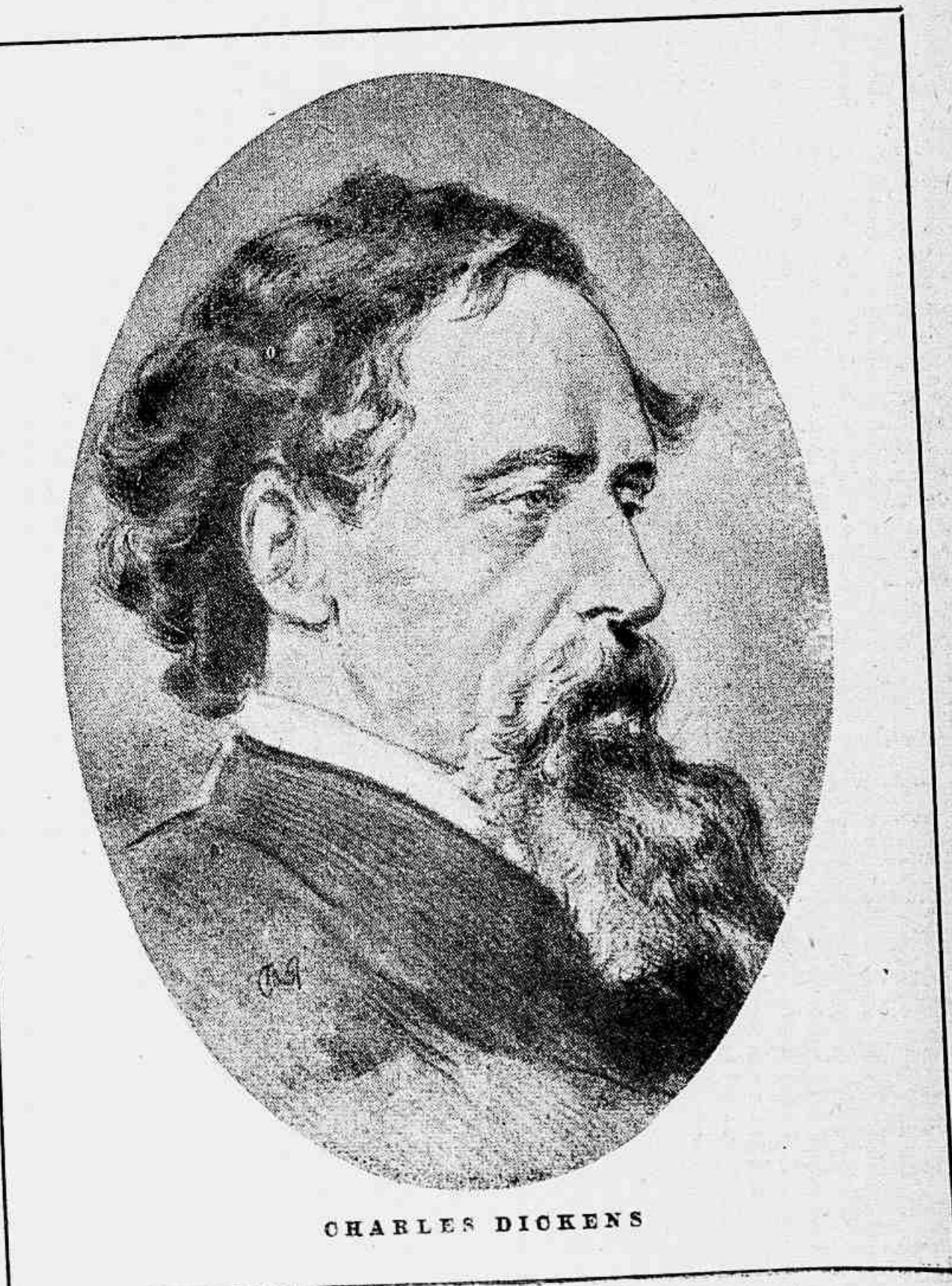
Esbanjava dinheiro e saúde, empilhava livros, acumulava fama e multiplicava a família, mas com uma mulher a quem não amava. Embora não despida de atributos físicos, Catherine era desajeitada ("ela consegue, não sei como, relar a canela em tudo quanto é cadeira"), mesquinha, desconfiada, dada a súbitas e injustificáveis explosões de mau humor. É este (reconhecamo-lo com toda a lisura) o retrato que temos de Catherine vista pelos olhos de Dickens. Sem dúvida haveria também alguma coisa que dizer em seu favor. Infelizmente, ela não teve, como seu marido, talento para dizê-lo. Seja como for, era preciso ser uma mulher de extraordinário tato para ser esposa de uma celebridade a quem todas as mulheres da Inglaterra adoravam. E Kate Dickens não tinha nenhum tato extraordinário.

Qualquer que tenha sido a causa de sua incompatibilidade conjugal, Charles Dickens teve de temperar o mel do triunfo com o absinto do dissabor. Por então, entretanto, resignou-se a tragar a mistela que o destino lhe preparara e a continuar com seu trabalho.

IV

Aos trinta anos fez sua primeira visita à América, visita que começou com uma mútua expectativa e terminou com uma mútua decepção. Após um giro triunfal de conferências, jantares e homenagens em Boston, Filadélfia, Nova York, Baltimore, Washington e numa dúzia de outras cidades norte-americanas, Dickens passou a considerar o Novo Mundo, e o Novo Mundo passou a considerá-lo uma espécie de embuste sentimental. A intimidade gerara o desprezo e um deu para exagerar os defeitos do outro. "Na América cospe-se de mais", dizia ele. E continuava descrevendo como certa vez, numa viagem de trem, "os perdigotos voavam pelas janelas continuamente e com tal insistência durante todo o trajeto, que se tinha a impressão de que lá dentro estavam rasgando colchões de penas e deixando a cargo do vento dispersar estas a seu talento". E Dickens, queixava-se a América por sua vez, "morde a mão que lhe verte dinheiro nos bolsos. Ele não passa de um parasita ingrato".

(Continua na pág. 56)



CHARLES DICKENS

Livros NOVOS

JOÃO LUSO

Canções de um sonho distante

★
VERSOS DE J. OSWALDO DE ARAUJO

★
Belo Horizonte
— 1947 —

Por este livro se vê que o sr. Oswaldo de Araujo se quis esquecer de ter sido poeta e não pôde. Não é nem deixa de ser poeta quem quer. Não basta, no primeiro caso, a aspiração que se tenha nem no segundo a decisão que se tome. A poesia está ou não na pessoa; ninguém conseguirá chamá-la a si nem de si a repelir... à força.

Uma ligeira nota, ao fim do volume, assinala que até há vinte e tantos anos, o sr. Oswaldo de Araujo poetava e publicava as suas obras. Talvez muita gente ignore esse caso; nós, porém, o conhecíamos e também o belo êxito obtido na crítica e na livreria pelos volumes de versos em cuja capa a própria nome se ostentava. Depois as ocupações da vida prática vieram tomar o tempo do poeta, não, porém, aquele espírito nem aquela sensibilidade. Ambos ceifaram aparentemente as exigências da advocacia, da magistratura, dos empreendimentos industriais; mas continuaram alerta, esperando a hora de ressurgir e outra vez triunfar. Eis que a Academia Mineira de Letras, naturalmente sabedora de quanto no seu mundo se passa ou, tendo passado, merece recordação, elege o autor de Rumores de ares, Ares da serra, Quando o coração floria para o amor. E então, o poeta tem que reaparecer. Vem sobrando livros de várias naturezas e, entre eles, um de versos. São as Canções de um sonho distante.

Aqui se encontram páginas de amor cheias de graça emotiva, requintadas no cuidado da expressão mais singela e da mais pura eloquência; outras páginas nascidas da contemplação da beleza rústica, quadros de vale ou de montanha; outras ainda, de uma leve filosofia que ensina a amar a vida ou, pelo menos, a não a sentir hostil ou ingrata... Abre o livro uma série de sonetos, da qual tomamos, sem escolher, e só para servir de exemplo, o intitulado O ipê na mata:

Se alguém lhe avista ao longe a cabeça amarela
— Cabeleira de Ariel — entre árvores gigantes,
Julga ver, vendo o ipê na auriverde aquarela,
A visão, toda em flor, dos sonhos bandeirantes.

Todo aquele fulgor de gemas, toda aquela
Riqueza de ouro em pó, e aquarelas deslumbrantes,
Jalisco blocos que a luz do sol esmalta e estrela,
— São pepitas em monte e crvalho de diamantes.

Passaram, mato a dentro, em bandeiras, bissonhos,
Ritos homens de além — botas chapéus de couro,
Com bateias na mão e almas cheias de sonhos...

Morreram a sonhar, quantos! na luta ingrata...
Por isto o ipê, se a cora espiando em flores de ouro,
Lembra um sonho de herói florindo sobre a mata!

Não era a Estrada de Damasco

★
ROMANCE DE NOVELLI JÚNIOR

★
José Olímpio Editora
Rio de Janeiro
— 1948 —

Miranda, de quem não ficamos conhecendo o prenome, é um rapaz do tipo entre Cinelândia e Urca. Passeador, rotineiro, gozador. Essa vidinha leva-o às portas da tuberculose. E o médico a quem consulta o intima a passar algum tempo em lugar de clima saudável e sossego tanto quanto possível garantido. Miranda obedece à primeira parte da prescrição, não, porém, à segunda: vai para a roça, levando consigo Regina, sua companheira oficial de noites e outros excessos arrastadores. E instalam-se na fazenda-pensão das Três Pontes. Regina a título de noiva, porque o ambiente é familiar e — exceptuando o filho da casa, Joaquim, Quinzinho — de escrupulosa honestidade.

Como atitude, amenidade de cenários, qualidade e ecoclima de alimentação, não haveria para o doente mais auspiciosa situação, quanto à quietude, à serenidade recomendada pelo facultativo é que a fazenda deixava a desejar. Também ali havia agitação e luta, paixão e vício, drama e farsa. Sem dúvida, Miranda melhorava-se restaurando-se; e, para completar no sentimento o que os bons ares deviam fazer ao organismo, sentia nascer em si, inspirado pela filha do velho casal, Marilinha, um afeto muito limbo, muito puro. Mas ao seu redor se armaram episódios cruéis e a que ele não podia ficar insensível. Uma briga do austero fazendeiro com o filho vadio e depravado recou pela tragédia. O administrador da fazenda foi traído pela mulher que acabou fugindo com o amante, o tal Quinzinho, e levando todas as economias que o marido, em longo tempo, andara juntando. A própria Regina fez das suas, mas isso seria o menos, porque Miranda não chegou a saber do caso e, como aquele sujeito da anedota, se soubesse, não se importaria. Mas todos os conflitos e tormentos alheios na sua sensibilidade se refletiam. A convalescença do físico e do moral passava por altos e baixos. E por fim o seu desastre pessoal: Marilinha, que por piedade, tomara conta do filhinho do administrador, afeiçoou-se à criança da maneira mais absorvente com extremos verdadeiramente maternos. Assim o interesse que lhe despertara o moco da cidade esmoreceu, passou. E Miranda volta para o Rio sem haver encontrado na fazenda das Três Pontes a sua estrada de Damasco.

Tal, nas linhas gerais da ação, a história contada pelo sr. Novelli Júnior, com desenvoltura e clareza, boa pintura de quadros rústicos, figuras bem apresentadas e em tudo uma feição de sinceridade a que nenhum leitor ficará indiferente.

História de um rio (o Tietê)

★
POR MELLO NÓBREGA

★
Livreria Martins Editora - São Paulo
— 1948 —

Mello Nóbrega, na obra que qualifica de "ensáio", êstes dois defeitos originais: o tom frequentemente exaltado que, em verdade, não assenta bem a estudos de fundo histó-

rico e o excesso de citações, talvez evitável. Quanto ao segundo senão, ainda o admitiremos, embora nos pareça que nenhum pormenor ou particularidade chegue a causar enfado, prejudicando assim o valor do conjunto; em relação, porém, ao primeiro, como simples leitor, sinceramente protestamos. Em algumas passagens, diante alguns temas, com efeito o escritor se exaltou na descritiva ou na apreciação, recorrendo por isso à elevação do estilo que, em geral, vinha mantendo sereno e ponderado. Daí, porém, não resultou extravagância, parece, nem a mais leve desarmonia. Ao contrário, surtos ou requintes da forma literária só serviram para avivar o interesse da exposição. Beleza e poesia nunca são demais; e, ainda quando pareça que o assunto não as merece, elas o elevam, tornando-o digno de si mesmas.

O Tietê na história, na lenda, na poesia, na iconografia; a sua navegação, as suas riquezas; o seu papel na formação e no engrandecimento de São Paulo; o pitoresco das suas margens e toda a sua expressão panorâmica... De tudo isso o livro dá conta com segurança, nitidez, e amenidade. A profusão de conhecimentos continuamente se ostenta e nos impressiona. Só ao nome do rio, Tietê, plausivelmente de ti, água, e etê, forma superlativa, e ao outro batismo, Anhembi, de que se dão onze variantes, são consagradas boas cinco páginas. Que entusiasmo, e que tenacidade! Decididamente o escritor se apaixonou pela sua obra. E não lhe fazemos favor nenhum em a considerar admirável.

Antologia da nova poesia brasileira

★
ORGANIZADA POR J. G. DE ARAUJO JORGE

★
Editora Vecchi — Rio de Janeiro
1948

E' o sr. J. G. Araújo Jorge um poeta novo no sentido especialíssimo que se dá a esse adjetivo? Às vezes, parece. O abandono — que não, da sua parte, desconhecimento — das boas leis da poética nos induziria a colocá-lo entre os jovens, alguns dos quais já bastante maduros, para quem os versos constituem coisa a ser feita conforme cada um entenda ou lhe dê na veneta. Outras vezes, porém, o sr. Araújo Jorge se evidencia um convicto e esmerado respeitador das formas clássicas — pois que, idêa e sentimento, não há princípios que os estabeleçam nem cânones que os regulem. Nesta antologia, por exemplo, deixa ele deprender que prefere a liberdade e o abuso à fiel observação dos moldes antigos — tanto vale dizer eternos. Assim, de alguns poemas, como o sr. Oliveira Ribeiro Neto, em cuja obra se encontram criações de rigorosa arte, foram separadas exclusivamente as produções do outro gênero, se gênero se lhe pode chamar. Em verdade, há nas presentes quatrocentas páginas obras de boa e cativante prosa traçada em linhas irregulares, arbitrárias, sem nenhum método que se possa notar. E' conhecida a partida preada por Meireles e Albuquerque a um "novo" de há trinta anos. Encontravam-se os dois frequentemente e, de vez em quando, discutiam um pouco. Um dia, Meireles se lembrou de mandar tirar à máquina de certo livro, não recente, do poeta, uma peça bastante extensa, convertida agora em prosa comum. E, da primeira vez que se avistaram, convidou o autor a recompor sobre aquela cópia, a poesia, tal como estava no livro. "Ora essa! Como não?", exclamou arrogante e furto. Tomou lápis e papel, traçou meia dúzia de linhas... e não pôde mais. Não estamos longe de acreditar que com alguns dos poetas incluídos no presente volume, sucederia a mesma coisa.

Dos setenta nomes que figuram na Antologia da nova poesia brasileira, nada menos de dezotto assinam versos escorregados, o que evidentemente mostra não estar o "modernismo" poético tão generalizado como se julga ou como se pretende fazer acreditar: Cid Silveira, Ciro Vieira da Cunha, D'Alma Andrade, Geraldino Ferreira, Giuseppe Chizzoni, Jamil Almansur Hadad, José Eduardo Pizarro Drummond, Manoel Joaquim da Silva Pinto, Maria Antonia Sampaio Machado, Maria Thereza de Andrade Cunha, Mario Augusto Parreto, Mario Cruz, Mario Quintana, Nelson de Araújo Lima, Nilo Aparecida Pinto, Pádua de Almeida, Salomão Jorge, Stella Leonardos da Silva Calassa, Wilson Woodrow Rodrigues. E um destes poetas, o sr. Nilo Aparecida Pinto, rende homenagem ao modelo do gênero, que vem do século XIII, consagrando-lhe os catrize formosos e harmoniosos versos que se seguem:

AO SONETO

Rosa de ouro e cristal que, na alta rama
Do pátrio idioma eternamente presa,
Enfeixa no pudor da tua trama,
O véu de castidade da beleza!

Prefiro, para amar-te, a mesma chama
Da fé, porque és a catedral acesa
Onde o rio, no culto que me inflama,
Minha oração à língua portuguesa!

Soneto, em vão os deserdados da arte
Clamarão contra ti que os não socorres...
Mas eu me ajoelho para celebrar-te,

Quando, afrontando todos os destinos,
Erres o templo de quatorze torres,
A bérnêtia aleluia dos teus sinos!

6 destinos embaçados pelo amor

★
ROMANCE DE LUIS ST. VA E ALBUQUERQUE

★
Editora Graíra Ltda.
Curitiba
1948

Observador e comentador na composição destas cento e cinquenta páginas. E' uma simples notação que fazemos, porque a dúvida estabelecida nos dois casos não depõe a favor nem contra o valor da obra.

Caracteriza-se esta pela sinceridade corrente da ação, em que sobretudo figuram jovens apaixonados ansiosos e lutando pela realização do seu ideal. Está claro que tudo se resolve da maneira mais ditosa a bem da moral e da fé. Incidentemente, porém, o autor expende as suas idéias relativamente a situações e problemas e questões sociais, mais ou menos de atualidade. Particularmente lhe interessam os assuntos de jurisprudência. E, logo de começo, estabelece pitorescamente a sua maneira de distinguir entre bons e maus bacharéis: "...Chega de bacharéis, é verdade! Porém de bacharéis chicanos, de bacharéis analfabetos, de bacharéis incompetentes e portadores de diplomas comprados com dinheiro com "colas", sem esforço nem estudos meditados e diuturnos sob livros... Mas o bacharel preclaro, estudioso, honesto, íntegro, sereno e de escola, não sobra em parte alguma e não é de mais em qualquer porção do Kosmos. O bacharel não é um batráculo de colarinho qualquer! O bacharel é indispensável e útil à sociedade. Não se deve repudiá-lo e cobri-lo de acusações por causa de meia dúzia de colegas inbecis, vencidos e que derraparam na profissão!"

ANN MILLER,
da Columbia

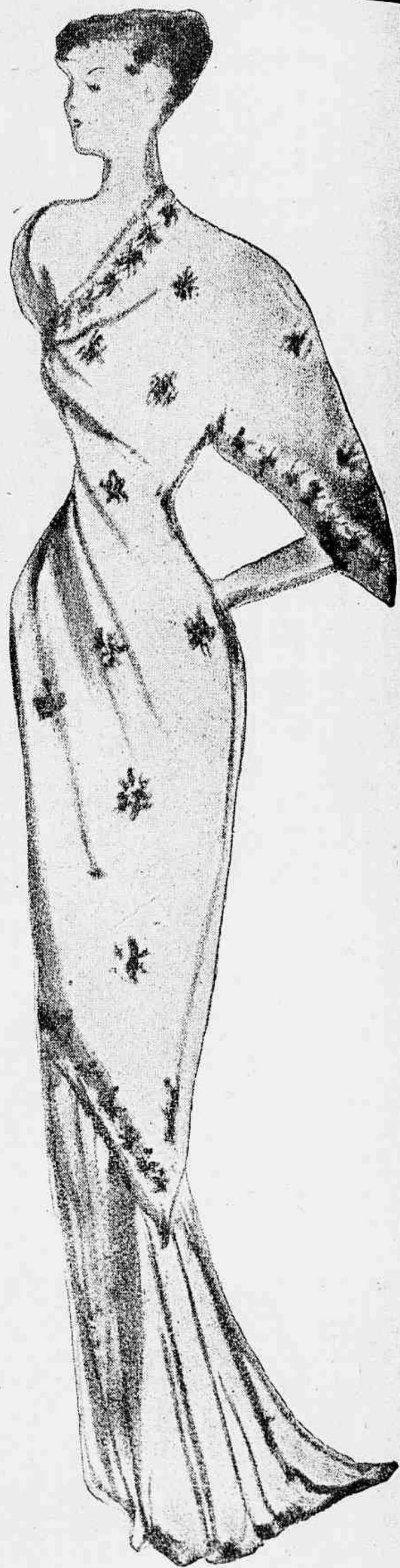
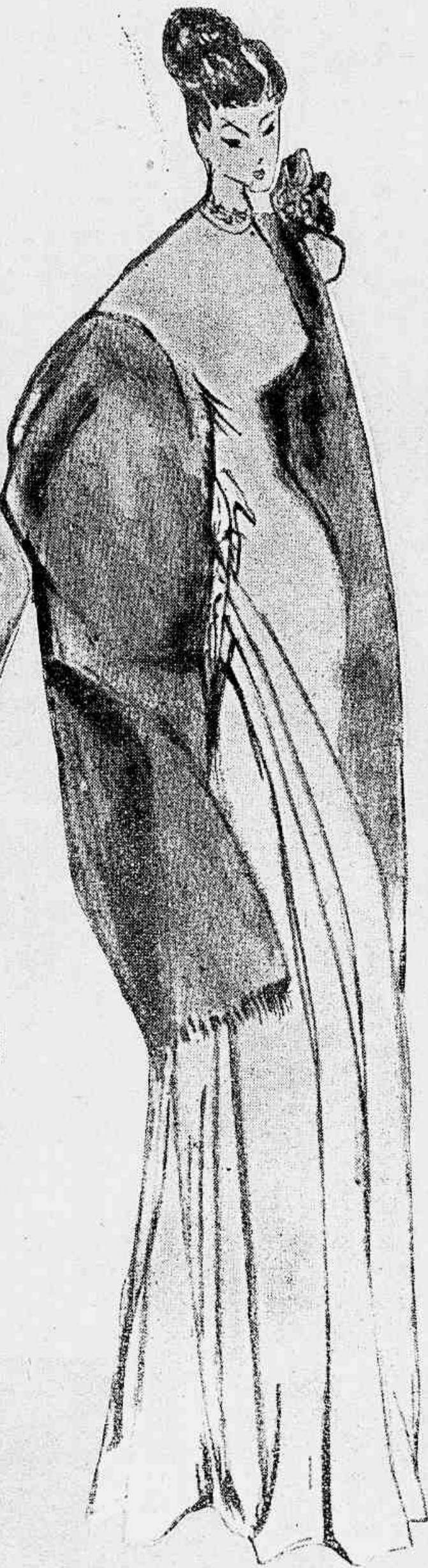
NOS BASTIDORES FEMININOS



"Quando um não quer, dois não brigam", é um ditado muito certo. E se você cujo espôso é um tanto colérico, resolver guiar sua atitude por esse ditado, naturalmente conseguirá evitar muitas cenas desagradáveis. Certamente você responderá que "não tem sangue de 'barata'"; de fato, compreendo o seu amor-próprio, como você deverá compreender também que reagindo como reage só conseguirá complicar ainda mais as coisas. Se é verdade que você ama o seu espôso ou pretende viver ao seu lado por causa das crianças, já tempo então de modificar a sua atitude. Procure se dominar quando a "tempestade" chegar. Nessa hora, desvie a sua atenção para outros assuntos; procure ver se tudo está nos seus lugares, se as crianças estão bem, se já jantaram ou se está na hora de ir para a cama; se, apesar disso, a tensão não diminuir, tente não ficar nervosa. Agora, o "temporal" desabou. Que fazer? Assuma a atitude mais natural possível; não o olhe fixamente — ele poderá pensar que você o está provocando; — fique atenta e cordial e quando ele fixar faça-o com um olhar doce e maternal. De maneira alguma você deverá discutir com ele — talvez seja isto o que ele esteja procurando — e se a interrogar responda calmamente e sem ofendê-lo. Mesmo que ele seja injusto e cruel, você não deverá mostrar indignação e revolta. Proteste, sim, mas com calma e com lógica. É à medida que o "temporal" for aumentando, você deverá também aumentar o seu controle. Isso não quer dizer que você vá se deixar dominar; nada disso! Você deverá mesmo fazer com que ele sinta que você não o teme e que a sua dignidade é a sua defesa. Quando, finalmente, o "temporal" passar, ele perceberá todo o seu ridículo. Encontrará dificuldades para se desculpar e reparar os seus erros; ficará sem saber como sair da situação por ele mesmo criada. E' aí que você deverá revelar todo o seu tato; não assumindo atitudes de "vencedora"; não procurando reverter os fatos para mostrar-lhe que não tinha razão; não se "vendendo caro", isto é, não esperando que ele se ajoelhe aos seus pés para pedir perdão. O melhor que você terá

(Continua na pág. 5)

Moda



Para a próxima temporada do Municipal, apresentamos nestas páginas cinco elegantíssimas sugestões enviadas de Paris. São modelos de grande elegância, criados pelos nomes mais famosos da costura francesa.







CURTOS ou compridos, os cabelos deverão estar sempre muito bem penteados. Esta é a opinião não só das "estrelas" cinematográficas como também de todas as pessoas de bom gosto. Naturalmente êles deverão ser escolhidos de acordo com o tipo, idade e formato do rosto. Aqui alguns exemplos: — Ao alto à esquerda: Um rosto quadrado se tornará mais oval com êste penteado que sugere Martha Scott, da RKO. À direita: Si é um "ar-

PENTEADOS

sofisticado" que você procura, êste penteado de Laraine Day, da RKO, é o indicado. Em baixo, da direita para a esquerda: Para uma pessoa jovem e de rosto oval, Bar-

bara Bel Geddes, da RKO, prefere os cabelos soltos e repartidos do lado. Ligeira onda de um lado. Si você já passou dos trinta e quer um penteado que lhe dê distinção, êste de Irene Dunne deve servir-lhe. Um penteado jovial, para um rosto oval, é a sugestão de Allida Valli, a mais bela européia — da RKO. Na página ao lado: Cabelos curtos para um rosto normal, é a sugestão de Jane Wyman.



O ESPÍRITO *Feminino* ATRAVÉS DOS TEMPOS

ASSUNTO ENCERRADO

Erminia Fuà, poetisa italiana havia feito uma curta viagem pela Europa Central e palestrava com um grupo de amigos sobre as coisas que havia visto. Em dado momento a palestra deslizou para aventuras galantes. Erminia pôs-se então a falar sobre uma mulher polonesa, cujos escândalos amorosos eram a sensação do momento. Um homem que estava no grupo, atalhou chocado:

— Mas, trata-se de minha mulher!

Erminia, que havia dito nome e sobrenome da referida pessoa, tossiu com um certo embaraço e retrucou:

— Então não se fala mais nisso...

★

VÍCIO

Maria Oupenskaia, famosa atriz russa, já dentro dos oitenta anos, está ainda cheia de planos, de entusiasmo e de zelo pela arte dramática. Ouvindo-a falar com tamanho ardor sobre seus projetos, alguém observou que era admirável que naquela idade, ela tivesse ainda tal entusiasmo pela vida.

— Meu filho, — retrucou a vovó Oupenskaia, — a vida até os quarenta anos é uma experiência. Depois dos quarenta é um vício...

★

CRÍTICA

Betty Smith, autora norte-americana contemporânea, cujo maior êxito até agora foi "A Tree Grows in Brooklyn", livro que retrata a vida de Brooklyn, o bairro das lutas e da pobreza new-yorkina, estava visitando uma amiga.

Encontrou na sua estante todos os livros de um filósofo muito celebrado nos dias atuais.

— Você lê isto? — perguntou.

— Sim. Acho que se trata de um homem profundamente inteligente.

— E deve ser mesmo, retrucou Betty. Do contrário não conseguiria ludibriar tanta gente...

★

PRECIPITAÇÃO

Quando deram o Prêmio Nobel a Pearl Buck, esta teve frases de enorme modestia. Entre outras coisas disse: — Não deviam ter me concedido o prêmio agora. Apenas comecei. Tenho tanta coisa a dizer e tantos livros projetados!

Frances Winward (autora de "Life of the Heart", uma das mais completas biografias de George Sand) leu essa declaração de Pearl. Sua admiração pela autora de "A Estirpe do Dragão" é das mais disfarçadas. Mostrando a um amigo a declaração de Pearl Buck, comentou com acidez:

— Ela tem razão. Eles foram por demais precipitados...

★

RAZÃO PARA PRECIPITAÇÃO

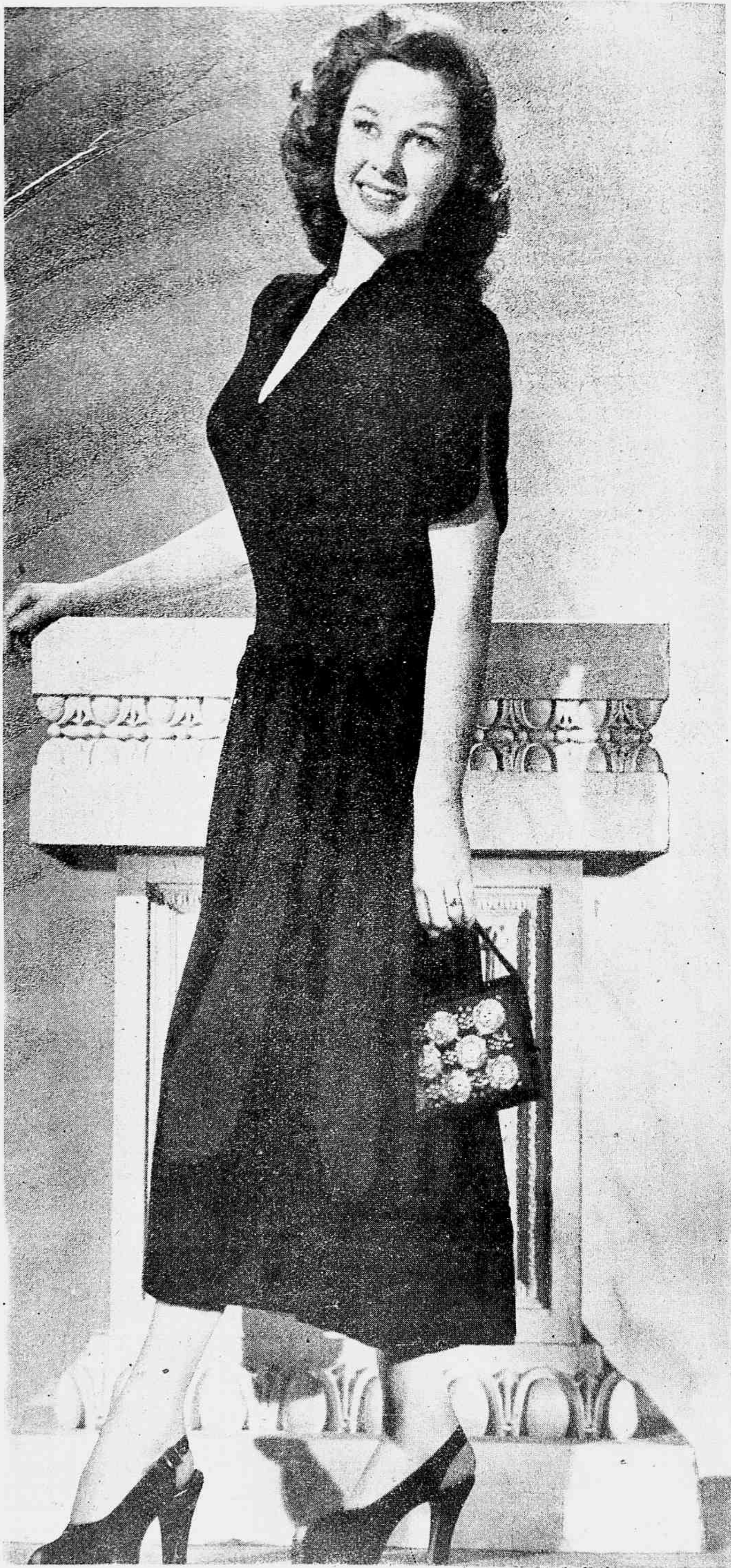
Quando começaram nos Estados Unidos as famosas investigações contra os filmes, atores e autores cinematográficos acusados de tendências esquerdistas, falou-se na possibilidade de serem proibidos vários filmes, entre os quais "Margie", um technicolor da Twentieth Century Fox, com Jeanne Crain. Katherine Hepburn indignou-se e exclamou:

— Vejam só que absurdo! Querem condenar um filme como "Margie", sob a acusação de que é subversivo!

E, sem moderar sua indignação:

— Ainda se fosse porque é idiota, vá lá!

(Seleção de L. B. especialmente para
REVISTA DA SEMANA).



Sugestões de Susan Hayward

A PERSONALIDADE da Semana

"A ESTRELA SOBE..."

Heloisa Helena faz questão de dizer que nasceu no Rio de Janeiro, bem em cima do Rio Carioca, na rua Paysandú. E como braço de família, com uma ênfase muito mais de ternura do que de orgulho lembra que é neta de Gumerindo Rivas, o grande parlamentar gaúcho.



Ninguém era artista na família. Quando Helô, pequenina, disse que havia de trabalhar em teatro, vovô se zangou: — "Fecharei todos os teatros do mundo!" — "Pode fechar. Eu representarei na rua mesmo."

Era uma vocação. E só os preconceitos imbecis que ainda perduram em relação ao meio teatral, podem explicar porque Heloisa Helena chegou ao palco através de um longo roteiro no rádio, e quase por acaso.

Foi na Rádio Sociedade que ela estreou, aos 14 anos, em 1934, lançando no Brasil a música popular americana, os lentos "foxes" e os "blues" sentimentais. Mais tarde, na Mavrink e depois na Tupi, continuou a ser a intérprete do lirismo "vankee". Então, por acaso, tomou parte na representação da "Parada das Maravilhas", encenada por Olavo de Parros, no Teatro Municipal: era uma festa em benefício da Pequena Cruzada; adoeceu a atriz que devia fazer o papel de falsa duquesa; pediram a Heloisa que a substituisse, à última hora. E... assim chegava ao palco a que nascera para viver mil vidas e carregar mil almas diante da multidão.

Estreou como profissional ao lado de Roulien no Glória, na peça "Malibú" de Henrique Pongetti; esteve com Eva Tudor no Rival; com Cazarré no Regina; trabalhou com Delores em "O Diabo enlouqueceu"; escreveu "Gratinhos em Anuros" e representou-a com Jayme Costa. Mas eram pequenas temporadas esporádicas, separadas por longos meses de trabalho no rádio e no cinema.

Atriz dramática de imensas possibilidades — enfim reveladas em "Carlota Joaquina" — Heloisa Helena conta sem nenhum constrangimento, que já dançou "hoogie-woogie" em cassinos, já foi "edette", "girl", manequim de maravilhosas criações, aparecendo no alto de escadarias fantásticas nos "shows" de meia noite. Em Buenos Aires em 1940 trabalhou no Teatro Cassino numa revista estrelada por Henry Garat, representando quadros brasileiros, cantando música popular e folclórica da nossa gente.

Afinal, em 1946 entrou definitivamente para o teatro, na Companhia Jayme Costa:

— Escolhi-a porque Jayme sempre me pareceu o nosso maior artista. E eu tinha certeza de que aprenderia muito com ele. E encontraria a minha oportunidade.

Não se enganava. A peça de Magalhães Júnior quebrou, afinal, o encantamento que aprisionava o seu talento admirável no casulo de papéis sem interesse emocional. Só quem conhece a receptividade de Heloisa para a reação do público, pode compreender o que representa para ela essa "Carlota Joaquina" que até Raquel de Queiroz elogiou, e tanto!

Seu grande sonho agora: viver a Marquesa de Santos de "O Imperador Galante". Não é fã de Heloisa Helena, artista de cinema: dos filmes em que trabalhou, só gosta um pouquinho de "Pega ladrão!"

E' autora, também; e se tivesse tempo para escrever... que grandes peças nos daria ainda com sua experiência da técnica teatral e sua cultura literária! Lê muito. José Geraldo Vieira e Pierre Loti são os seus escritores prediletos. Em música, está inteirinha com o povo; prefere Arv Barroso a Stravinsky e "Aquarela do Brasil" a "L'Après-midi d'un faune". Adora as salas compridas, românticas, femininas, fidalgas. E se lhe quiserem fazer um presente, aqui fica a sugestão: um frasco de "Acacciosa" de Caron. E' o perfume de Heloisa.

SARAH MARQUES

USAN Hayward, essa pequena de real talento e de indiscutível graça, que a Universal-International arrementou entre suas "estrelas", é quem oferece às nossas leitoras, hoje, algumas sugestões extraídas do seu guarda-roupa pessoal. A esquerda: Modelo para o "cocktail" em seda preta com incrustações de veludo também preto, no decote e na saia. A direita: Em renda preta, cinto de veludo. Saia franzida.



PROFESSORES QUEIXOSOS

TODOS nós conhecemos o tipo de criança mimada a qual dão importância demasiada em casa, e que, a todo momento e a qualquer pretexto, se queixa dos colegas em classe; é uma sensível moral e física; um esbarrão, uma pilhéria, um comentário a ofendem; em casa queixa-se dos mestres; na escola queixa-se dos colegas, dos irmãos, e, às vezes, até dos pais. É o "Não me toques".

Este preâmbulo tem por fim abordar o caso dos professores que fazem queixa dos alunos aos pais de uma forma distante e sistemática. É claro que o retrato destes mestres não é tão exagerado como o que foi descrito linhas acima, mas não deixa de adquirir aspectos inconvenientes e, por vezes desumanos. Sim, porque dada a forma violenta de repressão educacional que faz parte dos nossos hábitos, a queixa em casa, da escola, irrita sempre os pais e muitos deles, sem averiguarem as causas, espancam simplesmente os filhos, quando recebem reclamações.

Há pouco tempo aconteceu um fato triste, que cito para ilustrar o caso. Uma criança de classe primária não executava os trabalhos de classe, por que não possuía cadernos: quando a professora reclamava, o menino dizia que o pai não podia comprar; a abstenção dos trabalhos de classe levava-o naturalmente a conversar com os vizinhos, visto que, pouco tinha que fazer. A professora mandou, por fim, um recado para casa, onde dizia que o aluno não prestava atenção às aulas e brincava durante as explicações. A madrasta da criança espancou-a brutalmente, sem procurar compreender que a criança não estudava, porque não lhe forneciam o instrumental necessário para isto. Acresce mais ainda a culpa de ambas, madrasta e professora, a situação da criança, que é débil, convalescente de uma grave moléstia, como a paralisia infantil.

O decréscimo de produção de um aluno ou a sua atitude antisocial em classe ou em recreio deve ser encarada sempre como uma questão a averiguar; o contacto com a família deve ser feito sob a forma de entendimentos; a escola procurando saber o que se passa em casa, antes de revelar o que faz o aluno na escola. Muitas vezes a criança é vítima de uma injustiça no lar, em relação aos irmãos, ou pais, e desagüa aquela situação, irracionalmente, na escola; uma explicação dos fatos orienta a criança e evita o agravamento de conflitos.

Muitos pais mantêm uma forma incoerente e dogmática de ação: — "Nada de queixas da escola" — dizem aos filhos. — "Se receber reclamações, você já sabe o que acontece". O que acontece todos nós sabemos; é a surra amedrontadora, silenciadora, mas que não resolve absolutamente os fatos.

Admira-me que os mestres, que estão ao par destas condições familiares do nosso meio, ainda insistam em recadinhas aos pais diante das faltas dos alunos. Os pais precisam saber o que se passa com a criança na escola, para que a ação de escola e lar sejam paralelas e conclusivas, mas que a comunicação adquira sempre a forma de intercâmbio diplomático, cabendo à escola, por mais esclarecida em assuntos educacionais (e se não é, tem obrigação de sê-lo), o papel de orientador na atitude dos pais em relação aos filhos. Seria bom que todos os mestres se convencessem desta verdade, afim de que, lenta, mas persistentemente, alterassem pela sua influência conciliadora os processos educacionais errados que as famílias brasileiras ainda empregam hoje em dia; processos que são responsáveis por uma série de conflitos da adolescência e idade adulta e que geram também desarrazoadas atitudes de despotismo em muitos daqueles que dispõem de um mínimo de autoridade nesta terra.

ZOIA DE LAET

DO GUARDA-ROUPA DE LORETTA YOUNG



NA recente viagem que fez a Nova York, Loretta Young adquiriu uma coleção de modelos para inverno, três dos quais oferecemos aqui às nossas leitoras: Ao alto: "duas-peças" em lã cinza. Jaqueta curta com recorte na frente. Gola muito original enfeitada com dois "clips" dourados. Chapéu e bolsa com "re-

nard". Sobre um vestido marron, de talhe simples, transpassado na frente. Miss Young usa um magnífico casaco de lona. Em baixo: Para o jantar mais cerimonioso, a simpática "estrela" da RKO usa uma ampla saia de tafetá e uma blusa de renda enfeitada com estreitas fitas de veludo negro.



Muro das LAMENTAÇÕES

COMPLEXO DA PROVÍNCIA

NESTA época em que tudo se explica — ou não se explica — por meio dos famosos "complexos" inventados por Freud, surgiu um novo exemplar, a que poderíamos chamar: "complexo da província", isto é, uma soma de sentimentos desestimulantes infelicitando algumas pessoas que não podem residir nos grandes centros.

A esse "complexo da província" escapam, naturalmente, aquelas criaturas para as quais o mundo exterior termina nos limites da sua própria vila ou cidade, bem como aqueles que têm do mundo exterior uma noção exata e completa. No entanto, uma grande maioria de pessoas, nas fazendas, nas cidadezinhas do interior e mesmo nas capitais dos Estados mais longínquos, vive a sonhar com a vida dos grandes centros, Rio, São Paulo e mesmo capitais estrangeiras, imaginando que, se ali estivessem, tudo seria melhor, todos os seus problemas ficariam resolvidos.

Temos recebido várias consultas nesse sentido as últimas das quais nos vieram de DONALD, Belém; GILDA RITA, Londrina; e LEVORAB, Teresina. A estes, e a todos os demais que nos escreverem sobre o assunto, vamos responder aqui.

No Brasil de antigamente, essencialmente agrário, a vida se fazia em torno das grandes propriedades rurais. Cada fazenda era quase que um feudo, auto-suficiente, vivendo por si mesmo na maior opulência e dentro do conforto que a época podia proporcionar. Assim, tanto fazia morar no Estado do Rio como nos engenhos de Pernambuco, como nas fazendas de criar de Minas Gerais: tudo era "centro", no sentido psicológico. A vida das cidades e mesmo a da Corte, era meramente subsidiária da vida rural, em todos os sentidos, tanto econômico quanto político. Mesmo depois de proclamada a República, São Paulo tinha nos comêços deste século, menos de cem mil habitantes. Hoje tem dois milhões...

Foi, inicialmente, a abolição da escravidão, e o consequente abandono de grande parte da lavoura, que apressou a transformação industrial, fazendo convergir para as cidades não só populações deslocadas como levas de imigrantes que ali se fixaram. Data daí o rápido desenvolvimento dos centros urbanos, deslocando o eixo da vida nacional do interior para as capitais. E nascem daí, também, as condições que permitiriam, hoje, a existência do "complexo da província".

Passado o furor unitarista do Estado Novo temos a impressão de que esse eixo, novamente, tende a alargar-se para as províncias. E não dizemos isso baseando-nos simplesmente em adivinhações, mas constatando a pujança cada vez maior das economias regionais; São Paulo com seu café, o Sul com o trigo o carvão e o vinho, o Estado do Rio com a siderúrgica; a Bahia com o petróleo e o cacau, Maranhão com os óleos vegetais, etc. Tudo isso indica, para o futuro, maior crescimento para áreas determinadas, favorecidas por melhores condições econômicas, condições que por sua vez atrairão progresso em todos os sentidos.

A nosso ver, portanto, não deve o provinciano emigrar para a Capital, baseado simplesmente em sonhos, e tangido pelo seu "complexo da província". Para destruir esse complexo, basta-lhe saber que a vida no Rio de hoje é pavorosa, há dificuldades materiais que nem mesmo os ricos, às vezes, podem transpor. Só devem emigrar, a nosso ver, aqueles que, em seu meio, absolutamente não possam encontrar possibilidades de auto-realização. Exemplos: uma grande vocação para pintor, um grande talento para estudos técnicos etc. A não ser para casos como esse, em que o ambiente é indispensável para a realização individual, aconselhamos os nossos compatriotas a não abandonarem a vida tranquila e deliciosa que têm na província. Em vez de emigrar, devem procurar colaborar patrioticamente no reerguimento de seu lugarejo, de sua cidade, de seu Estado. E podem fazê-lo de alma alegre e sem complexos; quantas vezes por dia algum provinciano agora residente no Rio não estará dizendo, ao defrontar as decepções da cidade grande: "Ah! se eu ainda estivesse em casa!"

CONFIDENTE

Elegantíssima a "toilette" escolhida por Loretta Young, da RKO, para o teatro ou para o jantar fora. O vestido é de veludo preto, com saia "godet", mangas compridas e gola alta. Sobre os ombros, uma "capeline" de arminho. Chapéu também em veludo e arminho.

WEEK-END na Cozinha

NOS Estados Unidos, onde o problema das empregadas domésticas deixou de preocupar a classe média — porque lá só quem possui muitos "dollars", pode se dar ao luxo de ter uma ou mais empregadas — tudo vem sendo feito afim de facilitar o trabalho da dona de casa e, principalmente a cozinha tem sido muito visada. Existem milhares e milhares de aparelhos elétricos que facilitam sobremaneira o trabalho culinário, como existem também máquinas para lavar louças e copos. Agora foi criado um dispositivo nos fogões elétricos que dá à dona de casa uma liberdade que antes não possuía. O sistema é simples: — ao invés de tentar fazer tudo rapidamente, com um fogo bem forte que exige um controle constante, a temperatura é controlada de maneira que todos os alimentos se cozam, ao mesmo tempo, num espaço que vai de duas a quatro horas, sem prejuízo de espécie alguma. Dessa forma, pode-se colocar a comida no fogo e ir assistir a uma sessão cinematográfica no bairro, ou então ir à manicure, e ainda fazer-se uma visita, ou cuidar de outros afazeres domésticos sem grandes preocupações. Inegavelmente, estão de parabéns as donas de casa norte-americanas e, quanto a nós, podemos, desde já, a ir tomando aulas de culinária porque certamente chegará também a nossa vez. Com o problema de empregadas dia a dia mais sério, o melhor será irmos aprendendo a cozinhar e, ao mesmo tempo adquirindo aos poucos todo esse admirável equipamento elétrico que nos permitirá, dentro de alguns dias, ser donas de nossas próprias casas e não depender dessas incríveis "senhoras" que nos estragam tudo, até a paciência. Assim, como quem não quer nada, vá fazendo as suas "investidas" na cozinha, afim de se ir preparando para a "era da libertação"...

VITELA A NORTISTA

Ingredientes: 250 grs. de manteiga; 500 grs. de alipim; 3 quilos de alcatra de vitela; 1 lata de milho verde.

Preparação: Trata-se a carne, lava-se e põe-se durante duas horas em vinha dalhos. Em seguida retira-se, unta-se toda com manteiga, põe-se numa assadeira e leva-se ao forno para assar. No momento de servir, corta-se em fatias que se arrumam no centro de uma travessa, guarnecendo-se uma das extremidades com o milho verde e a outra com o alipim frito. Desengordura-se o molho junta-se-lhe um pouco de água quente, leva-se ao fogo para ferver um pouco e despeja-se por cima das fatias. Serve-se bem quente.

MACARRÃO COM MOLHO DE TOMATES

Ingredientes: 200 grs. de macarrão; 100 grs. de queijo Parmesão ralado, 10 grs. de farinha de rosca; molho de tomates.

Preparação: Cozinhase o macarrão em água a ferver com sal, em seguida toma-se um prato que possa ir ao forno e arruma-se o seguinte: uma camada de macarrão, uma de molho de tomates, uma de queijo e assim se continua devendo a última ser de queijo. Cobre-se tudo com farinha de rosca e leva-se ao forno para tostar.

BOLO PRATA

Ingredientes: 250 grs. de açúcar; 250 grs. de manteiga; 1 colher, das de chá, de fermento, 9 claras, raspa de um limão.

Preparação: Batem-se manteiga com o açúcar e a raspa do limão, depois junta-se a farinha peneirada três vezes com o fermento. Mistura-se tudo muito bem, põe-se numa forma untada com manteiga, depois de haver acrescentado as claras batidas em neve. Forno regular.

PUDIM DE LARANJA

Ingredientes: 400 grs. de açúcar, caldo de três laranjas, raspa de meia laranja, 12 gemas, oito claras.

Preparação: Numa vasilha grande põem-se o açúcar, as gemas e as claras, batendo-se até ficar espumoso. Adiciona-se então o caldo das laranjas e a raspa, continuando a bater por mais algum tempo. Passa-se em seguida por uma peneira e despeja-se numa forma barrada com caramelo. Cozinhase em banho-maria no forno, só devendo ser tirado da forma quando estiver bem frio.



DE PARIS



AQUI estão três das mais recentes criações que Paris nos envia. Ao alto: Modelo muito juvenil de Carven em tecido quadriculado verde e branco. Blusa branca. A esquerda: "Tailleur" moderníssimo de Madeleine de Ranch; à direita, redingote em "gros-grain" preto. Largo cinto de verniz também preto. Criação de Jacques Griffe.



Um dos mais nobres gestos...

(Cont. da pág. 13)

aplicada em benefício geral, em lucro tanto para o proprietário como para o trabalhador."

Em outro ponto mostra a Comissão que não tinha nenhum intuito demagógico. Confirmando ao antigo senhor seu direito de propriedade sobre as casas, árvores, jardins, esse decreto (sobre a vagabundagem e mendicância) impede que o liberto se estabeleça, sem direito, na terra de outrem; e, punindo o delito, procurar iniciar o culpado em vida melhor. A oficina de disciplina substitui-se à prisão.

Para auxiliar a manutenção da ordem foi estabelecido o grande imposto sobre as bebidas. De outro lado se instituíram Caixas Econômicas.

Enfim, os signatários do relatório estabeleceram uma suprema medida, coroando a obra da Segunda República: "A fim de oferecer às colônias, às famílias de qualquer cor ou raça, esses recursos do ensino superior que seus habitantes, quando ricos, só podem obter fora de sua pátria" — determinou a criação, em Guadalupe, de um Liceu, e em Martinica de uma instituição de primeiro grau destinada às moças, além de uma escola de artes e ofícios em cada colônia.

Extase de amor

(Cont. da pág. 35)

O presente de núpcias que Dan lhes mandou foi um automóvel. Não houve necessidade de recusá-lo. Nada tinha de luxuoso: era um carro pequeno, usado, que estava perfeitamente de acordo com o nível de vida que eles levavam. E nele foram para a minúscula vila de pescadores onde Peter finalmente comprara uma casinha.

Ela não perguntou a si mesma se era feliz. Contentava-se com saber que, desde o seu casamento impulsivo, vinha saboreando uma alegria penosamente conquistada. E a felicidade de Peter parecia-lhe agora muito mais importante que a sua própria. Não havia dúvida de que ele perdera muito do seu olhar melancólico; que agora com frequência se mostrava alegre e animado, e que se absorvia na construção da nova escuna, para o que tinha o auxílio de Dino, o português que dirigia a colônia de pescadores locais.

Apesar de tudo isso, porém, ainda não se conformara completamente com a perda de Susy, pósto que não restasse dúvida de seu grande amor por Daisy. Ela prevenira-o, certo dia: — Não creia que uma pessoa possa jamais substituir outra, Peter.

— Tem certeza de que está falando a meu respeito? — perguntou ele.

— Não inteiramente, — respondeu ela, com honestidade. — Você perdeu alguma coisa em Susy. Eu perdi alguma coisa em Dan. Não temos o direito de esperar encontrar as mesmas coisas um no outro. Eu tinha procurado afastar Dan para sempre de minha vida. Compete a você fazer outro tanto.

— Daisy, — disse ele, falando pausadamente, — sabe que você nunca me disse que me ama? Não... não diga agora. Depois...

Mas ela o disse. No dia em que recebeu a carta de Mary Angelus, que ficara com o seu apartamento de New York. — Chegou a minha grande oportunidade! — disse, excitada, a Peter. — Querem que eu faça uma série de ilustrações para a *Thursday Review*. Preciso ir a New York amanhã.

Cou um recorte de jornal de dentro da carta. Um fotografia de Dan, com ataduras na testa, e os dizeres: "Um advogado de New York é atacado por malfetores na Califórnia".

O instante da história prendia-se ao fato de ele ter perdido a questão Noguchi e à animosidade popular que a mesma provocara. Afastando-o, ela disse: — Eu devia dizer "pobre Dan"... mas tenho a certeza de que ele está satisfeito. — Disse então, intencionalmente: — Amo-o.

Peter afastou-se. Mas acercou-se dela no mesmo instante, e sondou-lhe demoradamente os olhos. — Digam de novo, a crescente o meu nome.

Ela disse: — Amo-o... Peter Lapham.

★

Ela não tivera pressentimento algum quando, pouco depois de ter chegado ao seu antigo apartamento de New York, a campainha da porta tocou. Mas, quando ouviu passos apressados subindo as escadas, ficou sabendo, e seus olhos tornaram-se frios e reservados.

Dan estava preocupado demais com o seu insucesso, no caso Noguchi para mostrar-se sensível à atmosfera. — Eu precisava vê-la, — disse, com veemência. — Acabo de descer do avião que me trouxe da Califórnia. Não pretendia vir aqui, mas dei sem querer este endereço ao chofer. — Parecia fatigado, e perdido, ao menos momentaneamente, a sua confiança em si mesmo. — Você é a única pessoa no mundo que eu queria ver neste instante.

Ela disse então, como se eles fossem estranhos. Você não tem o menor direito de precisar, seja o que for, de mim.

Dessa vez conseguiu convencê-lo, e uma raiva lenta inflamou os olhos dele. Em sua voz, porém, havia ape-

Dessa maneira a Comissão presidida por Vitor Schoelcher tudo fez para dar sentido humanitário e patriótico à sua medida. Pelo menos uma vez usou, no seu relatório, ao invés do termo Colônias o belo termo moderno "França de Ultramar". E proclamou que a "República não pretende fazer distinção, na família humana. Não acreditava que fosse suficiente, para sua glória, ser um povo livre, se passasse em silêncio sobre toda uma classe de homens mantidos fora do direito das gentes. A República tomava a sério seus princípios; repava em relação aos infelizes o crime que fora o rapto que os tirara de seus lares, de sua terra, dando lhes, agora, como pátria, a França e proclamando para todos os direitos inalienáveis de cidadãos franceses."

A recompensa da França, hoje, é "o afeto que todos os homens de cor têm pela mãe-pátria; prova disto foi o grande número de gloriosos naturais da França de Ultramar que caíram na defesa da liberdade do país que lhes deu esse direito à vida livre."

Quem escreveu estas últimas palavras? Um francês da metropole, um "branco", que assim confere à sua raça um diploma de grandeza? Não, um "colonial", um filho da Guiana, o sr. Gaston de Monnerville, presidente do Conselho da República Francesa, ao evocar, com tervorosa gratidão, em artigo recente, a obra dos republicanos de 1848 e do presidente da Comissão Libertadora, Vitor Schoelcher.

nas fadiga. — Desculpe-me. As coisas têm corrido mal para mim. Perdi uma questão pela qual me interessei verdadeiramente. — Com nervosismo, resumiu o seu sucesso na Califórnia. — Talvez tudo isso se esteja confundindo em meu espírito com a lembrança de você, e as duas perdas reunidas...

Ela interrompeu-o com secura. — Não quero vê-lo nestas circunstâncias. Retire-se, Dan, eu lhe peço.

Ele ergueu-se, mas, em vez de retirar-se, foi à cozinha, como se estivesse em casa, e serviu-se do café. Diante da familiaridade com que ele se movia no seu antigo apartamento, ela enfureceu-se. E, sem pensar, agarrou a caixa de prata que estava na prateleira do fogão e atirou-a em Dan.

Ele sorriu, e disse: — Assim você não me é tão estranha.

— Eu... eu devia pedir desculpas, por ter feito isso. Podia tê-lo machucado.

— Um O'Mara? Com uma caixinha de selos? — exclamou ele. E em seguida, observando-a, deu novo rumo ao seu espírito teimoso. — Quer lhe diga o que se passou entre você e Peter, este verão? Vocês convenceram-se de que se amavam. Foi fácil. Vocês são simpáticos. De maneira que, logicamente, não havia razão para que vocês não se amassem. — E aproximando-se dela: — Eu gostava mais de você antes. Você então me oferecia amizade...

— Estreitou-a nos braços. Ela lutou por desvencilhar-se, com as lágrimas a lhe escorrerem pelas faces. E, quando ele colou os lábios aos dela, perdeu completamente o domínio, pondo-se a agredi-lo com fúria selvagem. Afrouxou-se o pontofalso que ele tinha à testa, e o sangue começou a correr do ferimento. Ele soltou-a, então; e ela, soluçando, correu para o aposento contíguo, fechando-se dentro dele.

Era noite alta, quando ele telefonou, de casa, para ela. — Querida, — disse, num sussurro, — não deixe que tudo acabe assim. Eu precisava telefonar para você... para dizer-lhe que a amo. Você é tudo quanto me interessa neste mundo.

Nesse momento o grito histérico de Lucile se transmitiu, através da extensão telefônica, ao ouvido de ambos. — Oh, não!

Ouviu-se ainda um grito curto, de protesto, quando alguém arrancou o telefone das mãos dela. Depois... foi o silêncio.

★

Um silêncio que Lucile quebrou vingativamente alguns dias depois, comunicando a Dan que ia mover-lhe uma ação de divórcio, acusando Daisy Kenyon de sua amante. E que ia requerer a guarda das filhas que ele adorava. Rosamund não mostrou a menor comoção diante da imminente dissolução do lar, mas a franza e nervosíssima Marie ficou desconsolada.

Com a sua indiferença característica, Dan dominou a situação, telegrafando a Peter para que viesse a New York, e levando-o a um restaurante onde combinara encontrar-se com Daisy, que nada sabia do plano.

— Preciso falar com vocês dois, — disse-lhes Dan. — Peço-lhes permissão para dar publicidade ao nosso caso particular. Lucile imagina que, para que o nome de Daisy não apareça nos jornais, eu renunciarei ao direito que tenho sobre as minhas filhas. Quero saber qual é a opinião de vocês.

— Seria terrível para elas! — exclamou Daisy. — Especialmente para Marie. Se ela quer lutar, lutaremos!

A atitude de Peter foi tão reservada que era como se ele estivesse indiferente a tudo. Disse apenas a Dan: — Para mim não tem importância o que há pouco existiu entre você e Daisy. Eu meti-me na vida de Daisy porque precisava dela. Bem... agora estou bom. Estou melhor que qualquer de vocês dois.

Levantou-se, e disse, com a mesma voz tranquila, desapaixonada: — Por isso que deixarei que vocês resolvam o caso. Façam como melhor entenderem. Sem...

(Cont. na pág. 56)



A Força Aérea dos Estados Unidos deu um contrato à Fairchild Aircraft Division, da Fairbaird Engine and Airplane Corporation, para o desenho e desenvolvimento de um avião de fuselagem desmontável, que será conhecido como o avião de carga "XC-120". Conquanto não tenham sido divulgados algarismos, sabe-se que o contrato abrange vários milhões de dólares, mas não envolve a produção real do avião. Baseado no princípio de produção com reboque, o referido avião se assemblará de perto com o "Fairchild Packet C-119" em configuração. O avião poderá voar com ou sem sua fuselagem.

Foi dado um contrato de 6.800.000 dólares à Northrop Aircraft para construir 23 aviões de assalto de três motores — uma versão militar do "Pioneer". Os novos aviões serão designados pelo prefixo "C-125" e serão conhecidos por Assaltantes Northrop. Treze das aeronaves citadas serão destinadas a experiências como transportes de assalto ligeiros e usados para estabelecer "cabecinhas de ponte aéreas", tarefa que anteriormente era executada por planadores. Os outros serão usados para operações de salvamento no Artico.

A TACA Airways, S. A., suspendeu todos os seus serviços da América Central para Miami e para Havana. Todo o pessoal nesses pontos está sendo transferido ou dispensado e todos os contratos de espaço e facilidades abandonados.

O Conselho de Aeronautica Civil dos Estados Unidos propôs numerosas emendas ao Artigo 43 do Regulamento da Aviação Civil destinadas a elevar os padrões de segurança para as operações de empresa de contrato ao mesmo nível dos que em breve regerão as operações de empresas aéreas regulares. As novas propostas de regulamentação para as empresas irregulares ora em estudo foram elaboradas para se ajustarem tão de perto quanto possível às normas que atualmente governam as linhas aéreas regulares.

A Trans World Airline está se recusando a aceitar reservas de passagens diretas para o aeroporto que serve Jerusalém em virtude de uma notícia cabografada dali, dizendo que haviam sido disparadas balas incendiárias contra um "DC-4" da mesma companhia, quando este levantava voo no terminal palestino, recentemente. A Trans World Airline declarou que de agora em diante, "indefinidamente", os seus aviões voariam do Cairo diretamente a Dharam, na Saudi Arabia.

O representante americano Everett Dirksen, republicano do Illinois, disse que havia interpelado sobre o estabelecimento de novos serviços aéreos para a América do Sul num recente discurso do Congresso, somente no interesse de determinar se os serviços a serem executados se justificam à luz das despesas em perspectiva para o Tesouro dos Estados Unidos. Dirksen acrescentou que havia recebido informação sobre os prováveis custos desses serviços, conjuntamente com outros fatos pertinentes aos mesmos, de várias fontes, inclusive um representante da Pan American Airways. Em seu discurso, disse ele que o custo, para o Tesouro dos Estados Unidos, do estabelecimento da rota da Braniff Airways para a América do Sul poderia atingir 3.000.000 de dólares.

Realizou-se a 1.ª do corrente, em Marília, São Paulo, a solenidade de entrega de brevets à 7.ª Turma de Pilotos do Aeroclube daquela cidade, tendo como paraninfo o Tte. Brigadeiro Eduardo Gomes e os seguintes homenageados: Brigadeiro do Ar Armando de Souza e Mello Ararigboia, comandante da 4.ª Zona Aérea; dr. Miguel Argolo, prefeito municipal de Marília; sr. José Alferri, chefe de Seção de Divulgação da D. A.; Gaifre, chefe da Seção de Divulgação da D. A.; União Brasileira dos Aviadores Civis; Manoel Procopio Rodrigues Valle, instrutor, e José Sciarreta Sobrinho, mecânico.

Os novos pilotos brevetados são os seguintes: Antonio Laurenti, Antonio Person Pezzorgania, Antonio Luis Caldas de Oliveira, Ernesto Schiewaldt, Florio Caetano Motta, Francisco Garcia Flauto, Gabriel Washington Guimarães, Hans August Schweizer, Henrique Castilho Junior, Isaac Herreiro Hernandez, Jerse de Grande, Luis Oliveira Franco, Luis Gonzaga S. Filho, Linésio da Cunha Sornas, Nelson Ferreira da Cunha, Orfeu Rafael Santilli, Punchas Klepach, Rubens Mascelani, Theodor Edgar Gahrman, Valerijonas Selvalos e Wataru Walter Kato.

Um motor de avião a jato "Derwent n. 5", de fabricação inglesa, foi exposto, recentemente, na Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Rio de Janeiro. O gigantesco motor, que já esteve antes exposto no Campo dos Afonsos aos nossos aviadores e técnicos de Aeronáutica, está agora servindo para ministrar lições práticas sobre esse novo tipo de máquina aos alunos da referida escola, sob a orientação do Sr. L. G. Dawson, técnico da Rolls-Royce, fabricante do motor, e do veterano da RAF, comandante de asa C. V. Reade, ambos contratados para esse fim.

(Noticiário compilado por E. de OLIVEIRA, especialmente para REVISTA DA SEMANA)

NUPCIAS



Estes flagrantes foram colhidos pelo nosso fotógrafo por ocasião do enlace matrimonial, recentemente realizado nesta capital, do senhor Janduhy Carneiro, deputado federal, com a senhorita Diva Dunshee de Abranches. A cerimônia religiosa teve lugar na capela do Palácio São Joaquim, que ficou repleta de elementos destacados de nossa sociedade.



O DIREITO CONTINUA TORTO...

O direito autoral é o tema, por excelência, dos que se dedicam à música popular brasileira. Espollados no que lhes é devido, nossos compositores não se cansam de reclamar medidas protetoras, com as quais lhes será assegurada absoluta lisura na arrecadação do mesmo. Infelizmente, porém, todas as tentativas de amparo legal a essa numerosa classe têm redundado em fracasso, quando não degeneram em conflito entre as sociedades arrecadadoras. Assim, a situação permanece inalterável.

Há cerca de dois anos, quando fizemos uma "enquete" sobre essa momentosa questão, Jorge Faraj afirmou, corajosamente, que "na arrecadação do direito autoral existem deficiências, camaradagens, violências, ilegalidades, molezas e chantagens. A mesma coisa existe na distribuição desse direito. Produzir direito autoral é uma coisa e receber é outra..." Como vêm, nada evoluímos nessa história. O número de queixas aumentou, consideravelmente. Autores estão batendo à porta do judiciário, protestando contra a usurpação do dinheiro que lhes é devido. Outros, contrariados com o estado de coisas reinante no meio, preferem deixar à margem a música popular, cômicos de que o resultado será melhor. Daí, a enxurrada de sambas medíocres e a avalanche de boleros, foxes e outros gêneros estrangeiros.

O direito autoral continua torto... E a causa, segundo Jorge Faraj, é a inconsciência da maioria de compositores. Por isso, até a presente data, nada foi feito de concreto para impedir a espoliação de quantos contribuem para aumentar o cartaz dos intérpretes da música popular.

A. MIGUEIS

AZA BRANCA

(Toada)

De Luis Gonzaga e Humberto Teixeira.
— Gravação de Luis Gonzaga.

Quando oei a terra ardendo
Ou'a toqueira do São João
Eu perguntei a Deus do Céu, aí (Bis)
Pruque tamanha judiação

Qui brazero qui fornaia
Nem um pé de prantação
Por falta dagua perdi meu gado
Morreu de sede o meu alazão.

Inté mesmo a aza branca
Bateu azas do sertão
Entoce eu disse adeus Rosinha (Bis)
Guarda contigo meu coração

Hoje longe muitas leguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cai de novo
Prá mim vortá pro meu sertão

Quando o verde dos teus oio
Se espia na prantação
Eu te asseguro, num chore não,
[viu! (Ris)]

Qui eu vortarei, viu, meu coração.

★

MAÑANA POR LA MAÑANA

Valsa — alegre de Bramei.

El día que yo te vi
recuerdo que te besé
y lo que entonces sentí
mi linda Juana no te dré
De amor s te requeri
a ti te parecio mal
mas luego dijiste si
con compromiso matrimonial.

Mañana por la mañana
te espero Juana en mi taller) Bis
te juro Juana que tengo)
ganas de verte la punta del pie.)

Me besaste y te bese
y lo que entonces sentí
quando dijiste serrena
mi linda Juana no te diré
Seria su ño talvez
o quigas uma ilusão
lo cierto que en ti pensando
siempre cantando
voy mi canción.

CATEDRAL DOS SONHOS

(Valsa)

José Conde e Mario Rossi.

Fui à catedral dos sonhos e pedi ac
[Criador
Que deixasse a luz do sol brilhar em
[meu caminho
Pois é doloroso e triste caminhar só-
[zinho
Sem ter ao meus um amor.

Logo encheu-se o céu de estrelas e você
[apareceu
Tendo o brilho das manhãs no fundo
[das retinas
E me trouxe tanto amor em suas mãos
[divinas
Que não me lembro mais do infeliz que
[era eu.

Hoje a noite está tão calma,
Ha poemas em minh'alma,
O luar
Cai em cascatas sobre o mar
E tudo me diz que o vento
Foi dormir no colo da mais linda flor.
Sugestionado pelo nosso amor.

Noite plena de carinhos,
De perfumes e arminhos,
A nós dois
Que importa o que vier depois
Se este momento é lindo...
A felicidade sempre foi assim:
Um grande amor... um triste adeus...
[e o fim

★

APALACHICOLA, F. L. A.

Johany Burke e James Van Hensen.

We're full of glee, my buddy and me
We're happy all day through,
Like little boys we're so full of joys
And that's why we say to you:
We're on our way
To Apalachicola, F. L. A.
Magnolia trees in blossom and a pretty
[southern gal,
It's better than the orange groves in
[Cucamonga, Cal.
We're gonna stay along the Apalachi-
[cola Bay.
We may stop at Ocklawaha for some
[hominy grits
Or pass through Tallahassee if the
[weather permits.
But we're on our way to Apalachicola,
[F. L. A.

**LÂMPADAS
PHILIPS**



Quais são os erros nesta figura?



Veja

**TUDO
CLARO
com**

LÂMPADAS PHILIPS

Por que o cavalheiro não está usando gravata? Trincar com colar também não é muito apropriado. E que faz a senhora com luvas à mesa? Aquêlo rôlo compressor está evidentemente fora do lugar. E também a luz — que devia estar sobre a mesa, onde é necessária. Esperemos que ao menos não tenha havido engano na escolha das lâmpadas — e que elas sejam Philips. Porque só assim se tem a garantia de obter o máximo de luz pelo mínimo de custo.

BUSTO IDEAL

EM DOIS MESES COM AS

PILULES ORIENTALES

TONICAS E RECONSTITUINTES

Sempre bemfazejas para a saúde



Exigir o frasco do
origem sobre o
qual devem figu-
rar o nome e o
endereço do
J. R. ATIE,
— farmacêutico —
45, rue de l'Éclairer
— PARIS —
À venda em todas
as farmácias
e drogarias
Agente geral
para o Brasil:
Caixa Post. 2862,
RIO DE JANEIRO
(Aprov. J.N.S.P. sob o
Nº 87 em 26-6-1917)

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



Fume! Mantenha porém, seus
dentes livres das anti-estéticas
Manchas do Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original
americana) é recomendado especialmente
para fumantes. Remove completamente as
manchas da nicotina acumulada nos intersti-
cios dos dentes e causadas pelo uso
contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes
um brilho deslumbrante e às gengivas uma
coloração natural e sã. Não ataca o
esmalte. Não contém pedra pómei nem
substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor
de cereais.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES



MENAGOL

REGULA!



USE A POMADA NO LOCAL E
BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

JOÃO URSO

(Cont. da pág. 24)

Pouco se podia ver da casa, pois era cercada por uma alta e espessa sebe de ciprestes. Devia haver também um pequeno jardim dentro do quadrado. Só o telhado e o alto das janelas apareciam por cima da sebe. Pude ver, entretanto, que a casa era pintada de "beige", com guarnições cor de castanha, combinação muito adotada nas estações de estrada de ferro e escolas da Califórnia. Havia dois portões, um na frente e outro na parte lateral da sebe. O paiol ficava fora da barreira verde, atrás da casa. A sebe era aparada em ângulos retos. Parecia incrivelmente espessa e forte.

— A sebe defende a casa contra o vento — gritou Alex por cima do ruído do Ford.

— Não a defende contra João Urso, observel.

Uma sombra atravessou a fisionomia de Alex. Com a mão indicou um edifício quadrado caído de branco que se erguia solitariamente no meio do campo.

— E' lá que moram os meeiros chineses. Bons trabalhadores. Quisera ter alguns como eles.

Nesse momento apareceu de trás da esquina da sebe um t.bure puxado por um cavalo pardo. O cavalo era velho, mas bem tratado, o t.bure luzente e os arreios bem polidos. Havia um grande H de prata em cada antólio. Parecia-me que os elevadores eram curtos demais para um cavalo tão velho.

Alex gritou:

— Ai vão elas a caminho da igreja!

Tiramos o chapéu quando as mulheres passaram, e elas inclinaram a cabeça cerimoniosamente para nós. Vi-as perfeitamente. Foi um choque para mim. Eram quase exatamente como eu imaginara. João Urso era ainda mais monstruoso do que eu havia pensado, se pelo tom da voz podia descrever as feições das pessoas. Não precisei perguntar qual era Emalin e qual era Amy. Os olhos claros e diretos, o queixo pontudo e firme, a boca cortada com a precisão de um diamante, o corpo rígido, sem curvas — essa era Emalin. Amy era muito parecida com ela, mas tão diferente. Suas pernas eram suaves. Os olhos eram cálidos, os lábios cheios. Mas ao passo que a boca de Emalin era reta por natureza, Amy mantinha sua reta com esforço. Emalin devia ter cinquenta ou cinquenta e cinco anos, Amy era dez anos mais moça. Vi-as por um momento apenas e nunca as tornei a ver. Parece estranho que eu não conheça ninguém no mundo melhor do que aquelas duas mulheres.

Alex estava gritando:

— Compreende o que eu queria dizer quando falei de aristocratas?

Acenei com a cabeça. Era fácil de ver. Uma sociedade se sentiria por assim dizer... segura, de ter milhares como aquelas no seu meio. Um lugar como Loma, com seus noveiros, com seu grande pântano como um horrendo pecado, precisava, precisava realmente das Hawkins. Alguns anos ali poderiam produzir terríveis efeitos no espírito dum homem, se aquelas mulheres não estivessem ali para equilibrar as coisas.

Foi um ótimo jantar. A irmã de Alex frugiu as galinhas em manteiga e fez tudo o mais perfeito. Tornei-me mais desconfiado e desconfiado com o nosso cozinheiro. Ficamos sentados na sala de jantar e bebemos aguardente realmente boa.

— Não sei porque você vai ao Búfalo

— observel. — Aquêlê whiskey é...

— Eu sei — interrompeu Alex. — Mas o Búfalo é o cérebro de Loma. E' o nosso jornal, o nosso teatro e o nosso clube.

Isto era tão verdade, que, quando Alex ligou o motor do Ford para me levar de volta a casa, eu sabia e ele sabia também, que, antes disso, iríamos passar uma hora ou duas no Bar do Búfalo.

Estávamos quase na cidade. As luzes fracas do carro iluminavam a estrada à frente. Outro carro veio ao nosso encontro. Alex guiou para a margem da estrada e esperou.

— E' o médico, o dr. Holmes — explicou.

O carro que vinha ao nosso encontro, não tendo espaço para passar, parou também. Alex gritou:

— Eh, doutor! Eu ia justamente lhe pedir para dar uma olhada em minha irmã. Ela tem a garganta inchada.

O dr. Holmes respondeu, gritando também:

— Está bem, Alex, darei uma olhadela. Sala do caminho, sim? Eu estou com pressa.

Alex perguntou:

— Quem está doente, doutor?

— Miss Amy teve um desmaio. Miss Emalin telefonou-me e disse para andar depressa. Saia do caminho, ande!

Alex fez marcha-à-ré e deixou o doutor passar. Continuamos nosso caminho. Eu ia observar que a noite estava clara, quando, olhando para a frente, vi os farrapos de nevoeiro que se arrastavam pela colina do lado do pântano e subindo como serpentes vagarosas para o cume de Loma. O Ford parou com um estremecimento em frente do Búfalo. Entramos.

Fat Carl dirigiu-se para nós limpando um cone no av. ntal. Baixou o braço para apanhar a garrafa na prateleira atrás do balcão.

— Que vai ser?

Whiskey.

Por um instante um vago sorriso pareceu atravessar a sua face gorda e carancuda. O salão estava chelo. O pessoal da minha draga estava lá, todos, exceto o cozinheiro. Ele estava provavelmente no barco fumando os seus cigarros cubanos numa piteira de bambu. Não bebia. Isso era suficiente para me tornar desconfiado dele.

O Búfalo era o bar mais pacífico do mundo. Não havia brigas, poucas cantorias e nada de truques. De algum modo, os olhos esbugalhadamente sombrios de Fat Carl faziam da função de beber uma coisa tranqüila e eficiente mais do que um jogo ruidoso. Timothy Ratz estava jogando paciência a uma das mesas redondas. Eu e Alex bebíamos o nosso whiskey. Não havia cadeiras disponíveis, de modo que continuamos encostados ao balcão falando sobre esportes, mercados e aventuras que tínhamos vivido ou pretendíamos ter vivido... conversa casual de bar. De vez em quando mandava encher os copos. Acho que ficamos ali cerca de duas horas. Alex já tinha dito que ia voltar para casa e eu estava disposto a fazer o mesmo. O pessoal da draga saiu, pois tinha que começar a trabalhar à meia noite.

As portas de molas abriram-se silenciosamente, e João Urso entrou sorrateiro no bar, balançando os longos braços, acenando com a grande cabeça peluda e sorrindo em volta idiotamente. Seus pés quadrados eram como pés de gato.

— Whiskey? — chirleou.

Ninguém se moveu. Começou a expor a sua mercadoria. Estendeu-se no chão sobre o estômago, como fizera na primeira vez que eu o vi, para reproduzir o meu diálogo com Mae Romero. Uma cantilena de palavras nasais saiu da sua boca... chinesas, pensei. E então pareceu-me que as mesmas palavras eram repetidas em outra voz, mais lenta e não tão nasal. João Urso levantou a cabeça hirsuta e perguntou:

— Whiskey?

Levantou-se com um movimento fácil, sem o menor esforço. Eu estava interessado. Queria ver o seu desempenho. Pus uma moeda sobre o balcão. João Urso enguliu a bebida. Um momento depois desejei não ter feito aquilo. Temia olhar para Alex... pois João Urso avançou sorrateiramente para o meio do salão e tomou aquela atitude de quem esperta a uma jan la.

A voz frígida de Emalin disse:

— Ela está aqui, doutor.

Fechei os olhos para não ver a figura de João Urso e, no mesmo instante, ele desapareceu. Fôra a voz de Emalin Hawkins que falara.

Eu tinha ouvido a voz do doutor na estrada e foi realmente a voz dele que respondeu:

— Ah!... você disse que ela desfalceu?

— Sim, doutor.



Cuidado com a PIORRÉIA...

De cada 5 pessoas —
4 estão ameaçadas

Se as suas gengivas estão sensíveis e amolecidas, se sangram com facilidade ao escovar os dentes — acatele-se! São sinais de alarma desta enfermidade — que encolhe as gengivas e afrouxa os dentes.

Comece logo a proteger as gengivas e os dentes contra a Piorréia com o método experimentado Forhan. Escove os dentes de manhã e à noite (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan contra a Piorréia. Exames clínicos recentes provam que, no fim de apenas um mês de tratamento, 95 % dos casos ameaçados de Piorréia apresentam notável melhora.

Vá ao seu dentista com frequência. Siga os conselhos dele. E para restaurar o brilho natural dos dentes... a firmeza e a saúde das gengivas... comece a usar hoje mesmo o dentífrico Forhan's para as Gengivas!

Escove os dentes com
Forhan's



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e reafirmar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

RICARDO brilhava EM 1927...



...e continua

brilhando em 1948

QUAL O SEU SEGREDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.



Loção Brilhante

PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:
Tratar com

JARDAS DE FREITAS GALVÃO
RUA BFGADEIRO TOBIAS, 613

2.º AND. SALA 217

FONE — 8-6718

Houve uma pequena pausa e depois veio a voz do doutor outra vez, muito baixa:

— Por que ela fez isso, Emalin?

— Por que fez o que?

Havia quase uma ameaça na pergunta de Emalin.

— Eu sou o seu médico, Emalin. Foi o médico de seu pai. Você precisa me dizer as coisas. Acha que eu não vi já essa espécie de marca no pescoço dela antes de hoje? Quanto tempo ficou pendurada antes de você a tirar da corda?

Houve uma pausa mais longa. A frieza abandonou a voz da mulher. Era baixa, quase um murmúrio.

— Dois ou três minutos. Ela ficará boa, doutor?

— Oh, sim, ela ficará boa. Não está gravemente ferida. Por que fez isso?

A voz que respondeu era ainda mais fria do que da primeira vez. Era gélida.

— Não sei, senhor.

— Quer dizer que não quer me contar?

— Quero dizer o que disse.

Depois o doutor deu instruções para tratamento, descanso, leite e um pouco de whiskey.

— Sobre tudo seja boa para ela — disse. — Sobre tudo seja boa para ela.

A voz do Emalin tremia um pouco.

— O senhor nunca... dirá, doutor?

— Eu sou o seu médico — disse ele docemente. — Claro que nunca direi.

Mandarei alguns sedativos esta noite.

— Whiskey?

Abriu os olhos subitamente. Lá estava o horrível João Urso sorrindo em volta.

Os homens estavam silenciosos, envergonhados. Fat Carl olhava para o chão. Voltou-me constrangido para Alex, pois eu era realmente responsável por aquilo.

— Eu não sabia que ele faria isso — disse. — Sinto muito.

Sai do bar e voltei para o meu desolado quarto na pensão de Mrs. Ratz. Abri a janela e olhei para aquele nevoeiro coleante. Lá longe no pântano ouvi o motor Diesel começar lentamente a funcionar e aquecer. Depois de algum tempo ouvi a draga começar a trabalhar, reiniciando os trabalhos do fôss.

Na manhã seguinte desabou sobre nós uma dessas séries de acidentes tão comuns em construção. Um dos novos cabos partiu no balanço e a grande mandíbula de ferro caiu sobre um dos pontões, afundando-o dois metros e meio na água juntamente com as obras. Quando mergulhamos um contrapêso e amarramos um cabo ao mesmo para nos ligar da água, o cabo partiu e cortou as duas pernas dum dos ajudantes da coberta. Amarramos os tocos e enviamos o pobre homem rapidamente para Salinas. E então sucederam-se vários pequenos acidentes. Um homem da alavanca sofreu envenenamento do sangue em virtude dum arranhão com um fio. O cozinheiro justificou finalmente a minha opinião tentando vender uma latinha de marijuana ao engenheiro. Enfim, não havia muita tranquilidade no seio do pessoal. Passaram-se duas semanas antes que pudessemos recomençar o trabalho com um novo pontão, um novo ajudante de coberta e um novo cozinheiro.

O novo cozinheiro era um homenzinho espertalhão, moreno, que possuía o dom da lisonja sutil.

O meu contacto com a vida social de Loma fora completamente interrompido. Finalmente, uma noite, depois que a máquina recomençara a trabalhar normalmente, dirigi-me para a fazenda de Alex Hartnell. Passando pela casa das Hawkins, espirei para dentro por um dos pequenos portões da sege de ciprestes. A casa estava às escuras. Só uma luz muito fraca brilhava numa das janelas. Soprava um vento suave nessa noite, fazendo rolar bolas de nevoeiro pelo chão. Caminhei numa clareira, mergulhei no nevoeiro espesso, depois saí para outra clareira. A luz das estrelas eu podia ver aquelas grandes bolas prateadas de nevoeiro movendo-se como elementais através dos campos. Tive a impressão de ouvir gemidos abafados no quintal das Hawkins atrás da sebe, e uma vez, saindo subitamente do

nevoeiro, vi um vulto escuro caminhando apressadamente pelo campo, e compreendi, pelo arrastar dos passos, que era um dos meeiros chineses caminhando de sandálias. Os chineses comem muitas coisas que precisam ser apanhadas de noite.

Foi Alex que veio abrir a porta quando bati. Pareceu contente de me ver. Sua irmã estava fora. Sentei-me junto do aquecedor e ele trouxe uma garrafa daquela boa aguardente.

— Ouvi dizer que você teve algumas dificuldades — disse Alex.

Expliquei-lhe quais tinham sido as dificuldades.

— Parece que vêm em série. Os homens acreditam que os acidentes sucedem em grupos de três, cinco, sete e nove.

Alex acenou com a cabeça.

— Eu também tenho uma opinião muito parecida.

— Como vão as irmãs Hawkins? — perguntei. — Tive a impressão de ouvir alguém chorando quando passei.

Alex parecia relutante em falar a respeito delas e, ao mesmo tempo, ansioso por falar.

— Eu passei por lá na semana passada. Miss Amy não está se sentindo muito bem. Eu não a vi. Só vi Miss Emalin.

Então Alex não pôde conter a emoção. Sua voz era trêmula, quando disse:

— Há qualquer coisa pesando sobre aquela gente... qualquer coisa...

— Você até parece ser parente delas — observei.

— Bem, o pai delas e o meu eram grandes amigos. Nós chamávamos às moças Tia Amy e Tia Emalin. Elas não podem fazer nada de mal. Não seria bom para nós se as irmãs Hawkins não fossem as irmãs Hawkins.

— A consciência da comunidade? — perguntei.

— A segurança — corrigiu ele. — O lugar onde um garoto pode tomar um refresco, o lugar onde uma mocinha pode receber bons conselhos. São orgulhosas, mas creem em coisas que nós desejamos sejam verdadeiras. Elas vivem como... bem... como se a honestidade fosse realmente o melhor sistema e a caridade fosse a sua recompensa. Nós precisamos delas.

— Compreendo. — Mas Miss Emalin está lutando com alguma coisa terrível... e não creio que consiga vencer.

— Que quer dizer com isso?

— Eu mesmo não sei. Mas eu tenho pensado que devia matar João Urso e jogá-lo ao pântano. Eu tenho pensado sinceramente em fazer isso.

— Não é culpa dele, protestei. — Ele é apenas um aparelho de gravação e reprodução, só que, em vez de um niquel, a gente usa whiskey.

A seguir falamos sobre outras coisas, e depois de algum tempo voltei para Loma. Parecia-me que o nevoeiro se grudava à sebe de cipreste da casa das Hawkins que uma porção de halos de nevoeiro estava amontoados em volta dela e outras avançavam lentamente para lá. E sorri do modo como o pensamento dum homem pode dispor a natureza de maneira a caber nos seus pensamentos. Não havia luz na casa quando passei.

Uma agradável rotina se estabeleceu no meu trabalho. A grande máquina funcionava perfeitamente e o fôss avançava com regularidade. O pessoal sentia igualmente que as dificuldades haviam passado, e isso ajudava, e o novo cozinheiro lisonjeava os homens com tanta perfeição que eles seriam capazes de comer até cimento frito. A personalidade de um cozinheiro é muito mais importante para a felicidade da equipe dum draga do que a sua cozinha.

Na noite do segundo dia após a minha visita a Alex, caminhei pelo passeio de madeira arrastando uma cauda de nevoeiro atrás de mim e entrei no Bar do Búfalo. Fat Carl dirigiu-se para mim limpando o copo de whiskey. Antes que ele pudesse me perguntar o que ia ser, eu gritei:

— Whiskey.

Peguei no meu copo e fui para uma das cadeiras. Alex não estava no bar. Timothy Ratz jogava paciência com

COLCHÃO DE MOLAS "BRASIL"



*A mais alta
qualidade*

**GARANTIDO POR 10 ANOS COM
CERTIFICADO**
VENDAS A PRAZO EM 10 PRESTAÇÕES

Exposição e informações com o
Representante exclusivo

A. BLUM SOBRINHO

RUA DO CARMO, 6-10.º ANDAR
Salas 1.009/10 — Fone: 42-2455

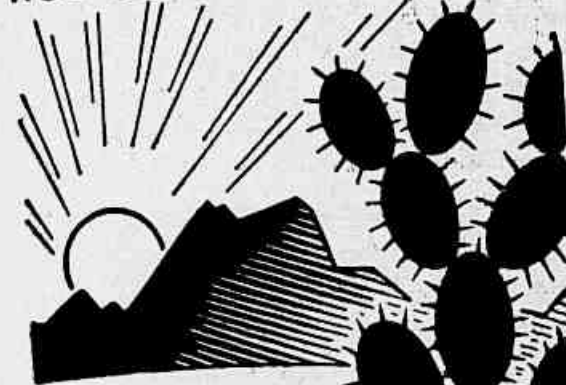
**AFASTADO O
PERIGO DAS
SALADAS!**

NAO SE PRIVE DAS VITAMINAS
NECESSARIAS A SUA SAUDE, USE
AS SALADEIRAS ESTERILISANTES

FABRICADAS PELO
PROCESSO
SENUN

ESTERILISANTE

NOS CLIMAS TROPICAIS...



...AS PELES
DELICADAS
PEDEM

**A Polvilho
Antisséptico**
GRANADO

BROTOEJAS
ASSADURAS
FRIEIRAS
SUORES FÉTIDOS



Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade
de Sexologia de Paris

DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL**

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

Números atrasados desta
Revista no Paro

Pedir o

Albano H. Martins & C.ª

Travessa Campos Sales, 56
RIO DE JANEIRO

**CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante**

**A LÂMINA DE
MAIOR
VENDA MUNDIAL**

TRADE **Gillette** MARK

uma sorte fenomenal e, por consequência, bebendo desbragadamente. Mais homens iam chegando. Não sei o que faríamos sem o Bar do Búfalo.

Pelas dez horas chegou a notícia. Recordando essas coisas mais tarde, a gente nunca se lembra exatamente como transpiraram. Alguém chega; começa um murmúrio, e, subitamente, todo o mundo sabe o que aconteceu, conhece detalhes. Miss Amy suicidara-se. Quem trouxera a notícia? Não sei. Tinha-se enforcado. Não havia muita conversa a respeito no bar. Via-se que os homens estavam tentando se refazer do choque. Era uma coisa que não entrava bem dentro de seus planos. Estavam em grupos, falando baixinho.

As portas de molas abriram-se lentamente e João Urso entrou sorridente, meneando a grande cabeça hirsuta e com um sorriso idiota na face. Seus pés quadrados deslissavam silenciosamente pelo soalho. Olhou em volta e chilreou: — Whiskey? Whiskey para o Joãozinho?

Agora aqueles homens queriam realmente saber. Tinham vergonha de querer saber, mas todo o seu sistema mental exigia esse conhecimento. Fat Carl encheu um copo. Timothy Ratz largou as suas cartas levantou-se. João Urso ingeriu o whiskey. Fechou os olhos.

A voz do médico era áspera:

— Onde está ela, Emalin?

Nunca ouvi uma voz como a que lhe respondeu, uma voz friamente controlada, mas um frio penetrado da mais profunda dor. Era um tom monótono, sem emoção, e, contudo, a dor permeava as suas vibrações.

— Ela está aqui, doutor.

— Hum. — Longa pausa. — Esteve pendurada muito tempo!

— Não sei quanto tempo, doutor.

— Por que motivo ela fez isso, Emalin? O tom monótono novamente.

— Não... sei, doutor.

Houve uma pausa maior. Depois:

— Hum. Emalin, você sabia que ela ia ter um filho?

Através da voz frígida saiu um suspiro. Emalin respondeu muito baixo:

— Sabia, doutor.

— Se foi por isso que você demorou tanto a encontrá-la... Não, Emalin, eu não quis dizer isso, pobrezinha.

O domínio voltou à voz de Emalin.

— Pode tirar o atestado sem mencionar?... — Naturalmente. Falarei também com o agente funerário. Não se preocupe.

— Obrigado, doutor.

— Agora vou telefonar. Não deixarei você sozinha aqui. Venha ao outro quarto, Emalin. Vou preparar um sedativo para você...

— Whiskey? Whiskey para o Joãozinho?

Vi o sorriso idiota e a cabeça oscilante. Fat Carl encheu outro copo. João Urso bebeu-o e depois dirigiu-se para o fundo do bar, enroscou-se debaixo duma mesa e adormeceu.

Ninguém falou. Os homens dirigiam-se para o balcão e colocaram as suas moedas silenciosamente. Pareciam perplexos, pois um sistema havia caído. Alguns minutos depois Alex entrou no bar silencioso. Dirigiu-se apressadamente para mim.

— Você ouviu? — perguntou-me em voz baixa.

— Ouvi.

— Eu andava com medo — disse ele.

— Eu lhe disse isso há dois dias. Eu andava com medo.

— Você sabia que ela estava grávida? — perguntei.

Alex ficou rígido. Olhou em volta pelo bar e depois voltou-se para mim.

— João Urso? — perguntou.

Acenei com a cabeça.

Alex passou a mão aberta pelos olhos.

— Não acredito.

Eu ia responder quando ouvi um pequeno ruído e olhei para o fundo do bar. João Urso saiu do seu buraco como um texugo, levantou-se e dirigiu-se para o balcão.

— Whiskey?

Sorriu esperançoso para Fat Carl.

Então Alex pôs-se em pé e dirigiu-se a todo o mundo.

— Escutem aqui, todos vocês! Isto já

foi longe demais. Não admitirei que continue esta palhaçada!

Se esperava oposição, ficou desapontado. Vi os homens acenarem uns para os outros.

Whiskey para o Joãozinho?

Alex voltou-se para o idiota.

— Você devia se envergonhar. Miss Amy dava-lhe comida e você nunca vestiu outra roupa senão a que ela lhe dava.

João Urso sorriu para ele.

— Whiskey?

E pôs em prática a sua mágica. Ouvi uma espécie de cantilena nasal que parecia um chinês falando. Alex pareceu aliviado.

E então outra voz, lenta, hesitante, repetindo as palavras sem a natureza nasal.

Alex pulou tão rápido, que eu nem o vi se mover. Seu punho estalou na boca sorridente de João Urso.

— Eu lhe disse que já chegava! — gritou.

João Urso recuperou o equilíbrio. Seus lábios estavam feridos e sangrando, mas o sorriso continuava lá. Moveu-se lentamente e sem esforço. Seus braços envolveram Alex como os tentáculos duma anêmona envolvem um caranguejo. Alex vergou para trás. Corri para lá e agarrei um dos braços do bruto e puxei, mas não consegui soltá-lo. Fat Carl veio rolando por cima do balcão com uma manivela de automóvel na mão e batia repetidamente na cabeça hirsuta até que os braços afrouxaram e João Urso caiu inerte. Amparei Alex e ajudei-o a sentar-se numa cadeira.

— Está ferido? — perguntei.

Estava ofegante, tentando respirar.

— Acho que me desconjuntou as costas — disse. — Mas ficarei bom.

— Tem o seu Ford aí fora? Eu levo você para casa.

Nenhum de nós olhou para a casa das Hawkins quando passamos. Eu não levantei a vista da estrada. Lêvei o Alex para sua casa, que estava às escuras, ajudei-o a deitar e fiz-lhe beber um copo de aguardente. Ele não havia falado durante todo o caminho. Mas depois que o acomodei no leito, perguntou:

— Você acha que alguém percebeu?

Eu o calei a tempo, não?

— Que é que você está falando? Eu ainda não sei porque você lhe bateu.

— E escute. Eu vou ter que ficar aqui uns tempos até melhorar das costas. Se você ouvir alguém dizer alguma coisa, faça-o calar, sim? Não permita que digam isso.

— Eu não sei de que você está falando.

Alex fitou-me nos olhos por um momento.

— Acho que posso confiar em você — disse finalmente. — Aquela segunda voz... era a de Miss Amy.

NOS BASTIDORES FEMININOS

(Continuação da pág. 39)

a fazer é fingir que nada houve, procurar agradá-lo com pequenas atenções e depois, então, numa palestra amigável, pedir-lhe que deposite mais confiança em você, ou sugerir-lhe que a faça confiante dos seus aborrecimentos externos, os quais você julga estejam prejudicando o seu sistema nervoso e, consequentemente, a sua saúde e a harmonia dentro do lar. Sugira-lhe um descanso maior, mostre-se compreensiva e faça com que ele sinta o seu interesse. Não permita também que ele lhe peça desculpas — isto o rebaixaria um pouco. Alegue que o que passou não tem importância e que apenas você quer que tudo se harmonize a fim de que a felicidade do lar não seja perturbada. Talvez isto lhe seja um pouco difícil, porém se você conseguir controlar a situação, em breve o seu colérico esposo se transformará num manso cordeiro, que admirará, acima de tudo, a maravilhosa compreensão da sua "care-metade".

Witty

DANIEL DEFOE

(Conclusão do número ant.)

No verão de 1704 Defoe empreendeu a sua viagem de serviço secreto de informações. E achou esta viagem muito do seu gosto, segundo confessou. Como era um repórter nato, achava delicioso misturar-se com o povo, observar-lhe os hábitos, estudar-lhe o caráter, analisar-lhe os pensamentos. Acabou sendo um amigo e conselheiro do povo em vez de um espião investigador. E para o governo, tanto fazia uma coisa como a outra, porque Defoe conseguia convencer em vez de condenar os críticos da coroa.

Seus serviços foram especialmente valiosos no fortalecimento da união entre a Inglaterra e a Escócia. Na primeira vez que chegou à Escócia, foi recebido com pedradas. À noite, sua casa foi atacada por uma multidão enfurecida de anglofobos. «Abaixo os espíões!», gritavam. «Nada de união com a Inglaterra!». Com dificuldade Defoe conseguiu escapar por uma porta dos fundos. Pouco a pouco, entretanto, foi captando os ouvidos e os corações dos líderes escoceses. E finalmente pôde escrever a Harley: «Espero agora ver o fruto de tudo isso... trabalho, luta, arruaças... isto é, a união... Enquanto escrevo, os canhões do castelo estão disparando (para celebrar a união...). Parece-me tempo de dizer: agora posso partir daqui porque meus olhos viram a conclusão...»

Harley, porém, não lhe deu permissão para partir. Defoe era um escravo valioso de mais para ser posto em liberdade tão rapidamente. «Conserva-o com as mãos no arado e alimenta-o de esperanças vãs». Mandou-lhe £ 100, o estritamente necessário para que ele suprisse as necessidades de sua família, mas insuficiente para instalá-lo em qualquer negócio de culto.

E Defoe continuou a servir a seu patrão e a fazer planos para um futuro mais promissor, para uma vida mais feliz não somente para si mas para o mundo. Continuou com suas atividades de agente confidencial de Harley, porém aproveitou a oportunidade para vender na Escócia toalhas de mesa e escrever vários folhetos sobre a reconstrução da sociedade. Em 1709, bateu-se pelo estabelecimento de uma Liga das Nações e de um Tribunal Internacional. O agressivo Luis XIV acabara de sofrer uma humilhante derrota que lhe infligira o exército britânico. «A Inglaterra e seus aliados», escreveu Defoe, «têm agora uma excelente oportunidade de impedir novas guerras na Europa. Está em suas mãos tornarem-se os árbitros de todas as divergências e disputas que possam surgir na Europa, quer entre reino e reino, quer entre soberano e vassalos. Um congresso dessa aliança pode tornar-se uma Corte de Apelação para todos os agravados e oprimidos... Ali os pequenos Estados encontrarão proteção contra o terror dos seus poderosos vizinhos, o grande não mais oprimirá o pequeno, nem o forte devorará o fraco... Esta confederação [de nações não agressivas] pode, se assim o quiser, reservar para si, a faculdade de banir a guerra... para os confins do mundo».

Mas os isolacionistas do século XVIII deram tão pouca atenção a Daniel Defoe



Agora... quantos pretendentes!...



Antes, era sempre esquecida nos bailes, nas festas e reuniões... Sua aparência não despertava atração... Ninguém a desejava para seu par e ela invejava a beleza de suas amigas... até que um dia...



...uma verdadeira amiga lhe disse: «Você precisa cuidar de sua pele, Rosinha. Não se iluda com o maquiagem exagerado para disfarçar as imperfeições. Corrija-as com Leite de Colonia».



Foi um conselho sincero... Agora, Rosinha é quem se vê obrigada a «esquecer» tantos admiradores... E suas amigas invejam aquela sedutora beleza natural que o Leite de Colonia proporcionou à sua pele.



Record

Não oculte e nem disfarce! **CORRIJA** as imperfeições da pele com LEITE DE COLONIA

É uma ilusão!... Além de tornar a beleza artificial, o excessivo maquiagem para ocultar as imperfeições do seu rosto é nocivo à vital respiração da pele. Corrija manchas, cravos, sardas, espinhas e outras erupções da cutis com Leite de Colonia. Aplique-o, diariamente, pela manhã, numa ligeira massagem protetora. Durante o dia, para fixar o pó de arroz e, à noite, numa última limpeza da cutis. E sua pele conquistará aquela beleza natural tão desejada por todas as mulheres. Leite de Colonia limpa... alveja... amacia e protege sua pele.

Leite de Colonia

O EMBELEZADOR DA MULHER

como os do século XX a deram a Woodrow Wilson.

IV

Durante alguns anos perdemos de vista Defoe. A roda da fortuna política desandara para Harley. Dos píncaros do poder foi lançado à prisão. E com ele foram levados vários dos seus auxiliares, inclusive Defoe. Essa última estada no cárcere curou Defoe do seu interesse pela política. «Como disse o pregador que tudo é vaidade e inquietação de espírito, assim digo eu desses (políticos): tudo é uma simples exibição e uma abominável hipocrisia, de todos os partidos, em todas as épocas, com todos os governos: quando estão fora, lutam por entrar; quando dentro, lutam por não ser postos fora... Todos os partidos e quase todas as pessoas de que temos conhecimento, têm... sido culpados sem maior ou menor grau da acusação geral: que seus interesses se sobrepõem a seus princípios».

A própria participação de Defoe na política não desenvolveu nem seu inte-

resse nem seus princípios. Doente de corpo e desgostoso de espírito, conseguiu finalmente livrar-se de sua escravidão diplomática e desapareceu na neblina.

Então, à beira dos sessenta anos, surgiu mais uma vez e os figurões de Londres balançaram a cabeça transidos de piedade. «Que triste declínio!». O conselheiro de príncipes transformara-se num contador de histórias para jovens cozinheiras. O autor de dissertações políticas decaíra ao ponto de relatar as aventuras de um marinheiro náufrago. Raros foram os seus contemporâneos que perceberam que Daniel Defoe, ao escrever «Robinson Crusoe», transpusera os umbrais da fama.

V

Finalmente Defoe encontrara a si próprio. Não era ele um comerciante, um panfletário, um político, mas um escritor de ficção. Toda a sua vida não fora mais que um tatear nas trevas em busca desse fim. Personificando tantos tipos contraditórios, — o industrial, o bufarinho, o dissidente, o transactor, o con-

servador, o rebelde, o camarada, o espião, — não fizera mais que esforços subconscientes para compreender, vivendo-as, as várias atividades da comédia humana. «Se quereis descrever os pecados dos vossos irmãos, deveis vestir-lhes a pele».

Defoe representara todos os papéis (humanos) e agora se transformara no intérprete da humanidade. A última década de sua vida foi de uma surpreendente atividade criadora. A proporção que seu corpo enfraquecia, sua mente enrijava. Os romanos se sucediam na ágil lançada de sua fantasia. «O rei dos piratas», «As aventuras de Duncan Campbell», «Memórias de um cavalheiro», «O capitão Singleton», «O coronel Jack», «Moll Flanders», «Roxana», «O Jornal de ano da peste», «A história do diabo». «Como pode um homem tão velho produzir tantos livros novos?».

E ainda ter tempo para suas avenúras comerciais? Pois Defoe, embora curado da política, nunca conseguiu curar-se de sua temeridade. Até o fim da vida ele continuou a correr atrás do tesouro

MALES DO FÍGADO?

FIGACOL

TRATAMENTO
RÁPIDO - SEGURO - EFICAZ
NÃO SOFRA DO FÍGADO!
TOME

FIGACOL

UMA ESPECIALIDADE COM A
GARANTIA DOS PRODUTORES
DA FAMOSA

EMAGRINA

ADQUIRA NAS FARMACIAS E
DROGARIAS OU PELO SER-
VIÇO DE REEMBOLSO

CAIXA POSTAL, 2335 — RIO

Extase de amor

(Continuação da pág. 49)

— e com uma cortesia impessoal, dirigindo-se a Daisy: — Sem se preocuparem com a formalidade da existência de um marido. Essa formalidade pode desaparecer a qualquer momento.

Inclinou-se, beijou-a de leve nos lábios, e saiu.

★

O julgamento foi o assunto do dia, para os jornalistas. Todos os fatos condenatórios foram impiedosamente revelados, inclusive o apartamento que Dan alugara, na esperança de que Daisy se mudasse para o mesmo. E, o que constituiu uma surpresa, foi Dan, e não Daisy, quem não resistiu ao ordálio. Diante da compostura com que ela prestou o seu depoimento, ele enervou-se.

Com voz rouca, pediu ao juiz: — Rêqueiro a suspensão deste julgamento.

O requerimento foi deferido, e Daisy saiu do tribunal em companhia dele. — Por que você atirou esponja? — perguntou ela.

Num estado de profundo abatimento, ele respondeu: — Enquanto você depunha, fiquei sabendo o que realmente importa.

Daisy sempre se considerara capaz de raciocinar claramente. Mas a tensão era grande, e não lhe foi possível tomar decisão alguma. Dan... Peter... Peter... Dan... Os nomes redemoinhavam em sua mente atormentada. Finalmente, disse a Mary: — Vou-me embora. Não sei o que quero, e já é tempo de saber.

★

Talvez jamais ela houvesse descoberto, a não ser por acaso. A volta para a casa vazia da vila de pescadores, e a tentativa para trabalhar não haviam surtido efeito. Depois, Dan telefonara. Peter estava em companhia dele, estavam ambos numa localidade próxima, e iam ao encontro dela.

Foi puramente instintivo o seu gesto de meter-se no automóvel e sair pelas estradas cobertas de gelo. Como se em movimento ela pudesse pensar melhor. Mas as coisas que passavam precipitadamente pelo seu espírito não eram pensamentos. Eram sentimentos, confusos demais para terem qualquer utilidade.

Serviram, contudo, para toldar-lhe a visão, a ponto de ser tarde demais para impedir que o carro derrapasse numa curva. O choque foi violento, mas ela saiu

incólume. E, pela primeira vez, caminhando de volta pela neve, ela viu que estava refletindo claramente.

Dan e Peter esperavam-na em casa. E ela disse-lhes, após resumir o acidente: — Sinto-me hoje como não me sentia há várias semanas. Talvez seja esse um bom meio de ver as coisas claras. Sorriu tristemente, e acrescentou: — Tratamento pelo choque.

Olhando para o relógio, disse Dan: — O táxi não tardará a chegar, para levar um de nós à estação. — Pelo modo como falou, parecia não ter dúvida sobre quem o táxi viria buscar.

Em contraste com essa confiança, Peter parecia quase desinteressado. — Dan pediu-me que lhe concedesse o divórcio. Parece que ele tem razão para crer que você o quer.

Ela tinha os olhos escuros fitos no rosto imperturbável de Peter. — Por que você veio, então?

Ele encarou-a firmemente. — Para ouvir você falando com a sua boca.

Dan interveio, impaciente. — Daisy, precisamos começar de novo. Eu daria tudo por você. De fato — ele não fez o menor esforço para ocultar o que aquilo lhe custara. — De fato, dei tudo por você.

Ela gritou: — As meninas! Você não devia ter feito isso!

— O casamento está desfeito, — disse ele.

Havia realmente cominação nos olhos dela. — Não, Dan. Eu sei que um casamento não se desfaz assim com tanta facilidade.

Voltou-se para Peter. O rosto dele podia ocultar os seus sentimentos — mas ela aprendera, havia pouco, a ler o que era impossível ocultar. E o seu coração encheu-se de orgulho, por ver que ele não suplicava abertamente o seu amor. Era Dan quem assim procedia. Quase como a falar consigo mesma, disse então: — E' uma coisa engraçada, o amor. As lembranças perturbaram-me. — E concluiu: — Sinto ter permitido que elas me perturbassem.

Ouviram-se à porta o ruído do motor do táxi. Os dois homens hesitaram. Depois Peter falou, com uma confiança renovada. — Esta é a minha casa, fave de mel... e ela é a minha esposa.

Depois de ter conduzido Dan ao táxi, disse: — Sem dúvida, esse O'Mara lutou até o fim.

Com ternura não muito longe das lágrimas, Daisy perguntou: — Que sabe a respeito de lutas?

Ele respondeu no tom de voz do homem para quem o lar se convertia miraculosamente no seu castelo: — Em matéria de tática moderna, para mim vocês dois são pintos.

FIM.



oculto que está além do arco-íris. Tudo o que ganhava com os livros, perdia em desastrosas especulações. E nesses lances infelizes envolveu mesmo alguns dos seus amigos mais íntimos e dos seus parentes, inclusive sua própria filha Ana.

Finalmente, para recuperar as perdas do seu fracasso como comerciante, escreveu um «Guia completo para o bom êxito nos negócios». Este guia, conforme as palavras do próprio Defoe, «destinava-se a instruir os nossos... comerciantes e especialmente os principiantes do ramo».

Defoe era perito em dar conselhos mas nunca o foi em segui-los. Aos sessenta e cinco anos de idade encontraram-no envolvido num processo em que é apontado — é quase certo que injustamente — como «falcatureiro». E quatro anos mais tarde não conseguiram encontrá-lo absolutamente. Escondendo-se fugindo dos credores. A única pista do seu paradeiro é uma carta recebida por seu genro, Henry Baker (12 de agosto de 1730). Está assinada «Seu infeliz D.F.» e foi escrita de «cerca de duas milhas de Greenwich, Kent». A carta fala na dolorosa situação de um velho esmagado por «uma carga de insuportáveis dissabores», esquecido pela família, com o coração partido com o «desumano tratamento recebido do meu próprio filho» (este provavelmente lhe recusara o dinheiro para mais alguma louca especulação), sofrendo «sob o peso de uma doença muito grave» e aflito por não ter o consolo de dar um último abraço na filha e no genro. Pois «ir vê-los e voltar imediatamente é uma carga pesada de mais». E irem eles vê-lo era coisa em que nem se podia pensar, porquanto seu esconderijo não devia ser revelado a ninguém, nem ainda aos que lhe eram mais caros.

E a carta termina com uma nota de resignação. «Estou próximo do fim de minha jornada, caminhando a largos passos para o lugar onde os cansados encontram repouso e os maus não mais incomodam. Quer seja difícil a passagem — quer o dia seja tempestuoso, qualquer que seja o caminho pelo qual ele queira conduzir-me ao meu fim, em qualquer caso desejo que minha vida termine

neste estado de espírito: **Te Deum laudamus...**».

E assim, entregando sua alma a Deus, o marinheiro naufrago partiu, só e sem amigos, rumo à ilha desconhecida, na escuridão.

(Do livro «Vidas de grandes romancistas».)

A vida de Charles...

(Continuação da pág. 37)

Enquanto eram assim, de parte a parte, exageradas as faltas, a verdade é que não havia, nem de um lado nem de outro, a razão suficiente de queixa. Dickens sofreu com os «furtos literários» dos editores americanos uma vez que a lei norte-americana sobre direitos autorais permitia a publicação de seus livros no país sem nenhuma compensação para o autor. Em várias de suas conferências ele se referiu a tal injustiça. E à assistência não agradava que o conferencista abordasse uma questão particular numa reunião pública. Por isso sua partida dos Estados Unidos provocou em todos um suspiro de alívio, como a propósito comentou um dos seus admiradores ingleses: «Desejo tanto a Mr. Dickens como aos americanos muita alegria pelo bom negócio que fizeram».

Dickens voltou à Inglaterra disposto a travar uma longa batalha em prol dos oprimidos. Batalhas alegres — entendase — temperadas pelo encanto da ficção. Dispondo da pena de um caricaturista e do coração de um poeta, ralhando, divertindo, ameaçando, adulando, conseguia do governo inglês uma reforma atrás da outra. Seus livros, conforme observou Thackeray com uma justificação em que ia algo de inveja, eram escritos para um público de adultos com a mentalidade de crianças. Dickens agradeceu-lhes a observação. «Precisamente. Escrevo para a espécie humana».

Aliás, uma espécie mais estúpida que má. Mas uma vez que os homens não passavam de crianças barbadadas, podia-se rir de sua estupidez exibindo-se diante delas uma espécie de fantochada de suas próprias imagens em atitudes torcidas. Um excursão pelos romances de Dickens é como uma visita a uma dessas gale-

rias de espelhos côncavos e convexos. E' só ver toda essa gente e suas engraçadas tropelias: Micawber, Pickwick, Weller, o sargento Buzfuz, Charles Cheeryble, Smeke, Smeers, Quilp, Scrooge, Dick Swiveller, Bob Cratchit, Tom Pinch. Quem são eles senão nós próprios desfilando por trás desses grotescos espelhos? Nossos nomes estão alterados, tomando formas cômicas. Mas que notável semelhança! E como se fixam indelevelmente em nossa memória! Vejase como, numa única frase, Dickens consegue retratar um homem: «Jonas Chuzzlewit passou a vida metendo numa caixa forte todos os seus tesouros até que meteram seu corpo desprezível inteiramente numa caixa forte do seu caixão».

Tem-se dito que a Inglaterra produziu dois dos maiores artistas do mundo: Reynolds, o pintor do corpo humano, e Dickens, o caricaturista da alma humana.

Mas Dickens foi mais que um pintor. Foi um narrador maravilhoso. Sua facilidade em urdir um enredo causava — veja a Thackeray, mais filosófico, porém menos imaginoso. «Que lucro», exclamou certa vez o autor de «Feira das valdades», «procurando correr na frente desse homem ou pondo-me a seu lado? Não posso alcançá-lo; não consigo nem aproximar-me dele».

Contudo, nas diferentes histórias de Dickens há sempre qualquer coisa de sua vida. «Esse homem», escreveu um contemporâneo, «parece ter estado em toda parte, ter conhecido todo mundo e ter tido sua parte na experiência de todos os homens». Todo romance é a alegria da peregrinação física e espiritual do seu autor pelo mundo. Isto tem inteira aplicação aos romances de Charles Dickens e em especial a «David Copperfield». «Se quereis conhecer minha vida», dizia Dickens, lede «David Copperfield».

Convém, entretanto, notar que esse livro é a história fictícia de sua vida. «As verdadeiras particularidades acerca de minha vida», disse ele uma vez ao tradutor francês de «David Copperfield», «guardo-as eu para mim mesmo».

(Continua no próximo número)

Notas á margem...

(Continuação da pág. 17)

antigo gerente de origem camponesa que compra para explorá-la a propriedade de seus antigos donos: o mesmo paralelo de dois mundos, um decadente, o outro em ascendência construtiva.

Neste fundo social o drama dos personagens reveste-se de um relevo particular, aparece ampliado e cheio de significação. E assim é o caso de «Tobacco Road». O fundo da transformação social que está na origem dos infortúnios da família Lester empresta ao drama pessoal de suas existências torturadas uma força mais ampla e mais absoluta.

★

A veterana do palco brasileiro, Italia Fausta, no papel de Ada Lester deu um desempenho impressionante de sinceridade. Não poderia ser melhor como a esposa resignada de um fracassado e como mãe ardente de Pérola. Saddy Cabral, artista de classe, não justificou plenamente as esperanças. Deu um Jee-ter um tanto «chargé» e monótono. Guerreiro, jovem ator de tempera, devia refrear o temperamento transbordante para ficar dentro da tonalidade geral e apurar mais o seu papel. Yara Isabel, criticada pelo exagero, era, entretanto, ao nosso ver um elemento pitoresco indispensável para realçar o conjunto. O papel de Bessie, rico de matizes e psicologicamente um dos mais interessantes, suportaria sem dúvida um trabalho diferente e menos superficial. Mas mesmo assim o desempenho pode ser considerado satisfatório.

A figura luminosa de Pérola (Maria Della Costa) com a sua cabeleira dourada, correspondia aos requisitos do texto. Justificava plenamente o papel que lhe concedeu o autor:

«Tobacco Road» tem uma substância dramática indubitavelmente profunda e uma forma de apresentação bastante incisiva para reter a atenção de um público desejoso de viver impressões fortes e sensível ao valor humano do drama de Erskine Caldwell e Jack Kirkland.

NA ESTEIRA DO "BRUXO VERMELHO"

Um folhetim-ilustrado de RE-
VISTA DA SEMANA — Direitos ad-
quiridos ao King Features Syndicate.

História de GARLAND
ROARK — Desenhos de
F. R. GRUGER



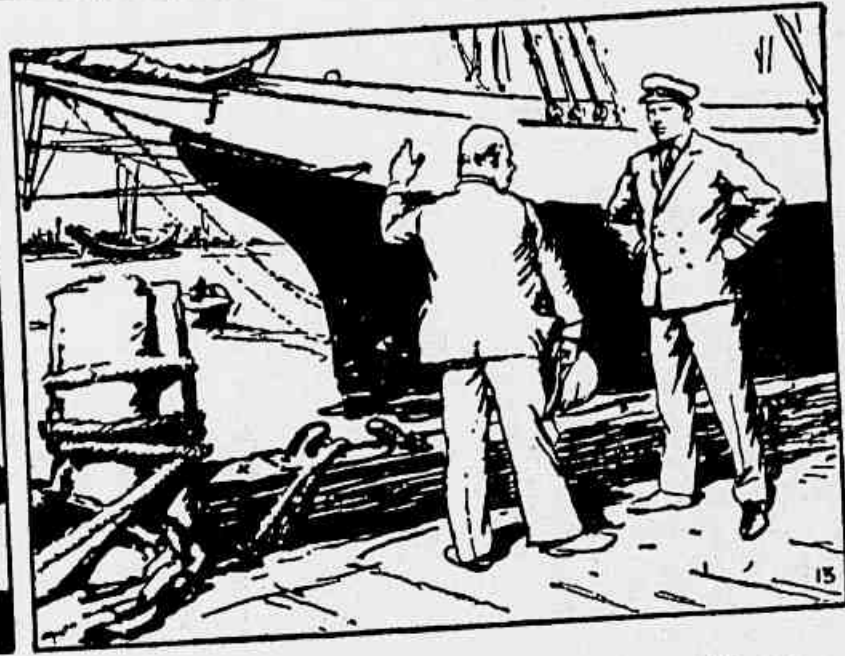
Ralls viu o navio que partia...

O "Cervo Dourado" estava encalhado no banco de coral sobre o qual Ralls o impelira em seu frenesi pela perda de Angelique. O barco ficara seriamente avariado. Sidneye, enfurecido, jurou: — Hei-de reparar o "Cervo" mesmo que me custe toda a fortuna... Hei-de frustrar a vingança de Ralls! — E assim foi feito. Para o local do encalhe foi transferida toda a força da Batjak e o barco foi recuperado. Ralls era agora um capitão sem navio, homem sem fortuna. Até as pérolas da laguna lhe foram negadas pelos nativos que já não o acreditavam filho de Taaro Tiki. Calado, ele assistiu a reparação do navio e calado viu-o partir de velas ao vento. Nos anos seguintes, chegaram até Sidneye os rumores das aventuras de Ralls. Só em 1932, numa quente



Em todos os cantos falava-se de Ralls...

manhã, ele reapareceu em Suerabaja. Um grande automóvel negro parou em frente aos escritórios da Batjak. Dele saltou Sidneye, após beijar uma mulher de cabelos negros e duas crianças. O carro partiu e a voz de Ralls se fez ouvir: — Sr. Sidneye! — Sidneye parecia estar vendo um fantasma. Ralls correu de mãos estendidas, que ele apertou com relutância, dizendo friamente: — Não posso acreditar no que vejo. — Mas Ralls não lhe deu tempo para mais nada: — Tenho uma grande idéia. Podemos falar em particular? E contra a própria vontade Sidneye se viu sentado em frente ao homem que tanto mal lhe causara, ouvindo-o atentamente. O plano de Ralls era que Sidneye o fizesse em segredo capitão de



— Tenha carinho com o barco, — pediu Sidneye.

um barco independente cujos lucros seriam divididos por igual. E o velho Sidneye, embalado pelos sonhos de sua própria juventude aventureira, surpreendeu-se concordando com a proposta. Nos dois meses seguintes o "Cervo Dourado" foi vendido e revendido. Quando reapareceu em Singapura tinha um novo nome: "Bruxo Vermelho", de acordo com a cor do costado. Sidneye e Ralls o inspecionaram: — Tenha carinho com o barco, — disse Sidneye, o homem que o navegara primeiro como "Quadrifólio" e depois como "Cervo Dourado". — Se algum dia o "Bruxo Vermelho" for mal tratado, o único prejuízo que levarei em conta será o de abuso de confiança... E para este, eu juro eterna vingança...



— Juro eterna vingança, — afirmou Sidneye.

E aqui terminou a história de Sidneye: com a entrega a Ralls do "Bruxo Vermelho". Daí para a frente eu sabia muito bem... o que acontecera com o barco e sua carga de ouro. E ali naquela sala azul da sua casa insular, Sidneye ergueu os olhos para mim, piscou-os e sorriu. — E, — completou, — eu disse isso a Ralls... Jurei vingança eterna... eterna! — E eu, o negociante Sam Rosen, senti toda a extensão daquela história. Ele me oferecia clemência em troca de... de que? Ele era ainda o Sidneye da Batjak, velho e numa cadeia de rodadas mas ainda chefe de um império. Sua única fraqueza era não poder resistir à audácia de qualquer companheiro, que sempre apelava ao seu coração aventureiro. Agora eu os via a todos sob luz diferente. E não



Segurei-a pelos pulsos. — Aqui?

pude deixar de fazer mais perguntas sobre Angelique. — Foi excelente esposa e mãe, — disse ele. — Morreu ao ter nosso terceiro filho. Se fosse viva, talvez eu não tivesse erguido este monumento à vingança. — E Sidneye esperava a resposta: Se eu queria abandonar Ralls para ficar ao lado dele? Era quase dia e eu sabia que ao nascer do sol Ralls atacaria, como combináramos. — Decida-se, — disse Sidneye, — fica conosco ou com Ralls? Bem, dou-lhe o dia inteiro para pensar. — E me encaminhei para a praia pensando muito... Não podia tomar qualquer decisão sem primeiro me explicar com Ralls... uma explicação completa. A meio caminho da praia eu de repente me lembrei de que Ralls se embe-



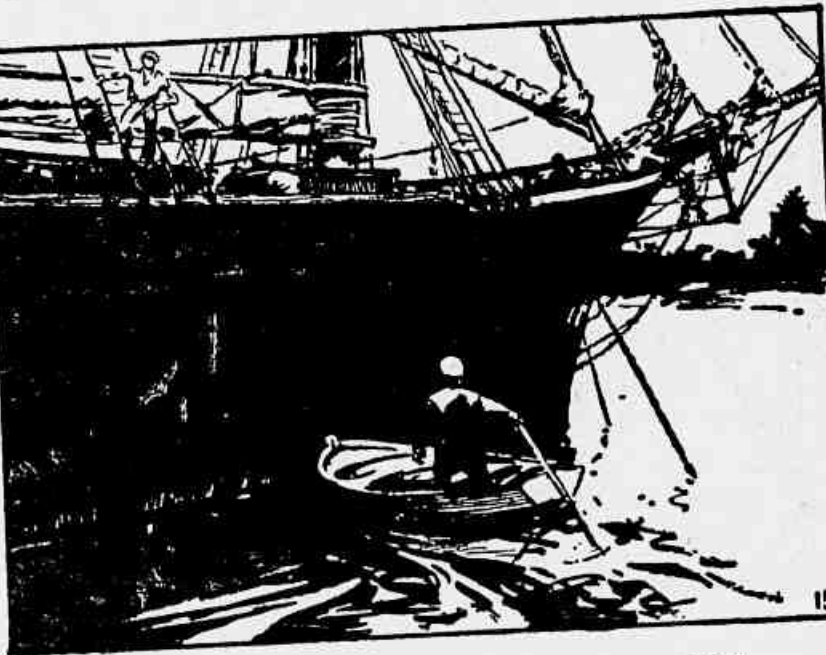
Ralls empunhava o chicote...

bedara e que devia ter desabafado em cima de alguém. De Teleia? Em pânico, corri de volta à casa, parando e ficando como um idiota ao vê-la sentada no jardim. Sorriu-me, mas não lhe dei tempo para saudações: — Viste Ralls à noite passada? — Vi, por volta das onze. — agarrei-a pelos pulsos: — Que! Depois do que eu te disse, depois... — "Mijnheer"! Que lhe pode importar isso? — Mas vendo o meu estado, resolveu contar a história. Ralls aparecera a bordo do "Flores" quando ela estava sozinha. Estava embriagado e levava o chicote. — Ele estava alucinado, — continuou Teleia, — pálida com os olhos dilatados, lábios apertados. Entrou no meu camarote, brandindo o chicote. Procurei sorrir mas não pude, estava com muito medo...



— Anseio pelo fim de tanto ódio...

Transbordante de ódio, fiquei a ouvi-la: — Quando ele ergueu o braço, falei assim: "Já ouvi a história de Ralls. Já ouvi também sobre o seu amor por Angelique". Isso foi o bastante. Ele baixou o chicote e disse: "Sinto muito, Angelique, perdoa-me". Repetiu a frase e depois saiu. — Suspirei de alívio. — Tiveste sorte. — e depois saiu. — Suspirei de alívio. — Confiar nele, agostei eu. — Devias ter um guardião. Confiar nele, agostei eu. — Ela pôs a mão no meu ombro. — Creio que sim, Sam. Anseio pelo fim de tanto ódio... Ergueu o rosto para mim. — Há uma coisa que quero saber, — disse para mim. — Tentado a perguntar se lhe seria possível aprender a amar Sam Rosen. Mas estupidamente, covardemente, saí com essa: — Preciso voltar para bordo, antes que es- toure o inferno. — E corri para o portão. Parei, olhei



— Vamos a algum lugar? — perguntei.

para trás e vi que ela me olhava. — Já me deste um conselho à noite passada... — falei. — Talvez tenhas mais conselhos para mim... E ela concedeu: — Na lagoa, Sam... de noite!

Na "Garota de Melbourne" havia calma. Alguns malaios trabalhavam na proa. No convés, Ripper e Tewelliger coziam uma vela. Parei na praia, pensando: "Valeremos aonde, Ralls? Para que tanto trabalho?" E decidi acabar com a exibição. O capitão estava perto do mastro grande. E naquela hora eu o vi como um estranho de cara familiar, o filho de Taaro Tiki, o comandante do "Cervo Dourado". — Alô, Sam, — gritou. — Não pense que te abandonei hoje de manhã. Vi quando vol-



— Estão perdendo tempo! — comentei.

tastes ansioso em busca não sei de que... — Vamos a algum lugar? — perguntei friamente. — Vamos. E acho que tu sabes aonde. — E pondo as mãos nos quadris: — Convertido, Sam? — Não, respondi devagar, — apenas cismado. Já se passaram os dias em que eu ia na tua conversa. — Os outros nos observavam, Ralls riu. Eu estava de mau humor e doído por um barulho. Falei: Ripper, tu e Tewelliger estão perdendo tempo. Este navio não vai a lugar nenhum. — E Ralls: — Fala direito, Sam. — Com quem? — respondi, descendo a escada para o meu camarote. Cinco minutos depois peguei no sono e quando abri os olhos o sol estava a pino, lançando a sombra do barco diretamente ao fundo da laguna...

NA ESTEIRA DO "BRUXO VERMELHO"

Este folhetim continuará no próximo número, nestas mesmas páginas.

Tradução de JORGE A. FORTES, especialmente para REVISTA DA SEMANA



— Nada disso, idiota!

Uma brisa leve recebeu-me no convés. Sentia-me só e sabia por que. Na véspera eu provara as delícias da vida civilizada. E a mão fria de Teleia me acenava... Ralls não estava a bordo. Ripper trabalhava numa vela. — Esquece isso e faz o que te vou dizer, se dás algum valor à tua carcaça. Talvez eu possa salvá-la para ti. — Não soa bem, sôr Vai havê barulho? — Em penca. O dono do "Bruxo Vermelho" e o homem da cadeira de rodas. — Instintivamente Ripper levou a mão à pistola. — Nada disso, idiota. Basta obedecer-me. — Está bem, sôr. — Ele se afastou e eu vi Ralls que chegava. Restavam-me seis horas para a decisão. Ralls, — quero que os rapazes nos levem para uma volta na laguna. Quero mostrar-te uma coisa. — Está muito bem, Sam. Estou



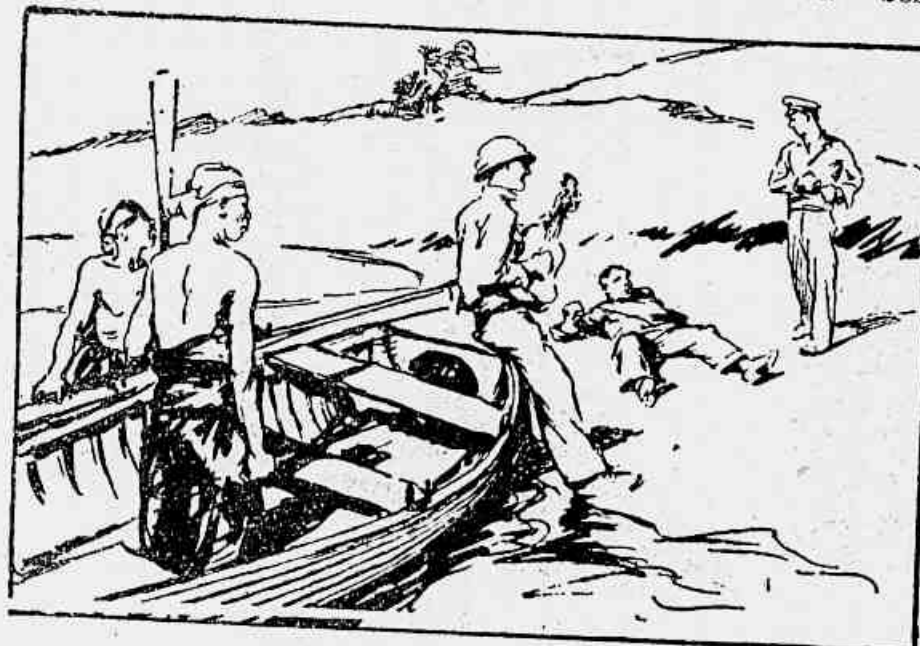
— Podíamos dinamitá-las...

às tuas ordens. — Enquanto dois malaios preparavam o bote, apanhei dois óculos de proteção e uma garrafa de gin. Logo depois fomos a remo para a boca da laguna, enquanto eu explicava a Ralls que não apreciava a sua conduta em relação a Carter e a Teleia. Ele não respondeu. Terminei assim: — Não vou atraiçoar-te, Ralls. Mas saíras daqui sozinho. — Desta vez ele me olhou espantado, pela primeira vez em sua vida. Meus planos satisfariam a minha consciência... ajudaria Ralls a fugir, mas sozinho. Eu, ficaria à espera da minha oportunidade. Chegamos afinal à boca da laguna e vimos o que eu esperava... as barras de ferro, presas pelos cabos, fechando a saída para o mar. Ralls comentou: —



— Vais responder por isto!

Podíamos dinamitá-las... — Concordei, expliquei-lhe que fizera parar o trabalho a bordo da "Garota de Melbourne": seria um aviso para Sidneye. Saltámos num cano de areia para discutir o plano de ação, e, enquanto eu fazia, chegou Carter de violão em punho, começando a tirar versos sobre a barreira de ferro que fechava a laguna. Ralls disse-lhe que parasse mas não foi atendido. Quando Carter começou a falar em Teleia, Ralls se mexeu e literalmente o arrasou. Pespegou-lhe um direito que mandou Carter, violão e tudo o mais a dois metros de distância, dentro d'água. Rebelei-me então contra aquele método de resolver tudo a murros, ouvi minha própria voz, furiosa: — Ralls, vais responder por isto...



Ralls tombou a dois passos...

Ele ainda procurou evitar o choque. — Deixa de ser tolo. — Mas vendo que não havia jeito suspirou resignadamente e aguardou meu ataque, tranquilo, despreocupado. Procurei um ponto para o primeiro murro. Sabia que não estava me divertindo com um nativo ou com um lutador incapaz, mas com um homem cujo olho era mais mortal que muita arma que anda por aí. E esse olho ainda não caíra em cima de mim, de modo que eu precisava aproveitar o momento. Minhas esperanças, no entanto, eram remotas. Enquanto Carter saía de dentro d'água, esfregando o maxilar, mandei uma direita por baixo do queixo de Ralls que até me fez recuar, fazendo-o cair a dois passos de distância. Sentou-se, quase sorrindo. — Não está mal, Sam, embora o me-



— Ao futuro, — brindou ele.

lhor lugar seja mais próximo do pescoço. — Ele já de pé, mandei-o para o inferno com os seus conselhos e tornei a atacar. Acertei dois e errei um. O rosto dele começou a mostrar contrariedade e pouco depois comecei a ver se formando o olhar que eu temia. Percebi que passara a minha oportunidade... E atirei um direito com todo o meu peso e a minha última esperança. Apoiando-o no queixo ele foi ao chão. Comecei a contar. Quando cheguei ao nove ele encerrou a contagem batendo as palmas como um gongo. — Obrigado, Sam. Eu já ia perder a cabeça quando acertastes esse. — Não aguentei. — Ora, era isso mesmo que eu queria, que perdesse a cabeça. — Agora é tarde, Sam... Diabo, não posso



Teleia acenava-me do "Flores"...

brigar contigo! — E ele pegou na garrafa, tomou um gole e a passou para mim. — Ao futuro. — Num instante desapareceu toda a minha raiva: — A ti, Ralls, tu és maior ainda do que eu pensava. — Obrigado. — e fiquei chocado com o que ouvi então: — Isso vale muito vindo de ti. — Voltávamos para o navio quando vi Teleia acenando do convés do "Flores". Ralls achou que devia haver qualquer coisa errada. E acertou. Chegamos a bordo para encontrar o barco deserto. Nem o mesmo Ripper e Tewelliger tinham ficado. — Sam, — começou Ralls, — foi um truque muito sujo... levar-me a passeio para que a tripulação se pudesse passar para os holandeses...



— Teleia, eu te amo!

Foi difícil mas acabei por convencê-lo de que nada tinha a ver com a fuga da tripulação. Queimado, escrevi um bilhete a Sidneye, que mandei por intermédio de Carter. Pouco depois abordei o "Flores" e chamei Teleia. Acompanhei-a ao camarote, onde conversamos enquanto eu saboreava um aperitivo que ela me preparara. Em dado instante parei de conversar, agarrei-a pelos ombros e quase gritei: — Teleia, eu te amo. — Ela respondeu calmamente: — Eu sei, Sam. — Pensei logo que ela não queria magoar-me, quando uma voz nos interrompeu: — Desculpe, "mijnheer". Virei-me furioso e dei com Van Schreeven, o pai dela. — Recebemos o seu bilhete, — continuou ele. — A tripulação já voltou para bordo. Ripper deu-nos a posição do "Bruxo Vermelho".



— Sam, abriremos caminho para o tesouro!

E quanto à sua declaração à minha filha... fique sabendo que de maneira alguma eu o proibirei de vê-la. A vida aqui na ilha é muito aborrecida e tenho a certeza de que Teleia às vezes se sente muito só... — E com isso, ele desapareceu. Teleia sorria e minhas esperanças cresceram. — Teleia — resolvi-me. — preciso do teu auxílio. Estou por conta com Ralls mas quero ajudá-lo a escapar. — Falei então no bloqueio da barra, acionado por algum motor, eu tinha certeza, e numa metralhadora que eu vira a bordo do "Flores". Deixei-a e voltei à "Garota". A turma estava de volta, armada, e encontrei Ralls em baixo, lidando com arames, bananas de dinamite e estopins. Fui logo dizendo: — Van Schreeven diz que Ripper soltou a localização do "Bruxo Vermelho".

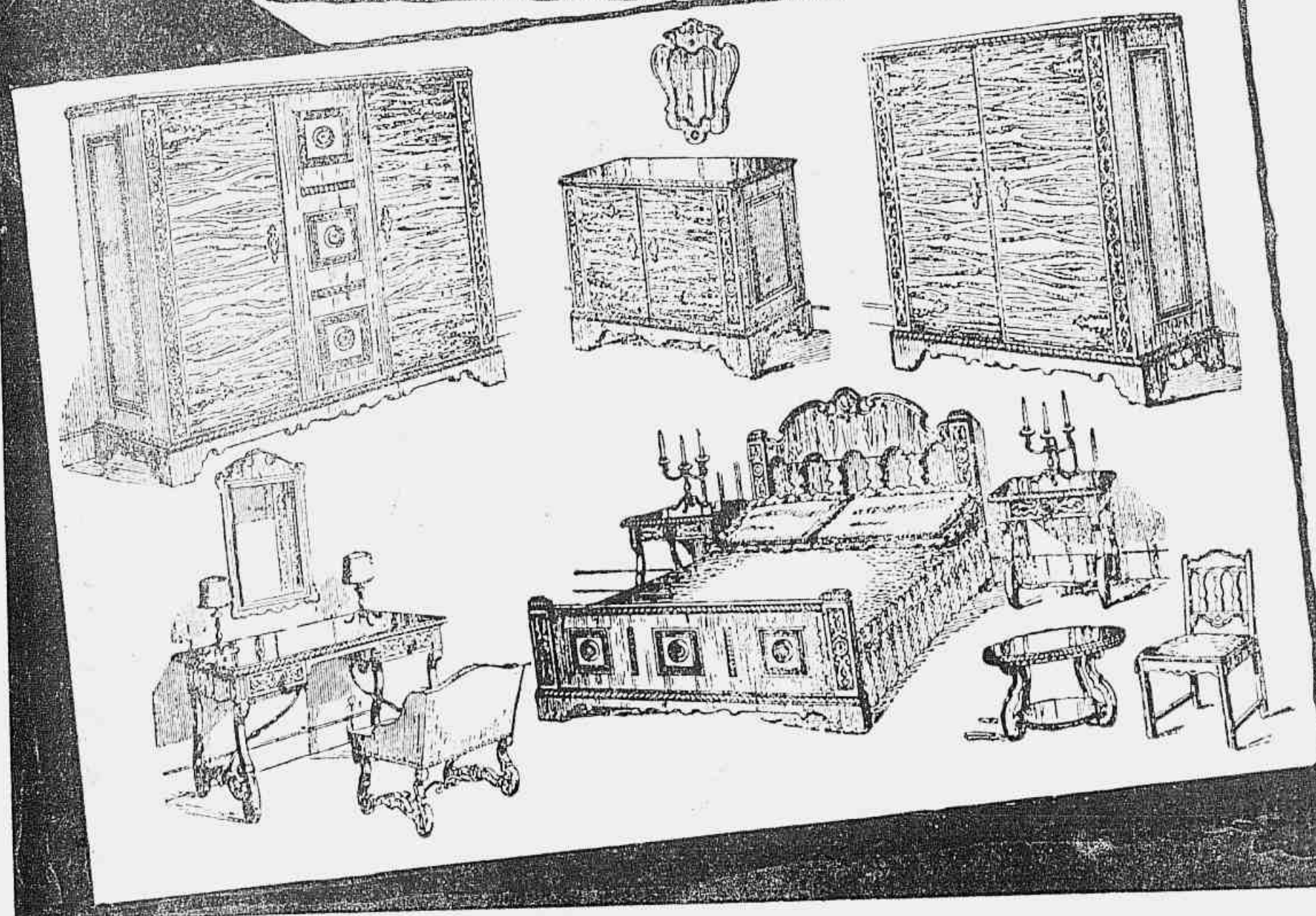
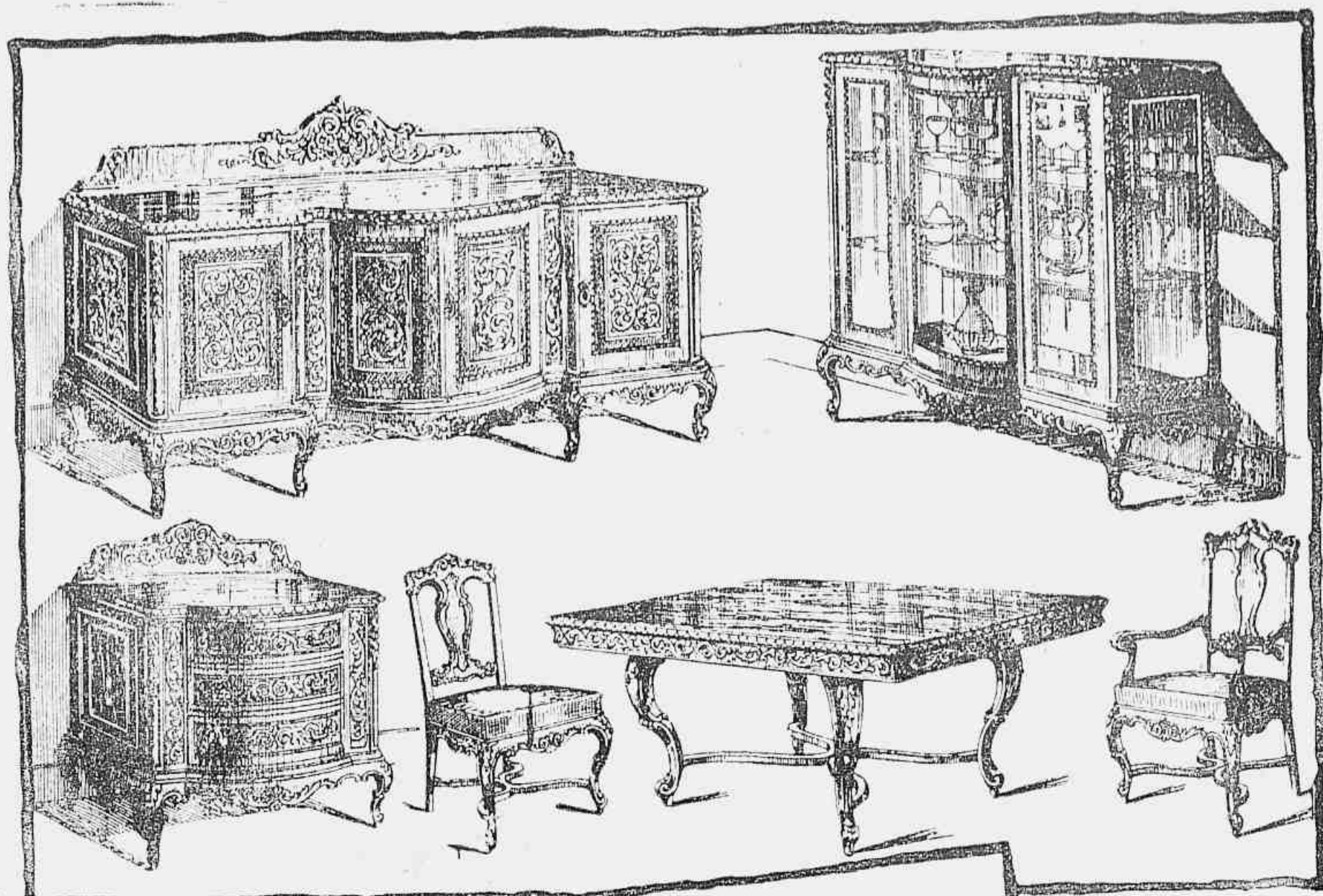


Atirou a metralhadora ao mar...

Ralls sorriu. — Qual deles? Olha, Sam, vai haver muita bruta confusão, aqui. Se quiseres colocar a carga eu tratarei do resto. Depois correremos para o tesouro. Eu mesmo mergulharei. Bateremos o holandês e racharemos meio a meio. O bastante para nos enriquecer para o resto da vida. — Pensei rápido. — Não sei. Que se tu plantares a dinamite agora? Ficarei com a turma e aproveitarei para pensar direitinho. — Meia hora depois Ralls estava mergulhado, como se procurasse perolas. Eu pensava, depressa, esperando que minha decisão fosse acertada. Pousei o olhar no "Flores". Saltei quando vi Teleia, no convés. Ela se debruçou na amurada, fez-me um sinal e sem mais aquela atirou nas águas uma coisa comprida e pesada, que afundou. Era a metralhadora...

Sala de Jantar Renascimento

Imbuia esculpada
buffet
etagere
cristaleira
mesa de extensão
2 poltronas e
6 cadeiras
estofadas de couro



Dormitório

Imbuia esculpada
com aplicações de
furo batido
Guarda-vestidos
Guarda-casacas
Camiseiro com
espelho separado
penteadeira
banqueta
2 mesinhas
mesa de centro
cama de casal.
2 cadeiras

Mobiliários e decorações

TAPETES — PASSADEIRAS — TECIDOS — CORTINAS
EM SORTIMENTOS E PREÇOS QUE NÃO ADMITEM CONFRONTO



ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

Fundada em 1912

65 — RUA DA CARIOCA — 67

ORÇAMENTOS E SUGESTÕES POR TÉCNICOS ESPECIALIZADOS EM DECORAÇÕES

